

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

CARLA FERNANDA BARBOSA MONTEIRO

Construção de Sentidos sobre Vida de Qualidade
por Agricultoras Familiares

MARINGÁ- PR
2015

CARLA FERNANDA BARBOSA MONTEIRO

Construção de Sentidos sobre Vida de Qualidade
por Agricultoras Familiares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Murilo dos Santos Moscheta

Maringá
2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

CARLA FERNANDA BARBOSA MONTEIRO

Construção de Sentidos sobre Vida de Qualidade por Agricultoras Familiares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Murilo dos Santos Moscheta
PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Profa. Dra. Márcia Campos Andrade
DPI/Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. José Ozinaldo Alves de Sena
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro
Universidade Federal de Pernambuco

Aprovada em: 27 de Março de 2015.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118, campus da Universidade Estadual de Maringá.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por poder realizar um trabalho tão gratificante para mim. E a todos que contribuíram para a criação deste. Agradeço ao meu esposo Saulo, que em tudo me apoiou e incentivou com amor e paciência, agradeço a minha família pelo apoio. Aos meus pais, especialmente, por todo esforço e amor em mim investidos. Agradeço ao meu irmão Giovani, que colaborou criativamente com esse trabalho. Agradeço aos amigos pelo apoio e consideração.

Estendo minha gratidão, especialmente, a minha companheira de orientação Fernanda Elisa Aymoré Ladaga. Agradeço imensamente ao Professor e orientador Doutor Murilo dos Santos Moscheta, pelo voto de confiança e pelo empenho durante esta caminhada. Igualmente agradeço ao Professor e amigo Doutor José Ozinaldo Alves de Sena, por ter me apresentado esta realidade da agricultura familiar e por ter contribuído com importantes considerações na qualificação.

Agradeço, ao Professor Doutor Francisco José Batista de Albuquerque pelo apoio. À professora Doutora Márcia Campos Andrade, pelo acolhimento e orientações tão cuidadosas. À professora Doutora Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro por ter se disposto a contribuir mesmo diante de tamanha distância, valorizando, assim, meu interesse pelo tema.

Agradeço também ao professor Fábio José Orsini Lopes pelo encorajamento desde a minha graduação. À querida professora Elmita Simonetti Pires que me ensinou o amor pelas histórias e pela poesia.

Agradeço, ainda, a todos os alunos e companheiros do Núcleo de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável da Universidade Estadual de Maringá. Estes me apoiaram, ouvindo, opinando, e contribuindo tanto na construção do projeto, como na realização do mesmo. Com paciência, competência e dedicação, valorizando a priorização dos aspectos humanos da produção agroecológica. Em especial agradeço os colegas: Luciane Hisano, Tadeu Júnior, Rafael Caldas, Priscila Rocha, “Mariazinha”, Leila Sena, e novamente o Professor. Dr. Ozinaldo Alves de Sena.

Agradeço também aos colegas da Uningá pelo apoio; ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, especialmente a secretária do Programa, Tânia, que em todo o tempo mostrou-se receptiva e empenhada em contribuir para a realização desta etapa.

Agradeço também a CAPES pelo incentivo a esta pesquisa. E também O CNPq pelo incentivo à pesquisa de iniciação científica, realizada durante a graduação, onde nasceu a ideia para este projeto maior.

Finalmente, a todas as agricultoras participantes da pesquisa, bem como aos seus familiares que nos receberam tão abertamente e que enriqueceram esta caminhada com suas histórias como co-construtoras deste trabalho.

EPÍGRAFE

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.
As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.
Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

José Paulo Paes

Construção de Sentidos sobre Vida de Qualidade por Agricultoras Familiares

RESUMO

O conceito de qualidade de vida tem sido amplamente utilizado como fator de avaliação nas áreas de saúde e bem-estar social. A partir da década de 1990, questionamentos sobre a visão de saúde ampliada enriqueceram a discussão sobre o que significa ter uma vida de qualidade. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde compreende que o conceito tem multiplicidade de sentidos, depende de inúmeros fatores e é subjetivo. No entanto, foram desenvolvidos instrumentos para medir a qualidade de vida das pessoas. Assim, o nível de qualidade de vida passou a ser fator importante para a avaliação de programas governamentais e outros. Este estudo qualitativo de base construcionista social teve por objetivo construir novos sentidos sobre vida de qualidade com um grupo de 5 mulheres da agricultura familiar da mesorregião noroeste do Paraná. O discurso das mulheres, denominado Vida de Qualidade, foi analisado e comparado ao discurso científico de Qualidade de Vida. Foram estabelecidos semelhanças, diferenças e especificidades dos discursos. O estudo foi desenvolvido em dois momentos de interação com o grupo. O primeiro com entrevistas individuais e o segundo, um encontro conjunto, em que foram discutidos os temas mais recorrentes sobre o que as mulheres disseram ser uma vida de qualidade. Concluímos que, apesar de os discursos das mulheres apresentarem semelhanças com o que prevê a literatura científica sobre o tema, há inúmeras questões apontadas pelo grupo que ainda não são consideradas nos instrumentos tradicionais. Vida de qualidade para as mulheres envolvidas na pesquisa pressupõe visibilidade, autonomia, confiança, independência financeira e investimento em si mesmas. Há, portanto, um afunilamento do sentido de “ser mulher” para as agricultoras, já que essa identidade se fundamenta basicamente na prática dos cuidados familiares, apesar de apresentarem pontos positivos em relação ao fato de viverem e produzirem no campo. Espera-se que este trabalho possa contribuir com a produção de novas realidades para as mulheres agricultoras, no sentido de torná-las autoras de suas narrativas. Além disso, pretende-se problematizar questões como a invisibilidade e a violência de gênero no campo na para a avaliação da qualidade de vida da população rural.

Palavras- chave: Mulheres; Agricultura; Construcionismo Social; Qualidade de Vida.

ABSTRACT

The concept of quality of life has been widely used as an evaluation factor in health and social welfare. From the 1990s discussions about expanded health vision enriched the discussion about what it means to have a quality life. And so, the concept of quality of life also suffered reformulations. Currently, the World Health Organization understands that the concept has multiple meanings, depends on multiple factors and is subjective. However, instruments have been developed for the assessment of quality of life. The level of quality of life has become an important factor for evaluating government programs and others. This study, qualitative based on social constructionist, aimed to build new meanings for quality of life with women of small farmer northwest middle region of Paraná. As well as questioning from the analysis of their discursive practices, gender issues that underlie their assessment on the subject. The study included five women farmers, who gave individual interviews. In addition to a joint meeting where the most recurrent themes were discussed about what the women said to be a quality of life, still producing new meanings. Meaning construction were described and discussed by the researcher with a focus on gender issues, based on social constructionism. We conclude that despite the women's discourse bears some resemblance to what provides the scientific literature on the subject, there are numerous issues that are no longer considered in traditional instruments. Quality of life for women refers to visibility, autonomy, confidence, financial independence, and investment in itself. This however does not represent the reality of them, who give personal dreams justifying this stance by the love of family, work and others. Therefore, there is a bottleneck of the sense of "being a woman" for farmers, since the identity is based primarily on the practice of family care. It is hoped that this work can contribute in the production of new realities for women farmers in order to make them authors of their narratives. In addition to discuss issues such as invisibility and gender violence in the field in the evaluation of the rural population quality of life

Keywords: Women; Agriculture; Social Constructionism; Quality of Life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1- Dados das Produtoras entrevistadas.....	p.60
Quadro 2 - Subcategorias elencadas a partir das entrevistas.....	p.67
Quadro 3- Domínios utilizados na WHOQOL-100.....	p.76
Figura 1 – A Onça e seus papéis.....	p.78
Figura 2 – Joana de Barro.....	p.80
Figura 3 – A Galinha Gigi	p. 82
Figura 4- As Andorinhas Companheiras.....	p. 83

Sumário

PARTE I: A CONSTRUÇÃO DO CAMPO TEÓRICO	15
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 A POLISSEMIA DO DISCURSO SOBRE QUALIDADE DE VIDA.....	19
1.1.1 OS PRIMÓRDIOS DA QUALIDADE DE VIDA: DEFINIÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO	19
1.1.2 O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE QUALIDADE DE VIDA: APROXIMAÇÕES ENTRE QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE.....	21
1.1.3 É POSSÍVEL MEDIR A QUALIDADE DE VIDA? INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	24
2. AGRICULTURA FAMILIAR E GÊNERO	29
2.1 HISTÓRICO DO LUGAR FEMININO	29
2.2 GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR.....	33
2.3 AGRICULTURA FAMILIAR NO PARANÁ	37
3. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A PROPOSTA CONSTRUCIONISTA.....	41
3.1 O PROCESSO HISTÓRICO DE CRIAÇÃO DE UM DISCURSO FIDEDIGNO	41
3.2 O DISCURSO CONSTRUCIONISTA SOCIAL	46
PARTE II- O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO	51
4. O PROCESSO METODOLÓGICO DE PESQUISA SEGUNDO A PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA SOCIAL	52
4.1 OBJETIVOS	54
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	54
5. MÉTODO.....	55
5.1 DESCRIÇÃO DO MÉTODO E CONTEXTO	55
5.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	59
Quadro 1. Dados das produtoras entrevistadas.....	60
6. RESULTADOS.....	62
6.1 VIAGENS.....	61
6.1.1 PRIMEIRA VIAGEM: CÉLIA – “O VINHO AMARGO DA SOLIDÃO”	61
6.1.2 SEGUNDA VIAGEM: CECÍLIA, “A SONHADORA”	62
6.1.3 TERCEIRA VIAGEM: JOANA – “A MÃE DA TERRA”.....	63
6.1.4 A QUARTA VIAGEM: MARIANA “À ESPERA DA TURMA”	64
6.1.5 QUINTA VIAGEM: SÔNIA “A MULHER FORTE E DOCE”.....	65
7. SUBCATEGORIAS E TÓPICOS ELENCADOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS	67

7.1. QUADRO 2 - APRESENTAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS ELECADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS	67
7.2 TÓPICOS ELEGIDOS A PARTIR DA ANÁLISE DAS SUBCATEGORIAS ..	69
7.3 QUADRO 3: DOMÍNIOS UTILIZADOS NA WHOQOL-100 (QUESTIONÁRIO BASE DA WHOQOL-BREF)	76
8. O “ENCONTRO CONJUNTO”	77
8.1 NARRATIVAS	77
8.1.1 FAMÍLIA: A ONÇA E SEUS PAPÉIS	78
8.1.2 TRABALHO: JOANA DE BARRO, LUTAS E GRATIFICAÇÕES	80
8.1.3 AUTONOMIA: A GALINHA GIGI	82
8.1.4 COMPANHIA: AS ANDORINHAS COMPANHEIRAS	83
9. DISCUSSÃO	86
9.1 MOMENTO DE INTERAÇÃO COM REGISTROS	86
9.1.1 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM CÉLIA.....	86
9.1.2 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM CECÍLIA.....	88
9.1.3 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM JOANA	89
9.1.4 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM MARIANA	90
9.1.5 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM SÔNIA	91
9.2 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS E DOMÍNIOS	93
9.3 RECONSTRUINDO SIGNIFICADOS CONJUNTAMENTE.....	95
9.3.1 SIGNIFICADOS SOBRE O LUGAR DA MULHER NA FAMÍLIA	95
9.3.2 SIGNIFICADOS SOBRE O LUGAR DA MULHER COMO TRABALHADORA	99
9.3.3 SENTIDOS SOBRE AUTONOMIA	109
9.3.4 SIGNIFICADOS SOBRE COMPANHEIRISMO PARA AS MULHERES	
113	
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
REFERÊNCIAS	126

APRESENTAÇÃO

Meu envolvimento com o tema se dá desde a infância, ainda quando morava em uma pequena cidade do interior do Paraná, Paranavaí. Sua economia baseava-se principalmente na produção de café, laranja e criação de gado. Ao morar em um bairro afastado tive uma infância bem “ruralizada” mesmo vivendo em área urbana. Em dias de brincadeira, eu e meus primos procurávamos o riozinho mais próximo para brincar e colhíamos frutas. Durante as férias escolares, eu costumava passar alguns dias no sítio da Tia Nira onde conheci um pouco mais da vida campesina.

Tempos depois, ao ingressar no curso de Psicologia, tive a felicidade de ser apresentada ao Professor Dr. José Ozinaldo Alves de Sena que me convidou para realizar uma pesquisa de iniciação científica sobre mulheres da agricultura familiar.

O projeto de iniciação científica foi realizado por mim em 2011 em parceria com o NADS (Núcleo de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável) da Universidade Estadual de Maringá. Teve por objetivo comparar níveis de QV (Qualidade de vida) e BES (Bem-Estar Social) de mulheres participantes do PAF¹ com mulheres que não participavam do PAF. Uma pesquisa quantitativa que previa análise estatística dos dados e discussão calcada em pressupostos da Psicologia Social.

A pesquisa contou com a participação de 38 mulheres. Foi utilizada como metodologia a aplicação de questionário fechado para medir níveis de QV e BES, baseado no questionário (WHOQOL-bref), testada e validada no Brasil (Oms,1998). Todas as respostas foram tratadas estatisticamente. Os resultados sugeriram não haver diferença estatística entre os níveis de resposta das mulheres que participaram do PAF e as que não participaram, em relação ao item Qualidade de Vida.

O conceito adotado na pesquisa anterior sobre QV foi a de que “é uma noção eminentemente humana que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial” (Minayo, 2000, p. 03). Esta conceituação também é adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera certos *indicadores*, como educação, cultura, nutrição, trabalho, moradia, transporte, segurança, lazer, condições de renda, acesso aos serviços de saúde e ao ambiente saudável, como determinantes na qualidade de vida do sujeito.

¹ PAF- Produção agroecológica familiar vinculada à Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e ao Departamento de Agronomia da Universidade Estadual de Maringá.

Retornando à pesquisa primeiramente realizada, constatamos que o grupo de “participantes do PAF” apresentou indicadores mais positivos no que se referiu à moradia, renda, alimentação e escolaridade, mas não se considerava mais feliz que o outro grupo de mulheres (Monteiro, 2011). Algumas mulheres que apresentavam nível satisfatório de QV, segundo o questionário e a tabela (WHOQOL-bref), queixaram-se da longa jornada de trabalho, da morte de entes queridos, das relações conjugais, entre outros. Outras delas não “sabiam” o que era Qualidade de Vida, mesmo assim participaram da pesquisa. Os resultados possibilitaram a problematização da metodologia utilizada, que foi considerada insuficiente para abarcar todas as respostas e nuances dos encontros com as mulheres, bem como de seus relatos e queixas.

A escolaridade e as melhores condições de renda não garantiram maiores níveis de QV para as mulheres participantes do PAF, mesmo que essas considerem suas condições de vida “boas” ou “excelentes”. As principais queixas relatadas pelas mulheres pesquisadas foram: excesso de trabalho, múltiplas tarefas; realização de trabalhos exaustivos; baixa remuneração; falta de lazer; falta de diálogo entre o casal com os parceiros; saída de filhos do meio rural em busca de oportunidades de emprego; desgastes físicos e psicológicos e mortes no trânsito. Essas queixas não puderam ser medidas, pois o instrumento utilizado não possibilitou a tabulação de tais dados, apenas foi registrado que pelo fato de a carga horária de trabalho ser maior, a renda também foi maior, isso sim foi considerado um indicativo de “nível satisfatório de QV”.

Foi problematizado também o fato de que talvez o grupo de mulheres entrevistadas tivesse um conceito próprio, produzido no cotidiano, sobre o que os pesquisadores denominaram cientificamente de “Qualidade de Vida”. Segundo Iñiguez (2002), as práticas cotidianas geram conceitos utilitários e não universais correspondentes às características sociais do grupo que os denominam. O conhecimento ou formação de uma categoria social é uma construção histórica e coletiva.

Sendo Qualidade de Vida uma categoria social, como poderia um pesquisador que não está inserido no mesmo contexto investigado, medir o nível de satisfação de um grupo, a partir do que se trouxe pronto e não do que ouviu? A partir dessa problematização considere necessário utilizar uma metodologia de pesquisa que abarcasse as questões levantadas e que possibilitasse uma descrição que pertença mais ao grupo em questão, ou seja, uma pesquisa que buscasse compreender os sentidos que o grupo constrói sobre sua vida campesina, dificuldades, facilidades e possibilidades.

Assim, a iniciativa para a realização desta pesquisa de base construcionista veio através de críticas elaboradas a partir de uma pesquisa de um estudo de iniciação científica por mim realizado e citado anteriormente, que se baseou no paradigma tradicional de produção científica. Após a problematização da metodologia e teoria que orientava tal estudo, organizei o projeto de mestrado denominado “Construcionismo Social e Agricultura Familiar, uma análise Psicossociológica de Agricultoras do Vale do Ivaí”.

Esta nova proposta teve como principal objetivo construir com as mulheres, sentidos sobre Vida de Qualidade e problematizar as questões de gênero que perpassam essa avaliação. Finalmente, o projeto de mestrado foi submetido à análise do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Maringá e aceito para a orientação do professor Dr. Murilo dos Santos Moscheta.

Para a realização da pesquisa adotei a metodologia Construcionista Social e contei com a colaboração dos bolsistas do NADS para a realização das viagens até as propriedades rurais das participantes.

Apesar do estranhamento, tanto dos agricultores quanto dos colegas de profissão sobre minha atuação nesta área, pude, através do referencial do Construcionismo Social, compreender que posso contribuir na criação de realidades diferentes, mesmo que isso implique em tomar café ou sujar a bota de barro. E assim construir novos caminhos também para a psicologia.

PARTE I: A CONSTRUÇÃO DO CAMPO TEÓRICO

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo foi investigar os sentidos que 5 agricultoras familiares, participantes de duas Associações de produtores orgânicos do estado do Paraná, compreendiam por Qualidade de Vida. O propósito foi criar diferentes descrições e realidades sobre o que significa ter uma Vida de Qualidade. Diante de questões cruciais como a posse da terra, o bem-estar familiar, o trabalho, o mercado e a saúde, elas percorreram um panorama por vezes esquecido, em uma dimensão feminina dessa conjuntura.

Especificamente buscou-se identificar os discursos utilizados pelas mulheres na construção de sentidos sobre Vida de Qualidade; discutir os limites e possibilidades dos instrumentos de avaliação de Qualidade de Vida, além de problematizar e discutir as questões de gênero que perpassam a vida dessas mulheres.

Esse estudo justifica-se pela representatividade da população feminina no meio rural no estado do Paraná, e ainda pela necessidade de se criar novos sentidos tanto sobre a população rural quanto sobre a visão no que se refere às suas condições de vida.

O estado do Paraná pode ser caracterizado como um Estado majoritariamente agrícola. Segundo dados da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), de seus 399 municípios, 367 têm menos de 50 mil habitantes e, nas cidades menores, concentra-se a população rural. Das 374 mil propriedades rurais do Paraná, 317 mil são de agricultores familiares. Temos, então, um estado com um grande número de pequenos municípios que vivem de atividade agrícola com predominância da agricultura familiar.

Segundo o Censo do IBGE (2010), a população rural do estado chega a 1.533.159 (um milhão quinhentos e trinta e três mil, cento e cinquenta e nove) habitantes, o que representam 15% de toda a população. Com o intuito de atender a população rural, principalmente os agricultores familiares, a Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná elencou diretrizes orientadoras para o desenvolvimento rural. São essas: Fortalecimento das Economias Locais; Cidadania e Inclusão Social e Preservação.

A representatividade financeira da agricultura familiar é um dos fatores pelos quais o estado do Paraná tem investido em políticas que viabilizem a permanência do agricultor no campo (Ipea, 2010). O crédito facilitado, as parcerias com escolas, presídios e outros serviços sociais que consomem parte do que é produzido nas propriedades são maneiras de amenizar o êxodo rural. Este é caracterizado pela literatura da área como a

emigração da população rural para áreas urbanas, tendo como principal causa a falta de capacidade produtiva ou falta de condições de subsistência.

As diretrizes apresentadas anteriormente têm por objetivo fortalecer a população rural, majoritariamente formada por pequenos agricultores familiares, de modo que o êxodo não ocorra, o que diminuiria o desenvolvimento das pequenas cidades cercadas pela população rural. Segundo Michelin (2006), o processo de monocultura e mecanização gera renda concentrada e não possibilita o desenvolvimento financeiro e a continuidade da população de agricultores familiares nestas regiões. As grandes monoculturas de soja e cana-de-açúcar encabeçam o agronegócio paranaense, mas dispensam mão de obra humana ao utilizarem mecanismos especializados.

Apesar do aparente investimento governamental em questões da terra, o Brasil vive problemas de distribuição de renda e terra desde sua colonização. Durante o processo de colonização, estrangeiros e indígenas vivenciaram extensas e sangrentas lutas pela terra. Exploração, dominação e trabalho escravo forjaram os primórdios da organização social do país, a “manutenção dos privilégios e do poder dos grupos dominantes”, culminaram em uma realidade de desigualdade social crônica e histórica (Cfp, 2013).

“É nesse contexto que a reforma agrária se apresenta como um conjunto de políticas de democratização de acesso a terra e de acesso às oportunidades de melhoria da qualidade de vida da população rural que se encontra marginalizada dos processos econômico, social, político e cultural do país. A reforma agrária visa transformar as condições históricas de submissão, dependência e desqualificação a que essa população tem sido submetida, em condições efetivas e concretas de cidadania com exercício pleno de direitos e responsabilidades”. (Referências Técnicas para Atuação das(os) Psicólogas(os) em Questões Relativas a Terra / Conselho Federal de Psicologia, 2013, p.33).

A luta pela reforma agrária no Brasil é uma realidade desde meados dos anos 1960. Mas foi somente na segunda metade dos anos 1970 e 1980 que passou a ser mais significativa com a ampliação e maior visibilidade do movimento dos trabalhadores sem-terra (Cfp, 2013).

A pesquisa aqui apresentada não trata especificamente da população rural participante do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra no Brasil, mas considera o movimento como primordial para a problematização das questões de terra em nosso país. Esse processo foi marcado por exploração, produção de riqueza e partilha desigual (Santos, 2011) e ainda, muitas vezes, é visto de forma romântica e banalizada. Todos

querem “uma casa no campo” e uma vida sossegada como a do Jeca Tatu, mas pouco se sabe dessa realidade.

Compreender novos sentidos sobre ter uma Vida com Qualidade significa criar novos caminhos para a população investigada. O termo Qualidade de Vida pode ser caracterizado como “uma noção eminentemente humana que tem sido aproximada ao grau de satisfação encontrado na vida familiar, amorosa, social e ambiental e à própria estética existencial” (p. 03). É uma noção subjetiva que, portanto, deve levar em conta o sujeito entrevistado, bem como seu contexto histórico, econômico, social e familiar.

Percebe-se com isso a amplitude do conceito de qualidade de vida e, conseqüentemente, a dificuldade em “melhorar a qualidade de vida das pessoas” ou mesmo em definir se a população tem ou não qualidade de vida, já que se trata, entre outras coisas, da avaliação pessoal de fatores materiais e subjetivos.

Para a realização do estudo adotei a metodologia Construcionista de pesquisa-ação que sugere que todas as nossas práticas e a noção de realidade são co-construídas através de inteligibilidades conversacionais, ou seja, são concebidas conjuntamente. A investigação construcionista “preocupa-se com a explicitação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem” (Gergen, 1985).

Para a realização das discussões proponho o seguinte caminho: primeiramente, apresento o conceito de QV, seus primórdios, o discurso científico e o senso comum sobre o assunto, além de instrumentos de aferição e sua proximidade com o termo saúde, bem como reflexões sobre QV e agricultura familiar.

No segundo momento teremos, então, a caracterização da agricultura familiar no Paraná e as mulheres nesse contexto e, em seguida, a problematização das circunstâncias formadoras da atual realidade desta população.

No terceiro momento conheceremos um pouco sobre como os pressupostos construcionistas orientam a metodologia deste trabalho. Finalmente, apresento reflexões e análises realizadas a partir das entrevistas e referencial teórico utilizados nesse trabalho.

1.1 A POLISSEMIA DO DISCURSO SOBRE QUALIDADE DE VIDA

Neste momento tratarei da temática QV desde seus primórdios até os dias atuais: como surgiu; sua definição; fatores associados; métodos de avaliação de QV e o que significa atualmente. Depois disso, situarei a discussão em relação à Agricultura Familiar. Ao final, apresentarei e discutirei novas propostas de compreender QV e suas nuances a partir de uma visão Construcionista Social.

1.1.1 OS PRIMÓDIOS DA QUALIDADE DE VIDA: DEFINIÇÃO E CONTEXTO HISTÓRICO

Atualmente diferentes autores tentam expor conceitos para QV considerando os apontamentos da OMS e uma nova formulação dos aspectos relacionados a ele. Segundo Minayo & Buss (2000), qualidade de vida é uma representação social criada por parâmetros subjetivos e também objetivos, cujas referências são a satisfação de necessidades básicas e criadas no contexto histórico-econômico.

A definição mais comum é a proposta pela Organização Mundial da Saúde que aponta QV como a percepção do indivíduo sobre sua posição na vida, o que envolve valores culturais, condições sociais, materiais, entre outras (Gordia, 2011). Através do seu ambiente ou meio social, o sujeito avaliará sua condição de vida e o quanto se sente satisfeito com ela e, assim, avaliaremos sua QV.

Segundo Minayo (2000), esse conceito é subjetivo e está relacionado a diferentes aspectos da vida, contexto histórico, ambiente e história individual, sendo uma construção social com características da multiplicidade cultural. Isso significa que a QV de cada indivíduo será avaliada por ele mesmo diante de suas condições específicas e que, portanto, o conceito não é algo que possa ser definido por um valor “x” de renda ou um tipo específico de moradia, esses são apenas indicadores que serão individualmente avaliados.

Diante disso, entende-se que o termo QV refere-se a uma avaliação subjetiva de fatores objetivos e subjetivos, realizada por um indivíduo que compartilha um contexto social. Ou seja, o sujeito responde por ele, mas não está sozinho ou desligado das condições que o cercam, antes, é participante e operante na QV de outros pares.

Historicamente o termo QV aparece tanto na sociedade ocidental quanto na oriental. Está presente na filosofia chinesa com os ideais de equilíbrio de forças entre o Yin e Yang, como também na literatura, arte e medicina tradicional. Já na perspectiva

ocidental, no discurso de Aristóteles, a QV está relacionada à felicidade a qual seria representada pela atividade íntegra da alma, como se o indivíduo estivesse realizado, pleno, completo (Gordia, 2011). No entanto, essas são ideias sobre conceitos semelhantes, que apenas futuramente virão a ser considerados QV.

O constructo QV foi primeiramente utilizado nas ciências médicas e apenas posteriormente na Psicologia e Sociologia, sempre relacionado ao tratamento de doenças físicas ou traumas. Foi somente com o fim na Segunda Guerra Mundial em 1945 que a noção de qualidade de vida se associou ao desenvolvimento econômico e poder aquisitivo da população. Momento marcado pela instauração da economia de mercado.

No entanto, o PIB (Produto Interno Bruto) não era capaz de refletir o bem-estar da população, mesmo porque, diante do crescimento econômico dos EUA também cresceu a violência, número de pessoas em situação de vulnerabilidade social, entre outros problemas sociais que surgiram:

O PIB, enquanto indicador de riqueza produzida, não contemplava diversos pontos fundamentais que permitissem analisar o desenvolvimento de uma sociedade, mostrando que o seu aumento era incapaz de gerar melhor qualidade de vida, pois não havia conseguido erradicar a ignorância, a violência e a pobreza; ao contrário, agravou a situação social e ambiental, e foram consolidadas enormes disparidades socioespaciais em todos os aspectos (KRAN & FERREIRA, 2006)

Do mesmo modo o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), instrumento que mede o desenvolvimento da população através da avaliação de renda, natalidade, mortalidade, analfabetismo, PIB e outras variáveis, foi utilizado como indicador de QV da população. No entanto, esse instrumento de avaliação foi contestado por sua característica unilateral, objetiva, o que por vezes não reflete a situação ou satisfação da população. Por isso, a elevação do IDH não necessariamente garantiria a melhoria da qualidade de vida das pessoas, desta forma deveriam ser consideradas também medidas de bem-estar subjetivo que levam em conta aspectos psicossociais.

Somente em 1964, depois da problematização da influência de aspectos psicossociais nos índices de QV, foi que o então presidente dos Estados Unidos, Lyndon Johnson, declarou que o bem-estar da população não poderia ser medido pelos balanços dos bancos, mas pela QV proporcionada às pessoas (Fleck & Pio, 2005). Sendo que esse constructo considera, também, aspectos psicossociais, além de econômicos e materiais. Em 1990 a Organização Mundial da Saúde se reuniu na tentativa de aumentar ou produzir

maior conhecimento científico sobre o assunto, e criou um grupo de estudos para desenvolver instrumentos de avaliação da QV em uma perspectiva cultural (Gordia, 2011).

A partir dessa sistematização convencionaram-se três aspectos fundamentais, mesmo que ainda não haja consenso sobre a definição do tema. São eles: 1) a existência de aspectos objetivos e subjetivos; 2) construto multidimensional; 3) dimensões positivas e negativas. O grupo WHOQOL GROUP da Organização Mundial da Saúde definiu QV como “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas de valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (Fleck & Pio, 2005, p.25).

A partir da problematização e da reformulação do conceito de QV, agora mais subjetiva e social, buscou-se criar indicadores para a avaliação da QV das populações. Minayo e Nahas (2000) sugerem indicadores socioambientais como moradia, renda, alimentação, escolaridade, condições de transporte, lazer, saneamento, assistência médica e condições de trabalho. Hereditariedade e estilo de vida são classificados como parâmetros ou indicadores individuais.

1.1.2 O DISCURSO CIENTÍFICO SOBRE QUALIDADE DE VIDA: APROXIMAÇÕES ENTRE QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE

O governo Federal Brasileiro, com o objetivo de assistir os produtores de forma mais efetiva, criou o Ministério do Desenvolvimento Agrário que através de assistência técnica e extensão rural visa oferecer recursos para a melhoria de qualidade de vida, e sugere que esta depende de diferentes fatores externos e subjetivos. Seu objetivo é:

Melhorar a renda e a qualidade de vida das famílias rurais, por meio do aperfeiçoamento dos sistemas de produção, de mecanismo de acesso a recursos, serviços de renda, de forma sustentável (Brasil, 2011).

A amplitude do conceito QV dificulta a tarefa de “melhorar a qualidade de vida das pessoas” ou mesmo em definir se a população tem ou não qualidade de vida, já que se trata, entre outras coisas, da avaliação pessoal de fatores materiais e subjetivos. O indicador Bem-Estar Subjetivo (BES) tem por objetivo demonstrar o quanto saudável ou satisfeito o sujeito é ou está com suas condições de vida (Minayo, 2000). Diante disso,

considerarei saúde como aquilo que precede a qualidade de vida dos sujeitos, o que pode esclarecer alguns dos impasses até então apresentados.

Dessa forma, do mesmo modo que a QV, a saúde de alguém não poderia ser medida por sua condição física apenas, mas pela relação entre contingências como moradia, alimentação, renda, vida familiar, amorosa, social, ambiental e a própria “estética existencial” (Minayo, 2000). Vemos que o sentido sobre saúde está em construção e se modifica na medida em que nos relacionamos com ele.

Atualmente o termo “promoção de saúde” fortalece a discussão sobre Qualidade de vida e saúde. O termo foi redimensionado pelo pensamento sanitarista canadense a partir do conhecido relatório Lalonde (1974) apud Minayo, (2000). Este conceito foi embasado na concepção atual do que se consideram os determinantes da saúde: 1) o estilo de vida; 2) os avanços da biologia humana; 3) o ambiente físico e social e 4) serviços de saúde. Essa vertente, promoção de saúde através dos 4 determinantes, é hoje a principal estratégia para se pensar a relação saúde/ qualidade de vida.

Segundo Gergen & Gergen (2010), a necessidade de conhecer algo ou saber cientificamente sobre ele, sempre esteve relacionado à busca pela Verdade (com V maiúsculo). No entanto, segundo a proposta Construcionista Social, o conhecimento “é produto de determinadas comunidades, sendo orientado por hipóteses, crenças e valores particulares” (p.79). Diante disso, não existe uma Verdade absoluta, válida para todas as comunidades e, assim, pessoas chamadas de “ignorantes” não o são de fato, apenas não compartilham o conhecimento vinculado pelo grupo que as considera assim.

Por vezes a ciência classifica o senso comum como uma forma “não correta” de ver o mundo. Esse modo de entender o senso comum considera a ciência como ainda mais necessária na busca da verdade sobre a realidade. De acordo com Gergen (2010), a tradicional escrita científica é uma maneira útil, em certas ocasiões, de conhecer e se expressar tradições, podendo ser limitada em outros momentos. Ela pode tornar-se “exclusivista” quando não permite a participação de sujeitos que não são do nicho linguístico. Por isso, compreendo que a tradição científica e a tradição do senso comum são maneiras diferentes de se falar sobre o mundo.

Quando dizemos senso comum, nos referimos aqui ao conhecimento adquirido a partir de experiências, vivências e observação do mundo. Diferente da ciência, para adquirir conhecimento no nível senso comum não é necessário metodologia específica ou mesmo instrumentos de observação. Eu posso saber de “ouvir falar”, ou seja, ao

compartilhar tradições linguísticas de uma época e um povo me apropriado do seu conhecimento comum.

Segundo Oliveira (2003), há muito tempo o conhecimento predominante foi aquele proveniente dos meios populares, e estava diretamente relacionado às necessidades do cotidiano. Na Grécia antiga, por exemplo, temos os mitos como tentativa de explicar fenômenos naturais tais como, trovão, relâmpagos, enchentes etc. Quando as explicações mitológicas passaram a ser insuficientes para explicar os fenômenos, foi necessário, então, buscar outro modo de explicação.

À medida que a ciência foi se desenvolvendo e ganhando cada vez mais espaço como vetor de explicação da realidade, o senso comum tornou-se uma maneira secundária, menos privilegiada, uma tradição menos aceita quando se trata de explicitar fenômenos naturais e sociais. Ainda segundo Oliveira (2003), a ciência e o senso comum estão ligados inicialmente por algum ponto quanto à base de seus conhecimentos, mas afastam-se em seguida, quando a ciência se especializa.

Sabemos, então, que o termo QV tem sido mais profundamente estudado há pelo menos três décadas por cientistas, mas o termo tem seus desdobramentos e implicações também no senso comum. Para isso, visitaremos alguns recortes de revistas semanais e anúncios que trazem o tema QV como chamada, objetivando discutir sobre as práticas discursivas presentes nos anúncios, ou seja, quando o senso comum fala de QV do que estão falando? Utilizamos o termo QV em nossas conversas cotidianas ao nos referirmos a uma alimentação saudável, corpo esbelto, satisfação financeira, falta de preocupações etc. QV tornou-se um sinônimo de sucesso e bem-estar (Gordia, 2011).

Proponho a análise de quatro anúncios que falam de QV.

Anúncio 1: Qualidade de Vida relacionado a exercícios físicos e vida saudável. “Qualidade de Vida: Alternativas simples de levar a vida de maneira mais saudável”.

Anúncio 2. Anúncio sobre QV relacionado à infraestrutura. “Bem-estar e desenvolvimento, Vitória promovendo mais Qualidade de Vida para você”.

Anúncio 3. QV relacionado à alimentação, saúde, beleza. “O projeto Qualidade de Vida visa trazer informação e orientação para toda a comunidade. Aqui no site você encontra dicas de alimentação, saúde e beleza para levar uma vida mais saudável. Confira”.

Anúncio 4. Artigo sobre QV relacionado à atividade física. “Saúde e Qualidade de vida na terceira idade”.

Estas diferentes expressões que aqui apresentei são empregadas em contextos também diversos que, no entanto, fazem sentido no geral, o que demonstra os diferentes modos que o senso comum utiliza o termo QV. Classificarei em: alimentação saudável; exercícios físicos; condições materiais favoráveis e beleza. Estes exemplos caracterizam modelos de conceituação utilizados por essa tradição linguística (senso comum) sobre o que é QV.

A literatura científica não considera que a prática dos exercícios físicos seja Qualidade de Vida, mas que pode promover saúde física, o que seria um indicativo de uma vida com qualidade. Outra ideia presente nos anúncios é o fato de a beleza ser um fator que leva à Qualidade de Vida, o que também não está previsto na literatura acadêmica como um indicativo.

Se considerarmos o que o grupo WHOQOL da Organização Mundial de Saúde definiu em 1995, sabemos que Qualidade de Vida incorpora de forma complexa a percepção que o indivíduo tem de sua vida em relação aos seus padrões e preocupações, considerando seu contexto, cultura e sistema de valores. Diante disso, entendo que a abrangência do termo permite a incorporação de diversos sentidos, o que o torna cada vez menos preciso.

O grupo considera que o termo relaciona-se à saúde física, ao estado psicológico, ao nível de independência, às relações sociais, às crenças pessoais e à relação com aspectos significativos do meio ambiente que tem o sujeito. De modo geral, a imprecisão do tema possibilita a criação de significados múltiplos que refletem, conforme prevê a ciência, nossa percepção da realidade.

Neste momento histórico, segundo a interpretação dos anúncios, investir na aparência esbelta do corpo, ter condições econômicas favoráveis, alimentar-se com produtos naturais e ter possibilidade de consumir tudo isso indicaria viver com Qualidade de Vida. Não se pode deixar de considerar que o discurso do senso comum carrega também elementos de um discurso médico, sobre o que significa estar bem ou saudável. E para isto pressupõe a utilização de recursos da ciência: remédios, tratamentos, complementos alimentares e outros.

1.1.3 É POSSÍVEL MEDIR A QUALIDADE DE VIDA? INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação pessoal da QV é denominada bem-estar subjetivo e o termo refere-se à satisfação pessoal em relação à felicidade e ao estado de espírito. Os estudos que

abordam essa temática esperam contribuir para a compreensão e melhoria da qualidade de vida das pessoas (Giacomoni, 2004). Atualmente os instrumentos mais utilizados em pesquisas com adultos são: Escala de Satisfação com a vida, de Diener (1985) e Escalas PANAS (*Positive and Negative Affect Schedule*) de Watson (1985).

Instrumentos como escalas e entrevistas são utilizados como avaliadores dos níveis de bem-estar subjetivo e qualidade de vida de diferentes populações. O questionário *Nottingham Healthy Profile*, por exemplo, desenvolvido por Fletcher; Dickinson e Philip (1992) é destinado à população idosa, com perguntas relacionadas às condições de vida da população. Há também questionários destinados às populações jovens, como o YAQOL (*Young Adult Quality of Life*), que também é direcionada às condições de vida desta faixa etária.

De forma geral, os instrumentos avaliam a QV por domínios: físicos; psicológicos; relações sociais; nível de independência; noções sobre bem-estar. As avaliações podem ser genéricas ou específicas. As genéricas englobam aspectos gerais sobre saúde, doença, vida cotidiana etc. Seu objetivo é comparar grupos, como por exemplo, os níveis de QV de um grupo saudável com um grupo de pessoas doentes.

A vantagem é o nível de confiabilidade, já que costuma ser realizado em amostras grandes. Já as específicas objetivam detectar particularidades de cada indivíduo. A principal dificuldade desse tipo de avaliação é a aceitação para validação, já que a amostra é muito pequena (Gordia, 2011).

Finalmente, entende-se que é compreensível a ausência de consenso a respeito de um tema novo como QV, em contrapartida o que é característico dessa área e que têm se multiplicado principalmente na última década, são os instrumentos que se propõem a avaliar a qualidade de vida, ocorrendo o que autores denominam uma “avalanche de dados” que podem influenciar políticas de saúde, sem, no entanto, saber ao certo o que estão medindo. (Fleck & Pio, 2005).

Diante da polissemia do termo e da dificuldade em criar e validar instrumentos que se proponham em medir QV, a Organização Mundial de Saúde (OMS) criou, em 1995, o Grupo WHOQOL que produziu o mais utilizado instrumento para medir QV até o momento, o questionário WHOQOL e WHOQOL-BREF. Segundo Pio e Fleck (2005), existem três aspectos fundamentais sobre o constructo QV implícitos nesse conceito do Grupo WHOQOL, a saber:

- Subjetividade, isto é, a perspectiva do indivíduo é o que está em questão. A realidade objetiva só conta na medida em que é percebida pelo indivíduo.
- Multidimensionalidade, isto é, QV é composta por várias dimensões. Por isso deve ser medida em vários domínios.
- Presença de dimensões positivas e negativas. Por exemplo: Ter mobilidade e não ter dor.

Para a construção do WHOQOL-100 existiram passos baseados em uma ideia holística de saúde que deveria considerar que esta é formada por diferentes facetas da vida do indivíduo. Primeiramente, participantes do WHOQOL Group realizaram uma revisão colaborativa internacional para determinarem uma definição de Qualidade de Vida, que foi a seguinte:

A percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto de sua cultura e dos sistemas de valores em que vive e em relação a suas expectativas, seus padrões e suas preocupações. É um conceito bem abrangente, afetado de maneira complexa pela saúde física, pelo estado psicológico, pelo nível de independência, pelas relações sociais da pessoa e por suas relações com características significativas do ambiente. (The WHOQOL Group, 1995, p. 1404)

Ainda segundo Pio e Fleck (2005), os outros passos para a criação do questionário, de maneira breve, foram: a distribuição da definição de QV em facetas e a geração de um conjunto de questões, totalizando 236. No WHOQOL piloto houve uma segmentação em 6 principais domínios, I) Físico; II) Psicológico; III) Nível de Independência; IV) Relações sociais; V) Meio Ambiente e VI) Espiritualidade/ Religião crenças pessoais. Depois da validação e análise estatísticas dos dados e comprovação da viabilidade do questionário, por ter sido utilizado em diferentes partes do mundo, o WHOQOL tornou-se o instrumento mais utilizado para a avaliação de QV.

Há também uma versão abreviada que conta com a representação dos seis domínios em apenas 4, com 26 perguntas centrais de cada domínio. “E esses itens formaram um domínio coeso e interpretável, com boa validade de constructo” (p. 54), sendo: I) Físico, II) Psicológico, III) Relações Sociais, IV) Meio Ambiente e Domínio Geral.

Para a realização do projeto de iniciação científica que deu origem a este trabalho, analisei o projeto de extensão “Tecnologias e modelos aplicáveis à produção agroecológica e em conversão agroecológica”, do programa Universidade Sem

Fronteiras/Produção Agroecológica Familiar da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), que tinha como objetivo melhorar a qualidade de vida e promover inclusão social, como previsto em suas bases institucionais.

Dentro dessa mesma iniciativa, buscou-se avaliar o impacto do projeto em questão na vida de mulheres da agricultura familiar nas cidades de Jandaia do Sul, Marumbi e Kaloré que participam da ação extensionista.

Para tanto, foram utilizados instrumentos metodológicos para a avaliação da Qualidade de vida (QV) e Bem-estar subjetivo (BES) dessas mulheres; a saber: (WHOQOL-bref), testado e validado no Brasil (Oms,1998). O questionário utilizado foi baseado no modelo WHOQOL-100, e editado por NEDRAP² (Albuquerque, Rodrigues, Gouveia, Martins & Neves, 2007; Albuquerque, Vieira, Martins & Neves, 2007; Martins, Albuquerque, Gouveia, Rodrigues, & Neves, 2007; Albuquerque & Gouveia, 2006; Sousa, 2007; Albuquerque, Gouveia & Sousa, manuscrito *apud* Souza, 2010).

Para averiguar os níveis de Bem-Estar Subjetivo (BES) foram utilizados os instrumentos: Escala de Afetos Positivos e Negativos, (Bradburn, 1969) adaptada, e Escala de Satisfação com a Vida (Ryff e Keyes, 1995) adaptada. A primeira diferencia o afeto positivo e negativo e define felicidade como o equilíbrio entre os dois. A segunda considera a satisfação com a vida como componente cognitivo que completa a felicidade. (Giacomoni, 2004).

Para a realização da pesquisa de iniciação científica foram selecionadas e emparelhadas trinta e oito (38) mulheres entre participantes e não participantes do PAF das três cidades. Pela dificuldade de semelhança de perfil, foram entrevistadas mulheres de 21 a 64 anos e tabulados os dados provenientes das entrevistas. Ouvi as mulheres da agricultura familiar das cidades de Jandaia do Sul, Marumbi e Kaloré.

A partir de suas contribuições foram descritos resultados sobre o projeto (PAF), e as possíveis relações entre este e os níveis de QV e BES dessas mulheres. Foram consideradas as seguintes variáveis de resposta: Qualidade de Vida (QV), Bem-Estar Subjetivo (BES) e Conversas Informais (CI).

Em relação à análise estatística, utilizou-se o delineamento correlacional, com emparelhamento com um grupo de controle natural. Para análise das médias das variáveis quantitativas (Qualidade de Vida e Bem Estar Subjetivo) foi utilizado teste não paramétrico. Os dados quantitativos foram analisados por meio de técnicas estatísticas

² Núcleo de Estudos sobre Desenvolvimento Rural e Avaliação de Programas Sociais.

multivariadas, cujas respostas foram dadas em escala do tipo Likert, de cinco pontos. Já os dados qualitativos foram analisados com base no conteúdo das respostas.

Como dito na introdução deste trabalho, a metodologia adotada foi considerada inadequada ou rasa, pois através dela não foi possível descrever e analisar determinadas falas e nuances do que se vivenciou, estando com as mulheres no período da pesquisa. Apontamentos como queixas pessoais e sobre o trabalho, além de histórias e expressões locais que representavam as mulheres não apareceram no trabalho.

Além disso, imaginamos medir a QV das mulheres da agricultura familiar, partindo do pressuposto científico do termo e não do que elas entendem pelo mesmo.

Por isso, apresentou-se a necessidade de utilizar uma metodologia mais participativa e colaborativa no sentido de construir com as mulheres da agricultura, novos sentidos sobre o que significa ter uma vida de qualidade.

A seguir, discutirei brevemente o lugar das mulheres na história e sociedade e, posteriormente, no espaço rural, com o intuito de problematizar certos estereótipos e caracterizar nossas interlocutoras.

2. AGRICULTURA FAMILIAR E GÊNERO

2.1 HISTÓRICO DO LUGAR FEMININO

O termo gênero já foi utilizado para identificar características atribuídas a cada sexo (Fao, 1998). Atualmente a definição de gênero é controversa, tendo em vista que as definições por muito tempo adotadas favoreceram determinados modos de exploração. O termo também classifica conjuntos, como por exemplo, na biologia. Embora sexo e gênero se relacionem, os termos têm conotações diferentes: sexo se refere às características biológicas; e gênero se refere àquilo que, ao longo da história e momento social, foi sendo construído em torno do que significa ser de determinado sexo.

Enquanto as diferenças em matéria de sexo são imutáveis, o gênero varia entre as culturas e as mudanças ao longo do tempo em resposta a mudanças na sociedade (Castilho, 2008, p.04).

O termo ganhou maior visibilidade com as feministas americanas e inglesas na década de 1980 que o empregavam para explicar a desigualdade entre homens e mulheres. A discriminação acontecia na forma de menores salários para as mulheres, além de outras diferenças, que poderiam aumentar conforme classe social, raça, etnia etc. (Castilho, 2008).

Na mitologia Grega, a mulher é apresentada como aquela pela qual todo o mal do mundo veio à tona:

Desde a Mitologia grega, como aconteceu, por exemplo, com o lendário mito de Pandora, que dizia que devido à curiosidade própria do seu sexo (leia-se feminino), Pandora teria aberto a caixa de todos os males do mundo e, como consequência, as mulheres se tornaram responsáveis por haver viabilizado todo o tipo de desgraça existente entre a humanidade (Souza, 2010, p.17).

Não somente na mitologia, mas também na tradição judaico-cristã, a mulher foi retratada infringindo normas. Em Gênesis, primeiro livro da Bíblia, Eva come o fruto proibido oferecido a ela pela serpente, figura do mal, e ainda oferece o pomo ao marido. Por essa ação, a mulher recebeu uma determinação divina que a seguiria por todas as gerações seguintes.

O homem e a terra foram punidos porque Adão (o marido) deu ouvidos à Eva (Capítulo 3, versículo 17). Dessa forma, a condição feminina tanto na tradição mitológica quanto na religião judaico-cristã demonstra falta de razão e impulsividade, incapacidade de julgar algo verídico ou enganoso e facilidade em manipular outros. Além disso, ela deveria ser sempre “vigiada” por alguém que pudesse controlar seu potencial de periculosidade.

Assim, toda filosofia ocidental, de modo geral, baseada nesses ideários citados, acaba por desenvolver um discurso científico que privilegia o universo masculino. Segundo Souza (2008), pela filosofia e ideal cristão, a mulher pode ser legitimada como um ser diminuto em relação ao homem:

Os pilares da cultura ocidental se sustentam tanto na herança grega, como na herança judaico-cristã na pretensa superioridade do homem, o que vem perpassando há mais de 2.000 anos na Filosofia e nas Ciências de um modo geral (Souza, 2008, p.20).

Para Aristóteles, a mulher poderia ser considerada como um homem inferior. Segundo Andrioli (2006), apesar de a mitologia contar com figuras femininas tais como as deusas Artemis, Atena, Afrodite, Deméter, Hera, Perséfone, Pandora e Gaia, ela ainda as considera como não provenientes ou produtoras de razão. Como evidência disso temos a deusa Atena, entidade divina feminina que representa a sabedoria, mas que nasceu da cabeça do pai (Zeus) e não da mãe.

Deixando um pouco de lado as questões mitológicas, avançamos alguns séculos para um momento histórico em que ser mulher não era um castigo, porém ela ainda não era vista como cidadã e deveria cumprir algumas obrigações “naturais”, como atender sexualmente o marido e gerar filhos. O século XVII ficou marcado por ser o momento histórico em que floresceram os ideais iluministas de liberdade, igualdade e fraternidade. Os ideais Iluministas inspiraram, em 1789, a Revolução Francesa, “sinalizando que iniciávamos a construção de um novo cidadão, com direitos e sem opressão” (Carvalho, 2011, p.146)

As mudanças advindas da revolução industrial, nos séculos XVIII e XIX, juntamente com o processo de descolonização transformaram o mapa político mundial (Hobsbawm, 1995). Mesmo diante de mudanças globais envolvendo fatores políticos e econômicos, questões de dominação do Gênero masculino e postura androcêntrica foram mantidas.

As lutas femininas sempre se basearam no alcance de condições de igualdade, mas a própria organização política era baseada em um modelo

masculino e patriarcal de igualdade. Somente após as conquistas dos direitos civis, nos anos 30, as condições de igualdade das mulheres foram legalizadas (Carvalho, 2011, p.148)

Certas mulheres, que nesse contexto tiveram acesso à educação se destacaram por sua capacidade intelectual. Isso, no entanto, não foi suficiente para que fossem reconhecidas como mulheres capazes, mas como uma exceção à regra:

Kant, em uma de suas passagens, afirma que ‘uma mulher que tem a cabeça cheia de grego, como Madame Dacier, ou que, tal como a marquesa de Châtelier, disputa sabiamente sobre temas de mecânica, só lhes falta a barba para expressar melhor a profundidade do espírito que ambicionam’. Isto significa que o fato de as mulheres se destacarem na história por sua capacidade intelectual, não era um fator suficiente para serem reconhecidas. Para isto teriam que ser homens. (Andrioli, 2006, p.02).

Após séculos na tentativa de serem reconhecidas como seres pensantes, as mulheres, filhas de um universo intelectual masculinizado, ganharam visibilidade com a publicação, em 1949, da obra “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir. Tal obra apresenta uma análise sobre o papel da mulher na sociedade, negando os estudos que tratam de uma suposta natureza feminina.

Na sequência, surgiram estudos que atestaram a igualdade entre a capacidade intelectual de homens e mulheres. Agora não tão veementemente pelo discurso religioso e mitológico, mas científico, criou-se uma maneira de legitimar o papel submisso e docilizado do que significa ser mulher:

A partir da constatação científica da igualdade das capacidades intelectuais entre homens e mulheres, passou-se a buscar na identificação dos temperamentos masculinos e femininos novas possibilidades de se justificar a vigente divisão sexual do trabalho. Assim, ao mesmo tempo em que características subjetivas como afetividade e a docilidade foram associadas às mulheres, vinculou-se a agressividade e a racionalidade aos homens, legitimando a distinção de duas formas de ser e agir conforme o sexo biológico. (Lago et al, 2008).

Assim, muitas dessas ideias e pensamentos produzidos a partir de anos de dominação e discursos legitimadores da minimização do sexo feminino em relação ao sexo oposto foi tomado pela psicologia e pela ciência para “explicar” a “natural tendência” da mulher para os afazeres domésticos e fáceis, enquanto aos homens caberiam outras atribuições.

Este sujeito masculino centralizador esteve sempre à frente na tomada de decisão, tanto na esfera doméstica quanto política. Havia, até este momento histórico, meados dos

anos 1950, a não participação da mulher em questões de cidadania. Essa foi uma das razões que fundamentaram o surgimento de movimentos feministas (Carvalho, 2011).

A partir de 1975 surge a “Década da Mulher” como consequência das lutas do movimento feminista que se iniciaram em 1970. Com isso, vários encontros foram organizados tendo como foco o fim da discriminação da mulher, enquadrando-a nos planos de desenvolvimento. (Carvalho, 2011, p.147)

Conquistas como As Conferências Mundiais, a Década da Mulher (1975-1985) e a instauração do ano Internacional da Mulher em 1975, favoreceram uma nova etapa na luta pelos direitos das mulheres. Impulsionadas por estes movimentos, na década de 1980, muitas trabalhadoras buscaram novos espaços sociais e políticos através da sindicalização, investimento em documentação, direitos previdenciários e participação política (Sales, 2007).

Apenas no final dos anos 1980 o movimento ganhou parceiros importantes e maior visibilidade. O primeiro Encontro Nacional de Trabalhadoras Rurais foi realizado em Brasília no ano de 1986; depois disso passou a haver maior participação das mulheres em movimentos sociais e campanhas sobre violência contra mulheres. Durante os anos 90 com apoio da Igreja Católica através da campanha da fraternidade, as mulheres ganharam ainda mais força e organizaram em 1995 a Articulação Nacional das Trabalhadoras Rurais.

Ainda que houvesse movimentos como esses, questões de exploração e violência contra as mulheres continuaram a existir e persistem até os dias atuais, devido a uma questão histórica de dominação.

Segundo Oliveira *et al* (2007), devido a essas relações de gênero estabelecidas historicamente, as mulheres são as responsáveis pela reprodução social do grupo, como: cuidar da casa, dos filhos, do marido. As mulheres do meio rural também desempenham funções fora do âmbito doméstico, elas contribuem com tarefas necessárias para a produção da terra, cuidam dos animais, da roça, entre outras atividades:

Elas realizam as mesmas atividades que os homens, com o diferencial que não recebem por este trabalho e têm como prioridade os cuidados com a casa. A mulher ainda tem mais dificuldades de acesso ao trabalho do que o homem. A elas são destinados trabalhos menos remunerados, de menor prestígio, que não exija tanto esforço físico (Oliveira *et al*, 2007, p.03).

As mulheres que vivem no ambiente rural não estão alheias a ideias de dominação e mesmo discriminação, pelo fato de serem mulheres. Muitas vezes, no entanto, as

diferenças de tarefas, remuneração e oportunidades nem ao menos são questionadas por elas, o que favorece a perpetuação de certos modos de exploração e desvalorização do trabalho das mulheres no campo.

Segundo Pacheco (2010), uma pequena parte das mulheres agricultoras tem acesso ao crédito rural no Brasil, isto é, só 6% das mulheres utilizam o crédito. Elas enfrentam dificuldades em continuar o trabalho na agricultura e alcançar possibilidades de renda. Em 2002, os esforços dos grupos e movimentos de mulheres resultou na criação da linha de crédito destinada às mulheres (Portaria nº 121 do Inca, de 22/05/2001), o chamado Pronaf Mulher.

Mesmo assim, as mulheres do meio rural, principalmente as mais jovens, são prejudicadas por uma questão advinda da desigualdade de gênero. A estas mulheres são atribuídas uma posição subordinada na estrutura familiar que fica clara na distribuição das atividades, do poder e do acesso à propriedade da terra. Fatos como esses confirmam a opinião de Brumer (2004) de que “as mulheres têm menores perspectivas profissionais e motivação para permanecer no meio rural do que os homens” (Brumer, 2004, p.225).

2.2 GÊNERO E AGRICULTURA FAMILIAR

Ao discutirmos questões de gênero na agricultura familiar é impossível não falar de violência e desigualdade. Como apresentado anteriormente, historicamente mulheres têm vivido situações de abuso e violência. A discussão de gênero dentro do contexto em pauta aponta que cada representante (do gênero) deverá assumir determinado status, tarefas e papéis a serem desenvolvidos.

O modelo social vigente, de forma geral, é baseado no ideal de patriarcado autoritário que legitima algumas ações violentas de homens contra mulheres no campo. Conforme Stadler (2008), “a violência doméstica, por exemplo, está enquadrada na categoria poder. Os homens mandam e as mulheres obedecem. Mesmo raciocínio empregado para as questões de raça e classe.” (Stadler, 2008, p.5).

A mulher agricultora no Brasil tem sido domesticada a não reconhecer a importância das funções realizadas por ela no campo. Quando questionada sobre o valor desse trabalho, ela mesma descreve-o como uma ajuda (Stadler, 2008). Além disso, poucas mulheres conseguem participar ou mesmo ter acesso a cursos ou outros meios de capacitação formal. Muitas ficam excluídas das iniciativas de incentivo à formação

técnica, pois a família prioriza a especialização do homem, enquanto a mulher, dona de casa, fica responsável pelas tarefas domésticas e outras.

Em várias regiões do país, constata-se também que as mulheres em geral ou são excluídas ou têm participação minoritária e eventual nos cursos voltados para a capacitação e o aprofundamento de conhecimentos técnicos da produção agrícola ou agrossilvopastoril. O acesso limitado das mulheres a esse recurso constitui restrição para a igualdade de oportunidades entre os gêneros (Pacheco, 2010, p.4)

Sem as mesmas oportunidades e assumindo um lugar “subalterno” em relação ao sexo masculino, as mulheres têm poucas possibilidades que favoreçam a construção de recursos e, conseqüentemente, de renda. Dessa forma, o lugar de ajudante parece ser aquele que melhor caracteriza seu trabalho, mesmo que não seja de fato o que as mulheres realizam.

Para que haja igualdade de gênero e sustentabilidade do trabalho no mundo rural, é necessário “garantir o empoderamento das mulheres, reconhecendo seu papel como produtoras de bens e gestoras do meio ambiente” (Pacheco, 2010, p.5). Além disso, deverá ser assegurado a elas o controle sobre recursos, crédito e capacitação técnica. Ora, sem capacitação, as possibilidades de atuação são diminuídas e a dependência (nos aspectos financeiro, psicológico e familiar) torna-se cada vez maior.

Esta condição de trabalhadora que produz para o próprio consumo, que trabalha em sua propriedade e não recebe pelo trabalho realizado é compreendida por alguns autores como invisibilidade da mulher (Stadler, 2008; Pacheco 2010; Oliveira 2007). Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Agrário (2006), 40% das mulheres agricultoras trabalham para autoconsumo e não são reconhecidas como “trabalhadoras assalariadas” nas pesquisas. Assim, as mulheres trabalham, mas não têm o mesmo *status* ou reconhecimento *que* o trabalhador masculino.

Ainda segundo o estudo realizado pelo MDA (2006), a invisibilidade pode ser melhor percebida quando se compara os números referentes à produção de autoconsumo: cerca de 40,7% do total da ocupação feminina e apenas 8,9% da mão-de-obra masculina nas atividades da agropecuária. Essas atividades são práticas vinculadas às mulheres em seu cotidiano e sustento familiar, elas não são consideradas “trabalho de homem”. Sobre essa enorme diferença na produção de autoconsumo o NEAD debate:

Como são atividades intimamente ligadas ao sustento da família, nada mais natural que a elas se dediquem as mulheres, e além do mais não geram rendimentos. Porque não existe nenhuma razão técnica que

justifique essa desproporção entre a participação de homens e mulheres na produção de autoconsumo, a não ser o fato de que o trabalho da mulher é visto como uma extensão do seu papel de mãe/esposa/dona-de-casa, provedora das necessidades da família. De modo geral, este papel se superpõe ao seu trabalho na atividade agropecuária – principalmente na horta e no quintal – encobrando a verdadeira natureza da sua ocupação e reduzindo, por conseguinte, a sua jornada de trabalho (Gênero e Agricultura Familiar e Reforma agrária no Mercosul, 2006, p.53)

Como dito, o papel de cuidadora do lar é esperado da mulher, que apenas representaria seu papel “natural” de mãe e esposa estendidas para práticas de trabalho. Esse trabalho “não rentável” não é calculado ou considerado como labor, o que descaracteriza o real sentido ou esforço realizado pelas mulheres em seu trabalho cotidiano. Diante disso, o trabalho da mulher no âmbito da agricultura familiar “reproduz a invisibilidade que cerca a percepção da sociedade sobre o papel feminino” (p.54).

Assim, a agricultora passa a ser caracterizada não necessariamente pelo que produz ou por aquilo que pode criar e desenvolver, mas por aquilo que cuida, limpa e consome. O status “mulher” em sua vida carrega implicitamente tarefas laborais “naturalmente” impostas que estão acima de tarefas e potenciais profissionais ou laborais.

Além de realizar o trabalho e não sentirem-se reconhecidas, as agricultoras, de forma geral, também não se sentem respeitadas. Segundo dados do NEAD/IBGE (2004), apenas 8% das agricultoras entrevistadas em todo o país se sentem respeitadas. Essas mulheres, supracitadas, apontam, pelo menos dois principais tipos de desrespeito, um no âmbito público e o outro no âmbito privado. Entre as práticas de violência e desrespeito vivenciadas por essas mulheres estão: violência física, psicológica, sexual, material e etc.

Stadler (2008) aponta que condições de trabalho como baixos salários (mesmo realizando a mesma função que um homem), jornada dupla, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, cuidado com os filhos, casa e saúde também são fatores considerados pelas mulheres agricultoras como desrespeito. Nessas relações surgem ações preconceituosas contra a mulher, como falas desrespeitosas em ruas e lugares públicos, além de desvalorização da mulher como produtora.

O fator violência, quando presente em muitas relações, pode ser considerado como “normal” e passa a ser legitimado. Relações de dominação são muito comuns, também, nos casamentos que seguem padrões oligárquicos e patriarcais, que parece ainda ser tendência no universo rural.

Para Stadler (2008), se não fosse o álcool ocupar o primeiro lugar quando se trata das causas da violência contra a mulher, tenderíamos a considerar que o único motivo da

violência seria a necessidade de domínio dos homens sobre as fêmeas. O segundo maior motivo de brigas e agressões: o ciúme.

Certamente, as relações matrimoniais revelam um ponto nevrálgico das discussões de gênero, principalmente quando tratamos das relações na agricultura familiar. Stropasolas (2004) ressalta que os papéis matrimoniais estão definidos, de modo geral, de forma que o homem exerça o papel de orientador dos passos, tanto dos filhos como da esposa e, a mulher exerça o papel de educadora e cuidadora. Além disso, casamentos em comunidades camponesas retratadas nos estudos de Woortmann (1995) casavam-se tradicionalmente por interesses econômicos e familiares, raramente por “amor” ou desejo comum entre os pares.

A idealização do casamento como forma de se obter uma vida melhor é presente na vida de muitas pessoas. Não apenas se apresenta com possibilidade de mudança de condições materiais, como também oferece condições de mudanças familiares, sociais e também de opressão. Atualmente, por exemplo, o campo sofre uma masculinização, pois muitas mulheres têm evadido em busca de condições de vida melhores e também de uniões matrimoniais que lhe pareçam melhores (Stropasolas, 2004).

Segundo Moreira (2012), historicamente, no Brasil, congelou-se um ideal de maternagem, zelo e cuidado como características femininas e um olhar de reconhecimento e autoridade designado ao homem. Dessa forma, esse ideário preso às posturas do século XIX, apregoava que as mulheres só se constituiriam como ser social a partir do casamento. Desconsiderando, assim, qualquer necessidade de autonomia, inteligência ou competência como inerentes à existência feminina.

Quando o casamento passa a apresentar situações-problema, a mulher, muitas vezes, se coloca em uma situação de vitimização, culpabilizando-se pelo insucesso, já que idealmente seu papel era de “constituir família”. Isso aponta a fragilidade de sua imagem pessoal, sempre relacionada ao bem-estar familiar.

2.3 AGRICULTURA FAMILIAR NO PARANÁ

Apesar de desempenhar papel central na organização familiar e produção rural, 55% das mulheres do campo não têm nenhum tipo de rendimento financeiro e, segundo dados da OMS (Organização Mundial de Saúde), ainda estão sujeitas aos vários tipos de violência física, sexual e psicológica (Oms, 2005). Além disso, a mulher na área rural sofre mais com a invisibilidade que a mulher da área urbana (Faria & Nobre apud Vasquez, 2009).

A população de mulheres - foco deste trabalho - reside na mesorregião Noroeste do Estado do Paraná, onde existem diferentes Associações de Produtores Rurais com o objetivo principal de fortalecer aqueles que produzem e cultivam, para a subsistência da própria família, diferentes culturas. Essas associações orientam os agricultores que trabalham em uma pequena porção de terra e também preparam diferentes pontos de venda para incentivar a venda dos produtos do pequeno agricultor.

Sobre a população de pequenos agricultores familiares do Paraná, pouco se sabe. No entanto, através de um levantamento do NADS (Núcleo de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável) foi verificado que em um universo de aproximadamente 100 famílias entrevistadas, 41% utilizavam medicamentos de uso contínuo; 32% sofriam por intoxicação de agrotóxicos; 12% consideravam alguma deficiência física um problema de saúde e 11% sofriam por conta de algum acidente de trabalho (Sena, 2014). Outras queixas também foram apresentadas:

Problemas com infraestrutura, lazer, saúde e organização comunitária preocupavam os agricultores e eram considerados limitantes para a continuidade na produção orgânica. Desejavam também mais assistência técnica, pesquisas, incentivos e créditos para produzir. Dos agricultores pesquisados, 54% tinham acesso a crédito agrícola. Desses, 84% usavam dinheiro do PRONAF (Sena, p. 20, 2014).

O que se pode perceber pelos relatos é que se trata de uma população pouco conhecida, que tem acesso a políticas de fomento como o PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar) e outras iniciativas e, mesmo assim, sente-se desassistida. Entre as queixas mais comuns constam: a longa jornada de trabalho; a realização de múltiplas tarefas; realização de trabalhos exaustivos; baixa remuneração; falta de lazer; falta de diálogo entre os casais; filhos deixando suas casas no meio rural; desgastes físicos e psicológicos (Monteiro, 2011).

Sobre a população rural do Sul do Brasil, segundo dados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento econômico e Social (IPARDES), sabemos que a maioria dos moradores são homens e estão envelhecendo. Segundo Bazotti (2012), questões como o processo de envelhecimento, masculinização e a dificuldade de sucessão dentro da agricultura familiar têm sido discutidas desde os anos 1990 e, ainda, são atuais ao se considerar a realidade rural do sul do país. A autora aponta que a migração para zonas urbanas e a queda da fecundidade são fatores que influenciam diretamente na não permanência das famílias em pequenas propriedades rurais.

O próprio avanço da tecnologia e o processo de globalização e urbanização contribuem para o esvaziamento territorial e social desse espaço. Sobre essa situação, Balsan (2006) afirma que a expansão da tecnologia na agricultura ocorreu conjuntamente ao desenvolvimento de um “complexo agroindustrial” que modernizou os meios de produção agrícola, alterando, assim, o povo da terra e o meio ambiente. No entanto, segundo a autora, essa “modernização” não garantiu condições de vida necessárias nem ao menos para a subsistência de muitos núcleos familiares agrícolas. Essas mudanças ocorreram de modo desigual, beneficiando uma pequena parcela da população rural, em geral, os proprietários de grandes territórios.

Essas mudanças referem-se, principalmente, ao cultivo de grandes e únicas culturas agrícolas, como cana-de-açúcar; soja e milho (no caso paranaense, principalmente a soja). As monoculturas, como são chamadas, dispensam trabalho manual em larga escala, priorizando as máquinas na realização da colheita dos hectares. Esse modo de produção alimentar visa ao enriquecimento do proprietário da terra, em contrapartida mina possibilidades de trabalho para pequenos produtores da região; minimiza espaços rurais socialmente compartilhados; além de contaminar através de agrotóxicos o plantio das pequenas propriedades entre as grandes monoculturas.

Diante disso, a família rural e produtora local encara o êxodo rural como uma oportunidade de “vida melhor” e, assim, a popularização dos meios de comunicação e a valorização do meio urbano como possibilidade de renda só reafirmam esta verdade, contribuindo para que os jovens e, principalmente, as jovens mulheres, deixem o meio rural e migrem para o meio urbano, deixando naquele os homens e os velhos (Bazotti, 2012).

No entanto, questões de desigualdade e falta de assistência, de certa forma, são reflexos da própria constituição histórica do meio rural no Brasil. A história agrícola do país está ligada à história do processo de colonização e dominação social, que desde os

seus primórdios favoreceu social e economicamente àqueles que de antemão já possuíam recursos necessários para a produção e acumulação de riquezas:

Assim, a grande propriedade impôs-se como modelo socialmente reconhecido e recebeu estímulos expressos na política agrícola que procurou modernizar e assegurar sua reprodução, podendo-se concluir que a agricultura familiar sempre ocupou um lugar secundário e subalterno na sociedade brasileira. (Balsan, 2006, p.126).

Sobre o processo de colonização brasileira, o historiador Caio Prado Júnior (1976), em seu livro “História econômica do Brasil”, discorre sobre o início da agricultura, relatando que o tipo de exploração agrária adotada no Brasil foi a grande propriedade, principalmente de cana-de-açúcar. Essas propriedades gigantescas eram doadas pelos donatários aos colonos (Portugueses) que eram os responsáveis por fazer a terra produzir. Porém, isso só era possível através de investimentos em plantação, colheita, transporte do produto até o engenho para a preparação do açúcar. Sem dúvida, isso não era possível para os pequenos agricultores que, isolados “nestas condições, não podiam resistir” (p.33).

Ainda segundo Prado Junior (1976), colonizações pautadas em cultura de exploração da terra tendem a não desenvolver ações que viabilizem a perpetuação de cidades ou moradias e condições favoráveis de subsistência para a população. O contrário acontece quando a colonização é de povoamento, em que os colonos estabelecem suas famílias e pretendem “criar raízes”, como o que ocorreu nos estados do norte dos Estados Unidos, por exemplo.

A grande propriedade será acompanhada no Brasil pela monocultura; os dois elementos são correlatos e derivam das mesmas causas. A agricultura tropical tem por objetivo único a produção de certos gêneros de grande valor comercial, e por isso altamente lucrativos. (...) É fatal portanto, que todos os esforços sejam canalizados para aquela produção (...) (Prado Junior, 1976, p. 35).

Interessante perceber que, mesmo depois de quase 500 anos, a realidade do Estado do Paraná hoje assemelha-se ao que se viveu no período de colonização quando consideramos as monoculturas quase que majoritariamente, o que não favorece o desenvolvimento regional ou até impede a continuidade de um modelo menor de cultura diversificada e produção própria.

Muitas cidades paranaenses baseadas em economia agrícola diminuíram sua população consideravelmente nos últimos 30 anos; entre elas, São Jorge, Califórnia e

Ivatuba que chegaram a ter 30 mil habitantes e hoje contam por volta de 6 mil cada uma. A falta de postos de trabalho é o principal motivo, sem renda não há meios que possibilitem a subsistência da família na área rural.

Outra característica peculiar da região noroeste do Paraná é a cultura rural do modelo agrícola do café. Para Michellon (2006), o café que antes trazia pessoas para o Estado, depois dos anos 70, com a brusca diminuição do plantio, contribuiu para a produção de mais mão de obra desempregada.

O café empregava toda a mão de obra daqui e de outros estados que nos mandavam migrantes pelo trem. Entrou a sucessão soja-trigo e uma forte mudança ocorreu. De lá para cá, um trator trabalha dezenas de hectares empregando apenas um homem-dia - o tratorista. (Michelon, Entrevista concedida ao Jornal Diário do Norte do Paraná, 2006, p.03)

Diante desse cenário, o que observamos é que algumas cidades sofreram com a migração de mão-de-obra, ficando com população pequena e por vezes atraindo pouco investimento estatal.

3. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO E A PROPOSTA CONSTRUCIONISTA

O que pretendemos aqui é falar sobre a construção histórica da ciência e, posteriormente, sobre o surgimento do discurso Construcionista, seus pressupostos e diferenças conceituais em relação à proposta tradicional de ciência. Este texto tem por objetivo problematizar as maneiras que utilizamos para produzir conhecimento sobre o qual baseamos nossas ações diárias, nossos planos, crenças, tradições.

Para isso, começaremos por uma retomada histórica sobre o nascimento da ciência como método de conhecimento do mundo e discussão das implicações deste modelo. Depois, veremos como os pilares da ciência tradicional passam a ser questionados um a um, até haver o momento propício para o surgimento ou formação de novas propostas de produção de conhecimento, como por exemplo, o Construcionismo Social. Finalmente, falaremos sobre os pressupostos Construcionistas e suas diferenças em relação ao modelo de produção de conhecimento tradicional.

3.1 O PROCESSO HISTÓRICO DE CRIAÇÃO DE UM DISCURSO FIDEDIGNO

Nos séculos XVII e XVIII, as ideias do movimento Iluminista cujos principais precursores foram René Descartes (1596-1650) e Isaac Newton (1642-1727) criticavam o Antigo Regime, anunciando novos valores sociais e econômicos condizentes com o progresso científico, econômico e cultural que se dava naquele momento. Pensadores como John Locke (1632-1704), Voltaire (1694-1778) e Rousseau lançaram as bases para a construção do modelo científico chamado de moderno. Esse modelo emergia em grande parte em oposição aos valores medievais e instituíam a razão e a racionalidade como centrais na produção do conhecimento. (Vicentino, 1997, p.236)

Suas principais contribuições no sentido da produção do conhecimento foram a universalidade da razão e a não interferência do desejo divino nas leis da natureza ou da física.

Descartes defendeu a universalidade da razão como o único caminho para o conhecimento; Newton, com o princípio da gravidade universal, contribuiu para reforçar o fundamento de que o universo é governado por leis físicas e não submetido a interferências de cunho divino (Vicentino, 1997, p. 235).

Saímos então da centralização divina como força geradora e dominante de todo poder e conhecimento para a centralização humana que potencializou o ser-humano como conhecedor, descobridor do mundo e sua realidade, mediado apenas por sua razão e a aplicabilidade dela. Segundo Mcnamee (1996), a ciência passou a ter o status de uma disciplina capaz de promover o progresso por meio da investigação, alcançando a verdade final e absoluta sobre os fatos. O discurso científico e racional adquire seu direito legitimador, ou seja, passa a ser o porta-voz da “verdade”.

Durante aproximadamente duzentos anos, este modelo de produção de conhecimento sobre o mundo ainda mantinha-se em funcionamento. No entanto, depois do turbulento século XX, a ciência apesar de seus ideais de ordem e progresso não foi capaz de evitar as guerras, pobreza e destruição, o que permitiu o começo de contestações no âmbito filosófico e social sobre o modelo de ciência moderna. Houve um desencanto com o projeto científico moderno e, a partir disso, sistemas explicativos e novas teorias passaram a ser construídas no sentido de problematizar o discurso da verdade absoluta adotado pela ciência moderna. (Borges, 2007).

Mcnamee (1996) entende que a verdade sobre a ciência é sustentada por um senso de verdade construído de maneira histórica e contínua, legitimando esse modo de fazer, em outras palavras, legitimando as narrativas que agregam poder a esse discurso. E assim, nossas ações diárias coordenam práticas que formam tradições, maneiras de fazer e compreender algo. As tradições são campos de inteligibilidades vinculadas às primeiras ações que se tornam verdade sobre algo. Porém, quando compartilhamos essa verdade não, necessariamente, nos remetemos às nossas primeiras práticas.

Desse modo, as verdades finais ficam desvinculadas da prática inicial e ganham “vida”, como se não tivessem sido feitas por nós mesmos. Parece-nos que essas verdades sempre existiram e não cabe a nós questioná-las. Em geral, é isso o que fizemos com os pressupostos científicos.

Sobre a legitimação da ciência como discurso ou retórica de poder, Gergen (1997) compreende que esta é sustentada por padrões linguísticos e relacionais que legitimam seu poder. Há uma maneira de falar sobre ciência, de escrever e de publicar que cria esse modelo científico e desautoriza aqueles que não participam desse padrão linguístico de serem ouvidos nesta tradição linguística. Segundo Borges (2007), a maneira como organizamos nossas narrativas produz diferentes sentidos na relação com nossos interlocutores, formando e sustentando realidades e tradições.

Normalmente ao adoecer procuramos um médico que sabe nos dizer quais são os parasitas causadores da doença, como devemos nos comportar, comer etc. Mesmo ele não vivenciando a doença se torna o porta-voz de como curá-la, pois pertence a uma tradição linguística e social que o habilita para isso.

Finalmente, depois de compreender o modelo científico tradicional e suas implicações, podemos agora discutir sobre o momento de transição anteriormente citado. Passamos de um modelo tradicional a um modelo que critica os pressupostos modernos e privilegia as relações sociais e linguísticas na produção do conhecimento e ações sociais. Este momento de transição é denominado por alguns autores como pós-modernidade, nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, artes e sociedade desde 1950, quando, por convenção, se encerra a modernidade (Santos, 2000).

Com o objetivo de esclarecer alguns aspectos importantes para o surgimento deste novo momento, utilizaremos a organização proposta por Hall (1993) em seu livro “*A questão da identidade cultural*”, em que o autor discute cinco principais movimentos que desestabilizaram a ciência moderna, entre eles:

1) O Marxismo tardio: a noção popularizada a partir dos anos 1960, de classes sociais, modelo econômico capitalista, trabalho e alienação, possibilitaram uma mudança paradigmática na ideia de indivíduo e sociedade no sentido de compreender a sociedade como conjunto, responsável pela manutenção de determinadas ordens sociais. Ela focaliza o social e não mais o individual.

2) A popularização das contribuições de Freud: contribuíram para minar a humanidade racionalizada, capaz de compreender tudo a partir da razão, pois apresenta o ser humano como um ser também irracional quando discute o Inconsciente.

3) As contribuições de Saussure: a proposta de Saussure sugere que a linguagem é social e mutável, e apesar de sua tendência em se estabilizar ela é instável. Desse modo, a linguagem não apenas representa os objetos, mas os cria. O que representa mais um golpe para a ciência moderna que considera a observação e descrição da realidade como metodologias neutras, que espelham o que acontece diante dos nossos olhos, ou seja, fora de nós.

4) As contribuições de Foucault: as ideias Foucaultianas são críticas às relações de poder sustentadas através de mecanismos de controle social. Ele denuncia a falsa liberdade e aponta as relações de poder às quais nos submetemos em nossa sociedade, através da convivência com inúmeras instituições. O golpe é contra a liberdade pregada nos ideais iluministas que embasaram a ciência moderna.

5) O movimento feminista: as inúmeras manifestações tanto populares, como ideológicas contra a opressão do gênero feminino denunciaram a não igualdade entre homens e mulheres.

Todos esses movimentos citados acima favoreceram o enfraquecimento do modelo científico sustentado pelos ideais racionalistas. Primeiramente, o Marxismo tardio possibilitou o pensamento no sentido coletivo e não mais individual. O segundo golpe para o tradicional modelo científico foram as contribuições de Freud, as quais apontaram a irracionalidade humana contrapondo-se à racionalidade pura da conduta racionalista.

Temos ainda as contribuições de Saussure sobre a historicidade e subjetividade da linguagem em que esta não é mais considerada a representação do objeto, mas a própria construtora. A quarta contribuição foi a de Foucault, que denuncia as relações de poder e controle social e, por último, a contribuição do movimento feminista, que questiona a igualdade.

Assim, sob a influência das problematizações trazidas por esses diferentes autores passou-se a reavaliar o modo como produzimos conhecimento. Diante desses movimentos, o discurso científico moderno encontrou-se em crise, pois diferentes sistemas explicativos sobre a construção do conhecimento têm surgido no cenário mundial, e o campo científico passa a conviver com a polissemia, ou seja, com outros discursos que divergem do dominante.

Segundo Burr (2001), disciplinas como História, Sociologia e Psicologia contribuíram tanto na formação dos conceitos que forjaram a crise, como para a criação de novas ideias sobre a construção do conhecimento. Essas novas ideias, por vezes apresentam semelhanças, e também diferenças a depender dos autores que discutem a construção social do conhecimento. Mas, de forma geral, a postura Construcionista consiste numa tentativa de desmontar o arcabouço epistemológico de retórica da verdade pautada na razão científica, em marcada oposição, enfatizando a natureza “construída” da realidade social (SPINK, 2011, p. 40).

Neste momento transitório, Gergen (1997) organiza 3 principais críticas ao modelo científico moderno, essas considerações são aceitas por diferentes autores Construcionistas. São elas: a crítica ideológica; a literária e a social.

Crítica ideológica: questiona a neutralidade científica do pesquisador, problematizando a imparcialidade e a possibilidade de captação da verdade pura necessária à ciência tradicional. Considerando que toda afirmação parte de um sujeito que

não está imune a um contexto social, moral ideológico e político, como poderia a ciência crer na neutralidade da verdade?

O movimento feminista apontou que as supostas descrições neutras da ciência estavam baseadas em um modo de descrever as coisas que privilegia o poder masculino sobre as mulheres. Discursos tais como o da fecundação humana estão impregnados de ideologias e ditam maneiras de ser e estar no mundo. Em seu livro “Um convite ao diálogo”, Gergen (2010) cita o trabalho de Emily Martin que estudou textos médicos que descrevem o processo de fertilização humana.

Esta autora observa que a maioria das descrições das pessoas sobre o tema se parece muito com os contos de fadas, nestas histórias os espermatozoides (heróis) percorrem um longo e perigoso caminho, se livrando de mil obstáculos até alcançarem a fortaleza e invadirem finalmente o óvulo (princesa), que o tempo todo ficou ali pacato apenas esperando. E ali se dá a conquista do herói.

Em seu estudo ela aponta que essa explicação biológica agrega autoridade científica ao antigo mito cultural do macho ativo e corajoso, ousado e, da fêmea indefesa e passiva (Gergen, 2010). Finalmente Emily Martin problematiza esse discurso sugerindo que a história fosse contada como sendo o óvulo-sereia que envolvesse e escolhesse seus parceiros ideais matando os outros. Desta nova perspectiva o óvulo (fêmea) se transformaria na força dominante e nossa visão sobre fecundação seria totalmente diferente. Assim, segundo a crítica ideológica citada acima, a neutralidade do pesquisador deve ser sempre questionada.

A segunda crítica - a Crítica literário-retórica - questiona o modo da ciência tradicional de utilizar a linguagem como representação direta das coisas. Nesta crítica a descrição das coisas pela linguagem é problematizada em como poderia a ciência falar sobre algo já que o significado, como disse Saussure, não está nas coisas, mas em como as construímos. A linguagem não representa nada, cria as coisas. Desta forma, a capacidade da ciência em descrever a realidade de forma neutra é questionável.

Finalmente a Crítica Social: esta critica a noção de conhecimento histórico e universal, pois todo pesquisador está inserido em um contexto cultural, histórico, dispondo de um arsenal linguístico específico de seu local físico, de acordo com as relações que ele estabeleceu. Ou seja, todo conhecimento é produzido a partir de um lugar social específico, e fala apenas daquela realidade ao mesmo tempo em que todo conhecimento produz efeitos nesta localidade. Segundo o conceito de controle social

introduzido por Foucault, todo o conhecimento e produção deste emergem como resposta às necessidades de governo e controle social daquele povo.

As críticas e as novas maneiras explicativas problematizaram e enfraqueceram a teor de ‘verdade única’ que o modelo de ciência tradicional sustentou, até meados de século XX, agora há mais vozes e o campo de inteligibilidade das ciências se tornou mais pluralizado. Entendemos que nossas explicações e descrições sobre o mundo são construções sociais determinadas por práticas linguísticas, sendo assim o discurso e a prática científica podem e devem ser objetos de análise, de criticidade (Spink, 2011)

3.2 O DISCURSO CONSTRUCIONISTA SOCIAL

Como vimos então, o Construcionismo Social é um discurso que surgiu em meio à crise da modernidade como uma crítica ao modelo de se fazer ciência, tem como característica a criticidade, reflexão e problematização do *status quo* não só da ciência, mas de tudo que produzimos a partir da crença nessa verdade absoluta. Contempladas as características da ciência tradicional, seu desenvolvimento e críticas, consideraremos agora o discurso Construcionista Social a partir de 4 pressupostos propostos engendrados por Gergen (1985) no começo do movimento.

O primeiro pressuposto sugere que tudo aquilo que tomamos como verdade são descrições compartilhadas que fazem parte de uma teia social, cultural e temporal. O segundo sugere que essas verdades sobre as coisas, são vinculadas e mantidas através de trocas relacionais que sustentam nossas práticas e tradições, baseadas naquilo que acreditamos e falamos. Assim, a produção de conhecimento se dá nas relações.

O terceiro pressuposto nos diz que processos sociais sustentam inteligibilidades pelo tempo através de suas práticas e não apenas por sua validade empírica. O quarto e último refere-se à interligação entre conhecimento e ação. Produzimos conhecimento nas nossas relações, interações e negociação de sentido, assim as descrições e conversas são ações sociais (Borges, 2007, p. 45).

Há uma mudança importante na maneira como compreendemos a linguagem e seu papel na criação de sentidos, a linguagem é entendida no Construcionismo Social como ação criadora e mantenedora de realidades. Para Gergen & Gergen (2010), a linguagem foi utilizada por muito tempo como uma forma de imagem, é através dela que cientistas fazem seus relatos sobre os acontecimentos; supomos então, que as palavras são o retrato real dos fatos elas representam os fatos.

Mas, por que damos estes nomes às coisas? E às cores? E às pessoas? Nós utilizamos as nomeações por questões de praticidade que facilitam nossa vida, são fins relacionais. Elas não são imagens idênticas do mundo, como fotografias, são ações práticas que orientam nossas ações no cotidiano.

Parece óbvio que as nomeações tornam nossa vida mais facilitada, como seria se você não tivesse um nome? Ou mesmo os objetos pudessem ser chamados cada dia de algo diferente. Sem dúvida isso nos daria mais trabalho. Mas o que quero falar aqui é que as formas de falar nos encerram dentro de tradições, essas tradições são aspectos simples do cotidiano, como a nossa religião, as disciplinas da escola, o que são coisas de mulher e de homem, entre outras, como o que é beleza, arte, democracia e tudo o mais que nos cerca.

Como exemplo, cito a enquete realizada com alunos de 04 a 08 anos por educadores dos Estados Unidos, descrita no livro “Call me Crazy”, de Phil Bunton (2011, p. 36) quando as professoras indagaram “o que é o amor” surgiram respostas como:

-Ex 1. “Quando minha avó pegou reumatismo ela não podia se debruçar para pintar as unhas dos pés, daí o meu avô que pinta pra ela, mesmo ele tendo artrite”.

- Ex. 2. “Amor é quando uma garota coloca perfume e o garoto coloca loção de barba do pai, e eles saem juntos e se cheiram”.

- Ex 3. “Amor é quando você oferece suas batatinhas fritas sem esperar que ela ofereça as batatinhas dela!”

- Ex. 4. “Amor é quando você fala para um garoto: ‘que camisa linda você está usando’, e aí ele passa a usar a camisa todo dia”.

- Ex. 5 “Você sabe o que é amor quando seu cachorro lambe a sua cara depois de ter deixado ele sozinho o dia inteiro”.

- Ex. 6 “Jesus podia ter dito para aqueles pregos caírem das mãos dele, mas ele não disse. Isso é amor”.

Para o Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio, amor é: s.m. Afeição viva por alguém ou por alguma coisa: o amor a Deus, ao próximo, à pátria, à liberdade. / Sentimento apaixonado por pessoa do outro sexo: as mulheres inspiram amor. / Inclinação ditada pelas leis da natureza: amor materno, filial. / Paixão, gosto vivo por alguma coisa: amor das artes. / Pessoa amada: coragem, meu amor! / Zelo, dedicação: trabalhar com amor. // Amor platônico, amor isento de desejo sexual. // Por amor de, por causa de. // Pelo amor de Deus, expressão que dá ênfase a um pedido: não faça isso, pelo amor de Deus.

Cada uma dessas descrições sobre o amor está arraigada em tradições específicas, fala de contextos culturais, vivências pessoais e valores diferenciados. Como cada tradição tem seu próprio critério de juízo, acreditar ou não que uma delas seja verdadeira, depende de essas utilizarem ou não a mesma forma de linguagem que usamos. (Gergen & Gergen, 2010). Provavelmente, as respostas infantis descrevem o amor de forma diferente dos adultos.

E não há como dizer qual a mais verdadeira, pois, não se trata de aproximar-se da realidade universal do amor, mas de criar significados para o termo amor, que se traduzem em ações em uma dada comunidade e assim permite que seus participantes possam se sentir amados (ou mal-amados) segundo aquela tradição. Outro aspecto já comentado entre os pressupostos é a relação entre as pessoas como modo fundamental para a criação de inteligibilidades, ações e realidades.

Vamos a um exemplo: Quando brincava de casinha, costumávamos eu e as minhas amigas, fingir que falávamos inglês. Eu então improvisava sílabas quaisquer em um ritmo estranho e com entonação de pergunta eu olhava para a outra esperando uma resposta. Eu imaginava uma pergunta em minha língua “E aí como está?” E falava na língua inventada direcionando a pergunta à amiga. Por mais engajada que ela estivesse na brincadeira, jamais saberia o que eu estava falando a não ser que compartilhasse da minha tradição linguística (recém-inventada).

Aquelas palavras improvisadas não carregavam sentido algum, mas eram articuladas dentro de uma tradição compartilhada (som, ritmo, movimentos corporais, entonação) que permitiam que minha interlocutora pudesse responder a mim (em seu recém-inventado e incompreensível dialeto). O entendimento entre nós não vinha, portanto, dos significados carregados pelas palavras, mas da performance complementar que fazíamos, uma em resposta à outra.

Esse exemplo ilustra a proposição de Gergen & Gergen (2010) sobre os enunciados de um indivíduo não terem significado em si mesmo, o que sugere que o potencial de significado só pode ser concretizado através de uma ação complementar. Ou seja, precisamos do outro para pelo menos produzir significado, precisamos que eles nos concedam o privilégio da relação, o privilégio de construir conosco significados.

Minha amiga na brincadeira poderia dizer: “O que é isto? Não estou entendendo nada, pare com isto!” Ou “Sim, sim, continue” e assim eu poderia significar minha prática ou como uma ação inadequada ou como uma conversa em uma língua inventada, enfim.

O fato é “o significado não reside em nenhum dos dois indivíduos, mas somente nas relações de ambos” (Gergen & Gergen, 2010, p. 42).

Por último, falaremos da importância da produção científica para o Construcionismo Social. Diante de todas as críticas apresentadas anteriormente à ciência moderna e à produção do conhecimento e à breve exposição do discurso Construcionista, pretendo esclarecer a maneira como este considera a pesquisa e sua relevância.

Segundo Gergen (2010), a investigação construcionista preocupa-se com a explicitação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem e explicam o mundo em que vivem. Este modo de pesquisa implica em adotar a perspectiva de que conhecimento é algo que as pessoas constroem juntas por meio de práticas sociais. Spink (2010) afirma que tanto o objeto como o sujeito são construções sociais e, portanto, interdependentes na criação do conhecimento.

Diante disso, a pesquisa construcionista é descrita como um processo relacional em que a coordenação de vários discursos (mesmo conflitantes) é o que está em pauta, e o que o encontro deles e dos sujeitos que os sustentam pode construir (Mcnamee, 2010). Esta postura é vista pela tradição científica como uma “opção discursiva” na realização de pesquisas qualitativas.

O desafio do pesquisador é adotar uma postura reflexiva frente a todo processo investigativo, de modo que as práticas locais, contingentes e situadas dos participantes da pesquisa, assim como as dos que conduzem a investigação, possam dialogar umas com as outras. (Mcnamee, 2010, p.10)

Somente através do diálogo entre os diferentes discursos podem surgir novas inteligibilidades na tentativa de construir diferentes sentidos, talvez mais criativos ou generosos com um ou com outro sujeito criador da realidade. Apesar de considerar a não neutralidade do nosso fazer diário e científico, o pesquisador Construcionista não abre mão da postura crítica em relação ao “processo pesquisa”. Em nenhum momento o pesquisador deve estar livre de ser questionado, de refletir sobre o que está fazendo e porque optou por aquilo. Ele deve ser sempre “honesto” consigo mesmo, admitir a não neutralidade e buscar uma postura crítica e reflexiva sempre.

Neste sentido, implicar-se significa emprestar-se para criar conjuntamente novas realidades (Gergen, 2010). Segundo Mcnamee (2010), ter esta postura não significa empenhar uma empreita com o objetivo de “descobrir a verdade”, mas de ser um agente transformador da realidade a qual se busca compreender através do processo pesquisa.

Como dito anteriormente, dependemos do outro para a criação do significado, que será diferente de acordo com as condições históricas, sociais, culturais, econômicas e pessoais de cada sujeito e de cada encontro. A utilidade da pesquisa e dos novos conhecimentos que surgirão a partir das pesquisas é o que de fato interessa na pesquisa Construcionista. A linguagem é mais que a palavra, ela cria novos ambientes e possibilidades que têm grande potencial de transformação social. Desse modo, pesquisar é criar novas práticas.

PARTE II- O CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

4. O PROCESSO METODOLÓGICO DE PESQUISA SEGUNDO A PERSPECTIVA CONSTRUCIONISTA SOCIAL

Por não conceber a essência dos objetos ou fenômenos sociais, como expõe Iñiguez (2002), o Construcionismo Social não pode também utilizar-se de um estilo de método que difere de seu posicionamento filosófico.

Segundo esse paradigma, a realidade deve ser metodologicamente dividida, estudada e só posteriormente apropriada. Como o suprassumo da análise, teríamos a “verdade” sobre o objeto estudado. Pressupostos que sustentariam esta “versão ontológica”, segundo Law, seriam a independência, precedência, definição e singularidade. Todos estes advindos dos ideais iluministas. (Moscheta, 2011)

Em contrapartida a esse método, o autor apresenta uma versão alternativa que não pretende apenas descrever a realidade, mas participar da construção dela através de diferentes dispositivos, entre eles: tecnologia e teoria. De modo que seria impossível a dicotomia no processo de pesquisa assumir a impessoalidade do método e também assumir uma postura epistemológica qualitativa e não quantitativa como no paradigma anterior. Segundo Moscheta (2011, p. 91):

A ideia da separação entre estas instâncias é vista como produto de um estilo narrativo que se sustenta no apagamento dos processos decisórios, ambivalentes, incongruentes, multidirecionados e fluidos que compõem a pesquisa.

Considerar as contradições é abarcar aspectos subjetivos e, neste trabalho, adoto a ideia de que subjetividade é um sistema complexo de significações e sentidos produzidos simultânea e reciprocamente, um processo de constituição do sujeito e da sociedade. González Rey (2005, p.37) entende que:

A subjetividade é um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito.

Como visto anteriormente “o conhecimento é sempre resultado de uma ação coletiva” (Iñiguez, 2002). Ao considerarmos o campo da pesquisa qualitativa em psicologia, temos que a produção de sentido (ou conhecimento) é, portanto, uma produção integrada entre as realidades que se encontram.

As práticas metodológicas utilizadas para a realização da pesquisa foram: observação participante; entrevistas abertas; e análise de histórias de vida. Este estilo metodológico permite a superação dos dados empiricamente coletados através da interpretação dos significados destes pelo próprio pesquisador. Dessa forma, a originalidade metodológica dependerá da implicação do próprio investigador com seu objeto de pesquisa.

Para a elaboração de registros das informações, durante o processo, traçaram-se algumas estratégias, entre elas: fotografias e gravação de áudio, conversas informais e diário de campo. Este último possibilita através da leitura uma visão mais inteira dos caminhos que o pesquisador e o pesquisado tomaram até o dado momento (Hammouti, 2002).

As fotografias e gravações de áudio funcionam como documentos que possibilitam uma análise posterior mais detalhada, o que garantiria o valor das fotos e gravações. Por outro lado, o diário de campo caracteriza-se como um “retrato” diário de percepções, angústias, desafios, conquistas e percepções do pesquisador.

Por último, as conversas informais por meio das quais o informante pode sentir-se livre para utilizar o tipo de narrativa desejada sem regras formais tornam possível “romper com a circularidade dos repertórios interpretativos e produzir outros sentidos” (Menezes & Costa, 2010).

4.1 OBJETIVOS

Problematizar o tradicional modelo de aferição de Qualidade de Vida (WHOQOL-100 e WHOQOL-bref) com o objetivo de compreender o que agricultoras familiares compreendem por Vida de Qualidade.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os discursos utilizados pelas mulheres na construção de sentidos sobre Vida de Qualidade.

Comparar o discurso das mulheres sobre Vida de Qualidade e o discurso científico sobre Qualidade de Vida.

Discutir os limites e possibilidades dos instrumentos padronizados de avaliação de qualidade de vida a partir dos sentidos construídos pelas próprias mulheres que trabalham no campo.

Discutir questões de gênero que perpassam a avaliação da qualidade de vida das mulheres entrevistadas.

5. MÉTODO

5.1 DESCRIÇÃO DO MÉTODO E CONTEXTO

Esta pesquisa qualitativa de base Construcionista Social, contou com a participação de cinco agricultoras familiares como co-construtoras de uma nova categoria sobre o termo Vida de Qualidade. Como instrumentos metodológicos foram utilizados: conversas informais, diário de campo, e análise das práticas discursivas das entrevistas individuais e coletiva. Além disso, realizamos também um grupo de conversação. Apresento em sequência, as fases para a realização da pesquisa:

Primeiramente, buscou-se o contato de agricultoras familiares que participassem de duas Associações de produtores orgânicos, vinculados ao NADS. As Associações: Pomar e Vale Vida, pois se localizam nas cidades mais próximas à Maringá, o que facilitaria o deslocamento. Depois da primeira busca, realizamos o contato telefônico com cinco produtoras esclarecendo em uma breve conversa o objetivo do contato e da pesquisa. Depois do esclarecimento foram convidadas a participar da pesquisa. Após confirmação de cada uma delas, passamos às visitas domiciliares para realização das entrevistas individuais.

As visitas foram realizadas pela pesquisadora juntamente com bolsistas do NADS, que acompanharam o processo como equipe de apoio. Os encontros individuais tiveram duração de aproximadamente uma hora e ocorreram nas propriedades rurais de cada mulher participante da pesquisa. Nas entrevistas individuais as mulheres foram convidadas a descrever o que para elas significava “ter uma Vida de Qualidade”.

As conversas foram gravadas e transcritas na íntegra. Utilizamos os seguintes recursos técnicos: bloco de notas, gravador, caneta e câmera fotográfica. Desta mesma maneira realizamos as entrevistas com cada participante individualmente, em momentos diferentes.

Este primeiro encontro baseou-se no roteiro:

1. Chegada (antecipadamente anunciada à participante na reunião da Associação)
2. Esclarecimento sobre a pesquisa e os procedimentos. Assinatura do termo de consentimento individual.
3. Conhecimento da propriedade rural e tarefas da participante.
4. Conversa informal

5. Convite para o encontro conjunto.

6. Partida

Após as entrevistas realizadas e transcritas, cada uma delas foi analisada separadamente em duas etapas distintas. Primeiramente criei uma análise personalizada denominada “Sentidos Construídos”, onde através do diário de campo descrevi impressões pessoais sobre o encontro com cada mulher, cada uma das descrições foi descrita com um título metafórico. Na segunda etapa, as entrevistas foram analisadas e as falas foram categorizadas segundo o assunto e sentido que atribuíam ao viver bem. Por exemplo: “Para mim viver com qualidade é ver o fruto do trabalho” (Fala de Cecília), referente à subcategoria trabalho.

Desta análise, foram elencadas o total de 48 (quarenta e oito) subcategorias que caracterizavam ideias sobre o que significava ter “uma vida de qualidade”. Todas elas advindas das entrevistas individuais. As subcategorias foram reorganizadas segundo o critério de recorrência. Ou seja, àquelas mais utilizadas pelas mulheres, foram elegidas como tópicos principais. Desta forma, elegemos 4 (quatro) Tópicos, a saber: Família; Trabalho; Autonomia e Companhia.

Depois disso, cada um desses Tópicos fora apresentado segundo as descrições das entrevistadas. Esclarecido os Tópicos, comparamos cada em destes com os Domínios apresentadas no questionário WHOQOL, dividindo didaticamente em semelhanças, especificidades e ausências. Finalmente, depois de comparar os discursos, o próximo passo foi a criação das fábulas.

Os Tópico elegidos através da análise e co-criação de sentido das entrevistas foram transformados em uma narrativa. Desta forma, há uma narrativa para cada um dos seguintes tópicos: Família, Trabalho, Autonomia e Companhia. As narrativas tiveram como modelo as fábulas, todavia, as narrativas produzidas não tinham o objetivo veicular uma “lição de moral”, mas problematizar situações problema apontadas pelas mulheres em suas entrevistas individuais. Após a criação das narrativas, reestabelecemos o contato com as participantes, convidando-as para o Encontro Conjunto.

- Por que fábulas? Justifico a escolha das fábulas como base para as narrativas, pois tive a preocupação de construir um instrumento que fosse conversacionalmente acessível. Além de ter como personagens os animais, os quais participam do cotidiano das mulheres, as narrativas falam de todas elas sem, no entanto, as expor. Outro ponto a favor desse recurso é que o modelo de fábulas é amplamente conhecido, desde o século V a. C, principalmente pelas fábulas de Esopo (Ash & Higton, 2013).

E, finalmente, pelas narrativas terem uma diferença conceitual significativa em relação às fábulas de Esopo. Essas histórias, por mim construídas, não objetivam repassar uma “moral da história” como eram encerradas as referidas fábulas, mas pretendem problematizar e questionar alguns *status quo* em que vivem as personagens. Dessa forma, as narrativas passaram por um ajuste em favor da dialogia, convidando os ouvintes à implicação pessoal com a história. Todas as narrativas são seguidas de duas perguntas: a primeira de comparação e a segunda de problematização. Por exemplo:

“- Em que a personagem da história se parece com você?”- Comparação.

“- O que ela é quando não está sendo mãe ou esposa?”- Problematização.

As perguntas feitas às mulheres participantes do grupo de conversação se estabeleceram no momento Encontro Conjunto. Depois das perguntas elas tinham tempo para responder e discutir conjuntamente suas respostas. Esta conversa coletiva justificase baseado no que afirmam Gergen & Gergen, 2010, p. 42, “o significado não reside em nenhum dos indivíduos, mas somente na relação de ambos”. Assim, conversar sobre os significados criados é construir novas realidades para eles mesmos.

O Encontro Conjunto foi realizado, com a presença de 4 (quatro) das cinco participantes. Realizou-se na propriedade de um dos Associados da Vale Vida, teve duração de aproximadamente duas horas e meia. Esse segundo momento teve como objetivo promover um diálogo a partir dos sentidos emergentes dos discursos individuais sobre o tema qualidade de vida.

Para isso, entrei em contato com as participantes por telefone e chequei a disponibilidade de cada uma para participarem do Encontro, que em princípio seria realizado no dia 05/12/14 às 15h na propriedade de um bolsista do NADS, associado da Vale Vida, próximo à residência das convidadas. Devido à impossibilidade de duas entrevistadas em participarem nesta data, remarcamos para o dia 11/12/14 às 15 horas no mesmo local.

Apenas 4 entrevistadas puderam participar: Sônia, Mariana, Célia e Cecília. Fui buscar cada uma delas em sua propriedade e as levei ao local combinado. Ao chegarmos, todas tomaram um café preparado com a ajuda da anfitriã, que não participou da intervenção. Depois do café, com duração de aproximadamente 30 minutos, convidei as participantes para nos reunirmos em um local um pouco mais afastado da mesa de lanche para que pudéssemos iniciar a conversa.

E seguiu o roteiro:

1. Recepção das participantes e café da tarde.
2. Conversa grupal
3. Finalização do grupo
4. Agradecimento às participantes

O encontro não teve em si, fatores terapêuticos, mas forneceu o ambiente propício para o surgimento de conversas anteriormente não pensadas, sendo este encontro de saberes, enriquecedor tanto para as participantes, quanto para a própria construção de valores sobre a temática.

A conversa conjunta teve o objetivo de discutir os tópicos centrais do assunto investigado sem expor nenhuma das participantes. Com esta preocupação, optei por contar narrativas fictícias, baseadas no modelo de fábulas, que tiveram o propósito de sugerir semelhanças e impulsionar discussões acerca do tema central.

Por último, o Encontro Conjunto foi gravado e descrito na íntegra e posteriormente analisado, em busca de sentidos criados conjuntamente.

5.2 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Sobre a postura ética que envolve este trabalho, acredito que seja importante esclarecer que considero o outro, entrevistado, como co-criador de uma nova realidade que partilhamos e tornamos possível conjuntamente.

Gergen (2010), em seu Livro “Construcionismo Social: Um convite ao diálogo”, discute que a utilidade das linguagens e os resultados das pesquisas construcionistas devem ser considerados como uma produção de diálogo, uma ação não neutra e produtora de realidades. Perguntar-se para quê ou a quem esta narrativa serve ou a-quem favorece-

O Código de Ética do Psicólogo prevê, em seus princípios fundamentais, a promoção do bem-estar da comunidade.

II: O Psicólogo trabalhará visando ao bem-estar do indivíduo e da comunidade, bem como à descoberta de métodos e práticas que possibilitem a consecução desse objetivo. (Código De Ética Do Psicólogo, 1997, P.05).

A descoberta de métodos que visem ao bem-estar da comunidade perpassa o que esta comunidade concebe como “bem-estar”. Qual realidade universal pretende-se considerar para a promoção de bem-estar? A realidade não é estática e, por isso, os conhecimentos sobre ela devem ser capazes de acompanhar, de refletir estas mudanças. (Tomanik, 2004). Para isso é necessário conhecer a realidade social, política e considerar o sujeito integrante e formador dessa realidade, ou dos atores que a constroem.

Por último, acreditamos que ser assumidamente “não neutro” não desvaloriza o trabalho científico, pelo contrário, esclarece posicionamentos e transparece o engajamento pessoal do pesquisador com seu tema. Segundo Ibañez (2001, p. 31), não há neutralidade, de modo que “é pergunta que solicita um tipo de resposta ou outra, dito com outras palavras, a resposta está marcada pela pergunta”. Tão importante quanto investir em pessoas é entendê-las como co-formadoras de sua realidade.

6. RESULTADOS

O projeto foi apresentado ao NADS em reunião e dois bolsistas do Núcleo se comprometeram em realizar as viagens comigo. Diante disso, procuramos na lista dos agricultores(as), mulheres que atendiam as questões de inclusão desta pesquisa. Separamos as 5 primeiras e deixamos mais 5 como possibilidades. As primeiras selecionadas moravam em propriedades mais próximas à cidade de Maringá.

A seguir há uma descrição dos encontros realizados, baseada no diário de campo e observação participante. Tais encontros contêm impressões pessoais e a caracterização das agricultoras, do momento do encontro e da propriedade rural. As pessoas entrevistadas apresentam nomes fictícios.

A seguir apresento uma tabela com alguns dados das respectivas mulheres.

Quadro 1. Dados das produtoras entrevistadas

Todos os nomes são fictícios, inclusive os dos familiares.

MULHERES ENTREVISTADAS							
Nome	Idade	Cidade	Principais atividades	Estado civil	Número de filhos	Quantos anos como agricultora	Data da entrevista
Célia	42	Jandaia do Sul	Produtora de uva fina de mesa; atividade domiciliar	Casada	2 (filho e filha)	25 anos	14/05/14
Cecília	47	Jandaia do Sul	Produtora de uva fina de mesa; atividade domiciliar	Casada	3 filhos (um falecido)	47 anos	21/05/14
Joana	50	Mandaguari	Produtora de Hortaliças e atividade domiciliar	Casada	2 (filho e filha)	35 anos em média	04/06/14
Mariana	68	Jandaia do Sul	Produtora de queijo e doces	Casada	3 filhos	68 anos	11/06/14
Sônia	45	Mandaguari	Produtora de morangos	Viúva	2 filhas	20 anos	18/06/14

6.1 VIAGENS

6.1.1 PRIMEIRA VIAGEM: CÉLIA – “O VINHO AMARGO DA SOLIDÃO”

Entrei em contato por telefone com Célia e marcamos a visita em sua propriedade. Na terça-feira eu a encontrei na feira realizada pelos produtores da UEM e combinamos os detalhes para o encontro, como horário de chegada e características do caminho.

Na manhã seguinte, saímos de Maringá às 7h30 em direção à zona rural de Jandaia do Sul e chegamos à propriedade, com chuva leve, por volta das 8h30. A paisagem bonita, permite que vislumbremos mais de 12 mil quilos de uva de três qualidades diferentes, e bem em frente a casa. Ao chegar, Célia recebeu-me na cozinha e começou a falar sobre seu filho e as dificuldades que tem enfrentado, sobre a tristeza e desânimo que sente, completando que está sendo medicada contra depressão. Pedi para que sentássemos, então ela continuou a falar sobre o filho e como o término do namoro dele afetou toda a família.

Só depois de aproximadamente 25 minutos consegui abordar o tema da pesquisa, fazendo a pergunta disparadora sobre “o que significa ter uma vida de qualidade” e por ali ficamos mais uns 35 minutos. Ela estava bastante triste, chorou emocionada e agradeceu algumas vezes a minha presença porque eles se sentem muito sozinhos. Disse também que sua capacidade para a realização do trabalho doméstico, assim como o rural, foi prejudicada pelo seu abatimento. O casal estava muito preocupado com a condição financeira atual e a falta de compradores para a colheita da uva. Falou também da falta de assistência para transporte, saúde e lazer.

Depois disso, Célia e seu esposo, que também estava no local, convidaram a mim e os dois outros alunos bolsistas para tomar café. Durante a entrevista, o esposo de Célia queixava-se com os alunos, sobre as dificuldades de escoamento e venda do produto, além das condições desfavorecedoras do mercado atual da uva. Célia então buscou em seus guardados fotos antigas da família e mostrou-as na mesa, contando as histórias a que elas reportavam, às vezes em tom de brincadeira. Vendeu-me uma rifa de uma toalha de mesa produzida por ela mesma, com o intuito de arrecadar fundos para melhorar a renda familiar. A conversa à mesa do café durou aproximadamente 40 minutos e então nos despedimos.

Antes de sairmos, fizemos contato com sua vizinha, marcando o outro encontro. À confirmação de Cecília, a vizinha, para dali a dois dias, nos despedimos recebendo como agrado uvas e polpa de acerola.

Ao sairmos, o casal se abraçou na varanda da casa acenando-nos sob a chuva

6.1.2 SEGUNDA VIAGEM: CECÍLIA, “A SONHADORA”

A segunda viagem realizei sozinha até a propriedade de Célia (entrevistada anteriormente) e de lá esta me guiou à propriedade de Cecília, também na zona rural de Jandaia do Sul. Foi no período matutino de uma quarta-feira. Cecília nos recebeu em casa, com seu filho Igor (7 a.). O lugar é baixo, próximo a um riacho depois das lavouras. É de fato “escondido”.

Cecília escondia com a mão a boca ao falar, por vezes, talvez temendo que eu percebesse a falta de alguns dentes. Aparentava estar um pouco envergonhada, mas mostrou interesse em conversar comigo. Ela é sempre espontânea e fala rápido, com muitos maneirismos típicos da região, esse linguajar popular contribuiu para tornar o encontro bem característico.

Cecília afirma que estar totalmente feliz é impossível e que um exemplo de felicidade no campo é ter uma boa colheita, além de ter a família reunida. Nesse dia em que foi entrevistada ela estava cansada por ter trabalhado na lavoura e um pouco preocupada, pois o plantio e a colheita das uvas nos quais a família havia investido seis meses de tempo, trabalho e dinheiro, não tiveram escoamento, preço coerente e nem compradores. Sobre a família, Cecília relata que teve um filho que morreu há dois anos, vítima de um acidente automobilístico e um outro que se casou e está morando na cidade, ficando com os pais apenas o caçula, Igor, de 7 anos.

Fato interessante da fala de Cecília é seu arrependimento em não ter estudado, ela diz querer ter sido professora, mas que agora era tarde demais. Para justificar sua afirmação, Cecília declara que isso seria bom, pois agora ela poderia deixar de trabalhar ao sol. Além disso, diz também que a posição física da casa onde mora não lhe agrada e que se fossem metros acima isso já seria suficiente, disse sentir-se “sufocada” naquele lugar.

Sobre a relação conjugal, Cecília a descreve como um acordo em que houve amor, mas que hoje é uma espécie de cumplicidade. Em comentários descreve sua relação com o marido como de serventia e companheiros de trabalho. Sua relação com o filho Igor tem características bem maternas de cuidado e proteção devido à idade dele. Pareceu gostar de ver que Igor sabe ler e escrever quando demonstrou isso às visitas. Todos os dias ela o prepara para ir à escola e o leva até a rodovia aonde o Transporte Rural Escolar o conduz

para a escola. Cecília diz não ter muitos amigos, mas que uma de suas amigas é ACS (Agente comunitária de saúde) e que esta vai semanalmente à sua casa contar a ela histórias “do povo” e que isso a diverte muito.

Ao nos despedirmos, Cecília falou de um caroço que tem sentido há meses no seio, mas não sabe o que é e assim eu e Célia sugerimos que ela procurasse um médico e realizasse o exame preventivo de câncer de mama. Ela e o filho se despediram e ele foi para o banho.

6.1.3 TERCEIRA VIAGEM: JOANA – “A MÃE DA TERRA”

Para a realização desta viagem foi feito anteriormente contato telefônico apresentando o projeto e convidando para a participação na pesquisa. Joana aceitou participar e então marcamos o dia para a visita. Essa participante mora na região de Mandaguari e planta múltiplas culturas: mandioca, hortaliças, café, frutas, além de criar animais para o consumo e venda em feiras da região. Nessa visita à casa de Joana me acompanhou um aluno bolsista do NADS. Escolhemos o período matutino para ir em busca da propriedade.

Ao chegarmos, fomos recepcionados pelos nove cachorros de Joana que seguiram o carro até a casa. A mulher nos recebeu juntamente com seu neto Douglas, de três anos. Apresentei-me, informei sobre a pesquisa e iniciamos a conversa. Joana parecia calma e muito satisfeita por morar naquele lugar; seu neto brincava aos pés da mesa com uma motoca motorizada.

Joana falou que está na agricultura familiar há quinze anos e que não seria capaz de morar em outro lugar. Disse que contou com a ajuda de um amigo da família para arrendar as primeiras terras e que depois de alguns anos a família pôde comprar seu próprio sítio. Isso a alegra muito. Contou sobre sua trajetória e trabalho nas feiras e de como o marido a ajuda. Ela pareceu, para mim, a volante da produção. Seu esposo sofreu um acidente de moto recentemente e machucou as costelas, sobrecarregando assim, Joana, que não se queixa disso. Disse que se pudesse ficaria o dia todo na roça.

Relata ainda que tem muitos amigos, principalmente na comunidade da igreja que participa e nos sindicatos dos trabalhadores rurais, através dos quais, esporadicamente, realiza excursões para conhecer diferentes técnicas de produção agrícola. Quando perguntei se há algo que a entristece, Joana emocionou-se e disse que a falta dos filhos em casa a incomoda e entristece, mas que isso foi algo necessário. A filha de Joana tem

dois filhos e é casada, e estava morando na mesma casa dos pais no sítio, em decorrência de um desentendimento com o genro, Joana pediu para que eles saíssem. O filho mais novo (24 a.), diante dessa situação, optou por também deixar a casa dos pais e morar na cidade.

Joana me chamou para conhecer sua estufa, então fomos eu, ela, o neto e os nove cachorros. Ao chegarmos ela me ofereceu um tomate, produção de um fruto que havia trazido de uma excursão e plantado na estufa; eu comi e o neto também. Ele terminou o dele e comeu mais dois. Ao entrarmos na estufa ela olhava as plantas e dizia “Isto é minha vida!”, “Como que eu não gosto disso?” “Olha que lindo, olha isso...” e seu neto repetia. Seu esposo apesar de estar se recuperando de um acidente de moto em que quebrou algumas costelas, já estava trabalhando na plantação de mudas.

Na despedida, ela me presenteou com pimenta, verduras e temperos.

6.1.4 A QUARTA VIAGEM: MARIANA “À ESPERA DA TURMA”

Para que pudéssemos (eu e o aluno bolsista do NADS) encontrar a propriedade de Mariana, primeiramente tentei contato com ela por telefone. Ela aceitou nos receber no período da manhã e, com a ajuda de um vizinho encontramos o local. Mariana é a participante mais velha de minha pesquisa, mora com seu esposo em um lugar muito bonito e conhecido, na região de Jandaia do Sul, tem 3 filhos e duas netas. Sua propriedade está localizada entre outras duas que pertencem a familiares, assim como quase toda a região da zona rural onde vive. A família dela está ali por aproximadamente 50 anos.

Em sua propriedade há um campo de futebol onde pessoas da região marcam jogos e passam tardes com amigos na famosa cachoeira que também fica na propriedade de Mariana e seu esposo. Eles costumam receber em sua propriedade, eventos da Associação, da Igreja da qual participam e outros. Desde que se casaram e assim que foram morar no local em que estão até hoje, o esposo de Mariana esteve em torneios de futebol realizados na propriedade. Ele recebia os times e ela lavava todos os uniformes dos jogadores e vendia em uma espécie de loja de conveniência, alimentos e bebidas para os visitantes.

Há pelo menos três anos o casal não faz mais isso, pois essas atividades acarretavam muitas tarefas extras e gastos para a família, além de preocupar excessivamente Mariana a questão da segurança. Hoje ela e seu esposo produzem

hortaliças para o próprio consumo, criam animais como frangos e porcos, além de produzirem queijos e doces caseiros para venderem na feira.

Ao chegarmos, ela nos recebeu muito atenciosamente, convidando-nos para entrar em sua casa e ofereceu um café. Pareceu um pouco tímida com o gravador, mesmo tendo autorizado a gravação da conversa. Em sua fala aparece bastante a figura do marido, que não estava na propriedade no momento da entrevista. Ela o retrata como alguém ativo e bem decidido, teimoso e persistente. Falou que o esposo teve câncer e que já fez o tratamento e não se abalou com isso. Ela evitou dizer o nome “câncer” e admira a postura do esposo frente à doença.

Comentou não ter muitos amigos, apesar de conhecer toda a vizinhança, disse que não costuma viajar com frequência ou deixar a propriedade, mas não falou com pesar, pareceu não se importar muito com isso.

Em nossa despedida ofereceu queijo e café novamente e agradeceu pela visita.

6.1. 5 QUINTA VIAGEM: SÔNIA “A MULHER FORTE E DOCE”

Para a última viagem realizada, tive a companhia do professor Dr. Ozinaldo Alves de Sena (presidente do NADS) e sua esposa, pois os bolsistas do núcleo não tinham disponibilidade. Sônia mora na região de Mandaguari há 14 anos aproximadamente e trabalha com agricultora familiar orgânica. Ela é viúva há 15 anos e vive com as duas filhas no sítio. É vizinha dos pais e de uma irmã que, esporadicamente a ajuda nas tarefas da roça e também a oferecer cuidados ao seu pai.

Sônia é produtora de referência na associação da qual participa, ela não utiliza agrotóxicos e produz morangos, além de outras culturas. Sua história na agricultura orgânica começou devido a uma complicação que sua filha mais nova teve, aos quatro anos de idade, ao comer uma alface contaminada por agrotóxicos. Nessa época, Sônia já morava no sítio com o marido, mas trabalhava fora. Então depois do adoecimento, internação e quase coma da filha, ela “pediu a Deus que lhe desse uma nova chance”. Depois da recuperação da filha, quase todas as comidas continuavam a dar reações no corpo da criança, por isso ela escolheu começar a produzir a própria comida e, desde então, não parou mais.

Com o apoio técnico da Emater e Associação Pomar, mesmo depois da morte do esposo, Sônia continuou no sítio produzindo o próprio alimento além de vender o que produz, em feiras e supermercados da região. Disse que na Associação sente muito

orgulho por ter uma propriedade referência no assunto, pois a maioria dos participantes são homens e muitos não acreditavam que uma mulher “sozinha” poderia cuidar de uma propriedade. Ela atribuiu seu sucesso familiar e profissional a Deus e ao apoio dos pais e familiares.

7. SUBCATEGORIAS E TÓPICOS ELENCADOS A PARTIR DAS ENTREVISTAS INDIVIDUAIS

Depois de analisar cada uma das entrevistas individuais, organizei as falas das mulheres em 48 subcategorias por similaridades, que representam componentes do que elas entendem por Vida de Qualidade (Quadro 02). Dividi as categorias em quatro principais tópicos: Família; Trabalho; Autonomia e Companhia.

Cada tópico criado será discutido a seguir e, depois disso, compararei os “Tópicos” e os “Domínios” previstos no questionário WHOQOL-100, base para o WHOQOL-bref. As semelhanças serão denominadas “recorrências” e as diferenças serão denominadas “especificidades”. Algo que estava previsto nos domínios, mas que não foi discutido pelas mulheres nas entrevistas individuais será chamado de “ausências”.

Desse modo, compararei semelhanças e diferenças entre o discurso científico sobre Qualidade de Vida e o discurso de agricultoras familiares sobre o Vida de Qualidade.

8.1. QUADRO 2 - APRESENTAÇÃO DAS SUBCATEGORIAS ELENCADAS A PARTIR DAS ENTREVISTAS

1. Bem estar em tudo;
2. Estar em harmonia no lar
3. Estar junto, partilhar;
4. Estar vivo;
5. Ter fé;
6. Família reunida;
7. Saber do bem estar familiar;
8. Ter filhos;
9. Estar com o(s) neto (s);
10. Ser respeitada por eles (filhos);
11. Não ter filhos envolvidos em brigas ou com drogas;
12. Ter vida social e amigos
13. Lazer;
14. Acolhimento;

15. Sentir-se cuidada
16. Ser ouvida e compreendida;
17. Não se sentir sozinha;
18. Ter bom relacionamento com a nora;
19. Ter a presença ou visita dos filhos;
20. Ter e/ou estar com amigos;
21. Rir e conversar;
22. Ter a colaboração do esposo nas tarefas cotidianas;
23. Ser feliz vai além de ter o que comer e beber;
24. Ser feliz depende de esforço pessoal;
25. Realizar sonhos pessoais
26. Ter uma vida sossegada;
27. Ter boa auto imagem;
28. Ter disposição para o trabalho;
29. Ver os resultados do trabalho;
30. Investir na carreira profissional;
31. Fazer boa colheita;
32. Não ter a plantação afetada por veneno;
33. Vender o que foi produzido;
34. Realizar tarefas diárias;
35. Ter os familiares presentes;
36. Ser autônoma financeiramente;
37. Ter disposição física para o trabalho;
38. Trabalhar confortavelmente;
39. Ser autônoma financeiramente;
40. Liberdade;
41. Fumar;
42. Ser considerada apta/boa;
43. Silêncio, ar puro;

44. Trabalhar na Roça;
45. Fazer o que gosta;
46. Ter recursos para a realização do trabalho;
47. Autonomia em administrar o próprio trabalho;
48. Ter a própria terra e casa;

8.2 TÓPICOS ELEGIDOS A PARTIR DA ANÁLISE DAS SUBCATEGORIAS

Família

O tema família dentro do contexto da agricultura familiar, como se pressupõe, é de extrema importância, sendo recorrente na fala das mulheres. Em todas as conversas, o tema esteve presente, às vezes demonstrando momentos de prazer e outras vezes de conflito. Muitas das mulheres consideram que ter a família reunida é “muito bom”, disseram que “adoram” isso. “A união sabe? Essa harmonia, essa união de tá junto. Pai e filhos, isso aí eu acho que é o ponto fundamental” (Célia), fundamental estar todos juntos. Como ponto chave, inicial. “Vê um filho abraçar um pai e sorrir porque tá ali junto...ai...é um máximo tá junto, poder assistir (TV) junto!” (Célia).

A unidade familiar, a presença dos filhos em casa aparece como algo que caracteriza não só o que é família, mas também o papel das mulheres como mãe. “Eu acho assim, a mulher como mãe, eu como mãe, ela tem que pensar nos filhos né, se ela quiser ter um trabalho ela pode ter, mas acho que ela tem que ter uma hora reservada pros filhos, né? Tem que acompanhar os filhos, né? Porque hoje tão nas drogas porque as mães não cuidam, esse papel não adianta falar que cabe ao pai não que cabe à mãe!”. Dessa forma, a “felicidade” e o bem-estar dependeriam dela. “Ah eu acho que felicidade é quando a gente tá bem, tá bem com a família tudo, que nem... conversa, abraça, tá conversando, tá alegre...eu acho que isso é a maior felicidade, não é? Eu acho assim, não sei...”.

Além disso, a união da família parece estar relacionada, para algumas mulheres, à sua competência e felicidade pessoal: “Eu só falo que...eu não sei se eu sou diferente, se eu sou estranha, o que que é... a minha felicidade, muitas vezes, está na felicidade das pessoas que estão a minha volta”. A unidade familiar também serve como dispositivo para evitar a solidão. O fato de estar sozinha pouco agrada as mulheres, que gostam de companhia dos filhos e da unidade entre os irmãos. “Porque eu não sei comer sozinha, só

nós dois né? Chega no domingo quando não vem ninguém é tão chato! “Ah será que eles não vêm hoje?” fica olhando um pro outro” (Mariana).

No tópico família podemos perceber que alguns discursos se sobrepõem, caracterizando elementos importantes sobre a visão das mulheres a respeito de seu papel no ambiente familiar. A felicidade ou bem-estar da mulher depende em grande parte do bem estar dos filhos e marido; suas práticas diárias relacionam-se primordialmente às tarefas relacionadas à casa e ao cuidado da família; a identidade da mulher passa a vincular-se a essas práticas; raramente ela fala sobre si individualmente, antes vincula a vivência pessoal aos outros membros da família.

Esses elementos, contribuíram na criação da narrativa sobre família, denominada “A Onça e seus papéis”. A história apresenta uma onça com “vivências parecidas” com a das mulheres e instiga a problematização dessas condições através da conversação grupal.

Trabalho

Outra questão muito valorizada foi o trabalho, afinal são mulheres agricultoras, produtoras rurais. A mulher nesse contexto pode desempenhar um papel fundamental que vai desde a organização do processo produtivo até a realização braçal do mesmo (Karam, 2004).

Considerando o discurso do inventário WHOQOL-100, o trabalho pode ser enquadrado dentro do domínio “relações sociais”, além de fazer parte também do domínio “questões físicas” e “psicológicas”. Não há algo que defina, no entanto, o que é trabalho. A visão de qualidade de vida, como dito anteriormente, pressupõe que há uma avaliação pessoal das condições de vida por parte do sujeito e é, portanto, subjetivo. O discurso científico sobre QV não considera o trabalho em si como categoria de análise, não pretendo aqui criar este tópico como algo estático, tendo em vista a proporção que tomou no discurso das mulheres.

As relações que elas estabeleceram entre trabalho e “vida de qualidade” demonstram que ele foi contemplado por elas além da pura realização de tarefas. Referenciava-se a um modo de ser, a um modo de como querer ser vista. Estava relacionado à como se viam, a sonhos pessoais, a sensações corpóreas e à possibilidade de consumo.

Ver os resultados daquilo que produziam foi uma das categorias mais lembradas, juntamente com ter disposição para o trabalho. Os resultados do trabalho estavam

relacionados à possibilidade de escoamento da produção, ao florescer da colheita, ao fato de não ter a colheita afetada por veneno. Consideraram importante a venda da produção por preço justo.

Para que isso seja possível, as mulheres entrevistadas acreditam que há a necessidade de “estar disposta” para o trabalho, de que sem a sua “colaboração” a produção e venda pode ser diminuída e que isso ocorre porque, muitas vezes, elas não estão dispostas para a lida. Dizem sentir cansaço físico e “desânimo” decorrente de diversas questões tais como: falta de perspectiva de venda da produção, clima quente, pouca mão de obra para auxiliar no trabalho, sentir-se incapacitada pela idade ou condições físicas e outras.

As condições para o trabalho ou a falta delas marcaram as conversas sobre o tópico trabalho. Muitas mulheres disseram que poderiam ter uma “vida melhor” se as condições físicas favorecessem seu desempenho. O fato de poder trabalhar confortavelmente “na sombra” já mudaria o caráter do trabalho para essas mulheres, que por vezes vinculam as condições de trabalho desconfortáveis à impossibilidade de ter estudado na infância. Ou seja, o serviço braçal, por vezes penoso, funciona como um “castigo” pela falta de capacitação educacional.

Dessa forma, apresentou-se o desejo de poder ter investido na carreira profissional anteriormente para que hoje as condições pudessem ser mais favoráveis.

Em contrapartida, algumas conversas sobre trabalho trouxeram a importância que se dá ao fato de “Trabalhar na Roça” como uma distração, um gosto, um prazer! Certamente os recursos contribuem na melhor produção e renda, mas o fato de trabalhar com a terra aparece como um fator positivo na construção de uma vida com qualidade.

As duas últimas categorias, “sentir-se útil” e “ter dinheiro e possibilidade de consumo independente do marido” denunciam situações em que acontece justamente o contrário do que é colocado como um fator positivo. As mulheres por vezes, não se sentem úteis e nem sentem que seu trabalho e empenho são reconhecidos pelos maridos e filhos.

A possibilidade da realização de trabalhos manuais como: bordados, preparo de compotas de doces, pães e outros passam a ser uma fonte de renda. Não só o dinheiro para o consumo próprio, mas considerável autonomia em relação ao marido, no que diz respeito à possibilidade de consumo. E por consequência, bem-estar.

Desta forma, o sofrimento advindo do trabalho estaria, para essas mulheres, relacionado ao não reconhecimento pelo trabalho realizado. Expresso pelo não

pagamento das horas trabalhadas ou mesmo pela falta de gratidão no ambiente familiar e comunitário. Além disso, as condições de trabalho também representam grande empecilho na realização das tarefas. Esses elementos foram considerados na criação da narrativa “Joana de Barro”, que tem por objetivo problematizar essas questões relacionadas ao trabalho.

Autonomia

O tópico autonomia na WHOQOL-100 é considerado no domínio “Nível de independência”. Este é considerado fator de avaliação e pontuação para a mensuração da QV de alguém. Mas o que dizem as mulheres sobre “nível de independência”?

Os principais pontos comentados em autonomia foram ter liberdade para realizar sonhos pessoais, ter o próprio dinheiro e administrar o próprio trabalho. Estas ações no entanto, não foram apresentadas como uma realidade vigente. Pelo contrário, emergiram na maioria das vezes como um desejo de autonomia e não propriamente como sentimento. Como representa essa fala de Cecília:

“Eu acho “ser feliz (aumenta a entonação dando tom de grandeza) de outro jeito é impossível, né?” (p.2)

Carla: Porque?

“Ah... porque tem muito muito o que a gente sofre...ah....realizar tudo os sonho, não! (p.2)

Muito do que envolve o que as mulheres pensam sobre autonomia relaciona-se com outras áreas. Como por exemplo, para a realização do sonho pessoal, terminar os estudos, a mulher precisaria contar com o apoio do companheiro. Pois, hipoteticamente ela diminuiria sua participação na lavoura para prosseguir no objetivo estudantil. Ainda considerando esta situação, a família também precisaria dispor de uma certa quantia financeira para possíveis gastos relacionados aos materiais, traslado e/ou alimentação.

Desta forma, não ter o próprio dinheiro nem a autonomia de gerenciar o ritmo de trabalho produzem uma realidade de dependência, aplicada aqui em contraponto com autonomia. O que ocorre de maneira geral, é a manutenção de um ciclo onde é preciso trabalhar para viver e ter melhores condições. Como as condições disponíveis são mínimas, há uma impossibilidade de se investir em outras alternativas de produção de renda que não seja a agricultura familiar.

Podemos no entanto, problematizar aqui o quanto torna-se difícil a produção de autonomia de um ser que entende-se como constituído pelo conjunto familiar, e destituído de potencialidade criadora. A mulher que vive no contexto rural, e não recebe por seu trabalho, ou ainda tem o corpo e sua possibilidade de locomoção limitada por uma modelo patriarcal constitui-se subjetivamente como alguém que não “existe” fora daquele contexto (Cordeiro, 2012).

Sobre a legitimação do corpo feminino como “mão de obra” familiar, discutiremos mais à frente.

Apareceram também falas sobre a posse da terra, as questões de posse, estão relacionadas em todos os relatos à autonomia e organização sistemática do processo de trabalho. Isto é, a possibilidade de organizar o próprio trabalho e poder receber todo o lucro pela produção. Em um caso específico, a posse da terra foi apresentada como uma conquista do casal depois de mais de 20 vinte anos de trabalho. Sua correspondência na no questionário é o domínio de número III, “Nível de independência”, proposto pelo questionário WHOQOL-100: Capacidade para o trabalho, Atividades da Vida cotidiana e Mobilidade.

O domínio “Nível de independência” não prevê questões como sensação de liberdade, relações de poder e serventia. Mas focaliza aspectos físicos relacionados a autonomia.

A criação da narrativa que tem como objetivo problematizar questões relacionadas a autonomia ou a falta dela, foi baseada nos seguintes elementos: Necessidade de reconhecimento pelo trabalho; a falta de recursos financeiros; necessidade de criar alternativas em busca de autonomia. A narrativa que configura esta realidade foi denominada “A galinha Gigi”.

Companhia

O tópico denominado companhia engloba a presença de familiares e amigos, o qual no WHOQOL-100 pode ser considerado como o domínio “Relações Sociais”. As principais categorias do discurso das mulheres sobre este assunto, foram: participar da comunidade religiosa; ter os familiares presentes; rir e conversar; ter e/ou estar com amigos; sentir-se acolhida; estar junto, partilhar; ter momentos de lazer; ser ouvida e compreendida; não se sentir sozinha; sentir-se cuidada.

Atividades que envolvem companhia, em todos os casos, aparecem como fatores positivos que favorecem o convívio e o bem-estar. Mas, são momentos escassos que as mulheres vivenciam. Na maior parte do tempo, as agricultoras entrevistadas estão trabalhando e o momento de lazer costuma acontecer aos finais de semana em reunião de familiares, ocasião em que as entrevistadas também realizam o trabalho doméstico.

O domínio “Relações Sociais” é abrangente, considerando qualquer tipo de relação social que o indivíduo possa ter. No caso das mulheres entrevistadas as principais relações sociais desenvolvem-se no âmbito familiar e comunitário. Ou seja, companhia das mulheres são representadas majoritariamente pela família nuclear, família extensa e comunidade vizinha. Cecília expõe:

“Quando eu faço essa lasanha aqui eu telefone pra ela! Mas nós conversa, conversa, conversa, tira....tira meu stress” (p.06)

Carla: E o que acontece quando vocês se encontram?

“Ah...fica feliz né...não quer que vai embora (risos) quando vai embora você fica triste”

Carla: O que que vocês fazem?

“Janta, almoço, conversa, pronto é isso que a gente faz! Quando tem um presente a gente troca...outra vez traz mas nós não dá nada...e assim vai” (p7).

Citações envolvendo como companhia outras mulheres com interessantes semelhantes não existiram. Como por exemplo: um grupo de mulheres agricultoras que se reúnem para discutir situações problemas, questões de trabalho ou mesmo para tomar chá. A dificuldade de encontrar fisicamente esses pares contribui na desarticulação das mulheres como classe unificada na busca por direitos.

Cordeiro (2012) discute as dificuldades envolvidas na mobilidade da mulher no contexto rural. Não apenas por questões físicas, mas culturais. São práticas discursivas que sustentam determinados modos de vida. Nesse caso, o espaço atribuído às mulheres é a casa e o ambiente familiar, cabendo ao homem práticas em espaços sociais.

Isto ficou muito claro nas entrevistas individuais das mulheres, e também no encontro conjunto. Discordo no entanto, que haja esclarecimento ou visão crítica por parte das mulheres em relação a tal situação. Mesmo que concordem que encontrar outras mulheres em um “encontro conjunto” as fortaleça.

A seguir discutiremos melhor estas questões.

Para a criação da narrativa “As andorinhas companheiras”, inspirada no tópico companhia, foram considerados os seguintes elementos: necessidade de acolhimento; partilha; sentir-se apoiada; rir e conversar etc.

8.3 QUADRO 3: DOMÍNIOS UTILIZADOS NA WHOQOL-100 (QUESTIONÁRIO BASE DA WHOQOL-BREF)

Domínio I- FÍSICO	Domínio II- PSICOLÓGICO	Domínio III - NÍVEL DE INDEPENDÊNCIA	Domínio IV- RELAÇÕES SOCIAIS	Domínio V- MEIO AMBIENTE	Domínio VI- ASPECTOS ESPIRITUAIS
Dor e desconforto	Sentimentos positivos	Mobilidade	Relações pessoais	Segurança física e proteção	Espiritualidade/religião /crenças pessoais
Energia e fadiga	Pensar, aprender, memória e concentração	Atividades da vida cotidiana	Apoio Social	Ambiente no lar	
Sono e descanso	Autoestima	Dependência de medicação e tratamentos	Atividade Sexual	Recursos financeiros	
	Imagem corporal e aparência	Capacidade de trabalho		Cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade	
	Sentimentos negativos			Oportunidade de adquirir novas informações e habilidades	
				Participação e oportunidade de recreação/lazer	
				Ambiente físico (poluição/ruído/trânsito/clima)	

(FONTE: Tabela 5.2 Domínios e Facetas do WHOQOL-100; p. 63; PIO & FLECK, 2005)

8. O “ENCONTRO CONJUNTO”

Diante dos Tópicos eleitos e pretendendo criar novos significados através do encontro grupal, promovi um encontro de grupo com as participantes com o objetivo de apresentar a elas minha análise sobre o que elas disseram ser uma Vida de Qualidade. Neste encontro busquei promover uma discussão dos temas e a co-criação de novos sentidos sobre Vida de Qualidade com as participantes.

8.1 NARRATIVAS

As narrativas apresentadas a seguir são fictícias e foram desenvolvidas por mim, autora deste trabalho, com o objetivo de ilustrar questões coerentes com o discurso apresentado pelas mulheres e convidá-las à nova discussão. Cada uma das narrativas tem como tema principal uma das quatro categorias eleitas a partir da análise das entrevistas. Lembrando, os quatro Tópicos são: Família; Trabalho; Autonomia e Companhia.

As ilustrações foram desenvolvidas a partir das narrativas pelo autor Giovani Fatobeni. As mulheres que participaram do encontro conjunto não tiveram acesso às ilustrações. O objetivo destas é apenas enriquecer as narrativas e sua apresentação nesta dissertação.

8.1.1 FAMÍLIA: A ONÇA E SEUS PAPÉIS

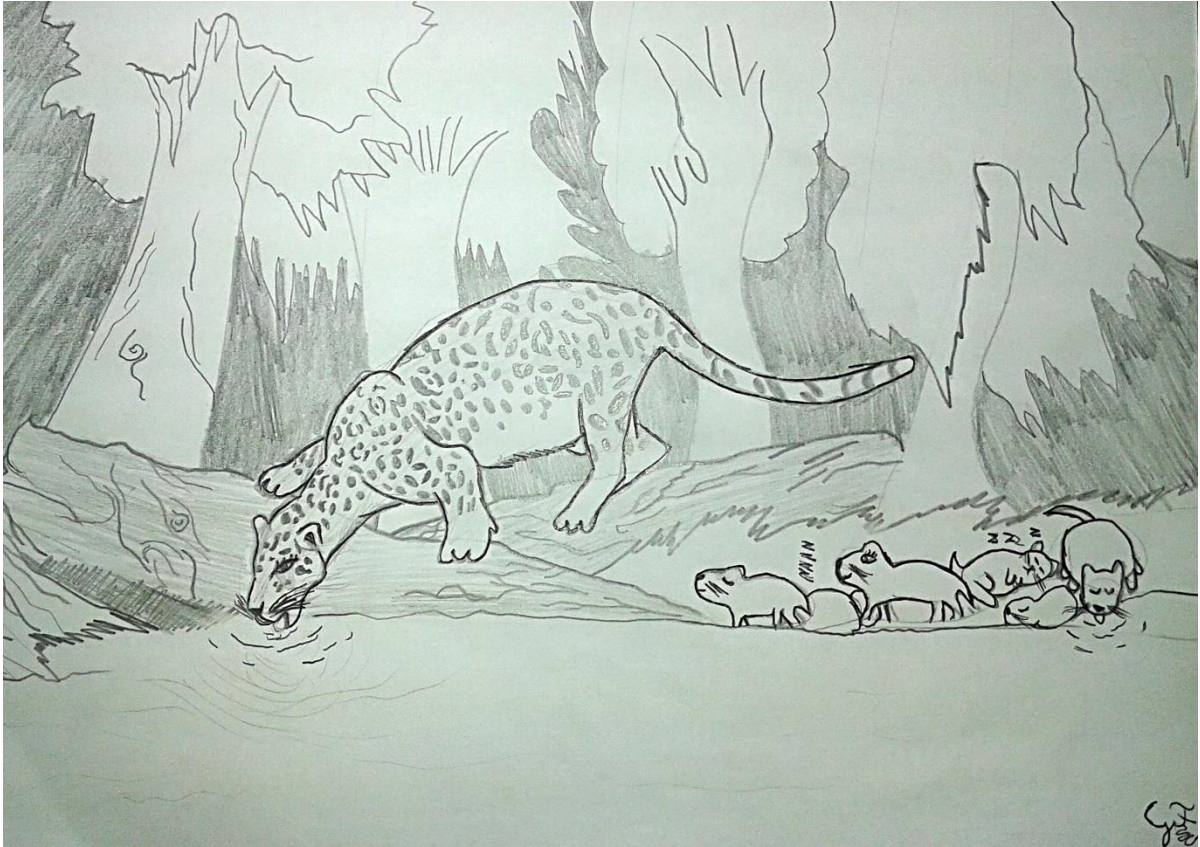


Figura 1. A onça e seus papéis

Conta-se a história de que existia por esses campos uma família de onças pintadas, cena realmente linda de se ver! Toda aquela beleza expressa na linda e temida pele da Dona Onça, seu andar elegante e suas garras afiadíssimas. Dona Onça era mãe de quatro filhotes e dividia-se entre os cuidados com suas crias e a necessidade de caçar para alimentá-los. Além disso, Dona Onça e seu companheiro precisavam sempre estar atentos à limpeza da gruta onde ficavam escondidos os filhotes, para que as pequenas carcaças trazidas por eles não produzissem vermes que pudessem provocar doenças às “crianças”.

Dona Onça lambia incansavelmente os pequenos, retirava os parasitas que perturbavam seus filhotes, limpava o local; cansou de trazer os filhotes pela boca de volta para o abrigo e todas as noites, até que eles pudessem comer comida sólida, os amamentou até aparecer as costelas dela. O companheiro passou alguns dias fazendo ronda para proteger o abrigo de predadores, mas às vezes saía caçando e zanzando por aí. Dona Onça,

por sua vez, não podia contar que alguém fizesse por ela todo aquele trabalho! Às vezes ela sentia que o bem-estar de sua família, a vida dos seus filhos e a continuação da espécie dependiam só dela! Muitas obrigações cercavam o pensamento dela que andava por vezes preocupada, desanimada e até tonta de tanta coisa que tinha que fazer!

Muitos meses após o nascimento dos filhotes, ela precisou ensiná-los a caçar, afinal já não se sentia mais capacitada para oferecer a eles tudo que eles precisavam. Agora eles deveriam desenvolver-se, foi uma tarefa difícil para ela. Depois de ter passado mais de um ano dedicando-se inteiramente aqueles bebês, o que seria dela e deles caso aprendessem mesmo a caçar e viver por seus próprios cuidados? Para ela, a felicidade tinha se tornado “eles”! Parecia que não havia mais nada na vida depois das “crianças, sua casa e seu companheiro”.

Mesmo assim, diante de tantas dúvidas, ela os ensinou a correr atrás das lebres, a abocanhar as queixadas e cavar para encontrar os tatus, a rosar e assustar os predadores. O papai onça levou as “crianças”, agora crescidas, para conhecer o rio, ensinou-os como nadar e atravessar longos espaços de água. Aquela harmonia, todo mundo junto, as brincadeiras e bagunças, a união parecia o céu para a Dona Onça. Sentia-se tão amada que mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo! Foi ali que percebeu que seus filhos estavam crescidos e que logo, logo, tomariam novo rumo.

Apesar de estar feliz, a sensação em seu corpo era outra, ela estava simplesmente exausta de tanto “oferecer o seu melhor aos outros”, havia se esquecido de cuidar de si mesma. E já sem forças, pelo fato de estar se alimentando mal por meses, Dona Onça, resolveu sair para beber água em um outro riachinho próximo, quase que “para espairar”, agora que seus filhos já estavam bem sem ela.

Passou, então, bem pertinho de uma cutia, que nem “deu bola” para ela, e que saiu pelo mato sem pressa e sem medo da grandona. Foi então que Dona Onça reparou em seu próprio reflexo na água e pensou: Puxa, eu sou mesmo uma onça? Nem mesmo a pequenina cutia me reconhece! Devo ter mudado muito...tenho andando tão envolvida com meus filhos e minha casa que só sei ser mãe, esposa e dona de casa. Eu ainda sou uma onça? Será que sou agora só mãe e esposa e não mais aquela Onça que todos admiravam e temiam? Quando será que deixei ‘aquela’ de lado? Quem eu sou para além de mãe e esposa?

E foi assim que se deu o estranhamento de Dona Onça com seu reflexo no riacho naquela manhã. E as perguntas seguiram acompanhando o lindo animal.

8.1.2 TRABALHO: JOANA DE BARRO, LUTAS E GRATIFICAÇÕES

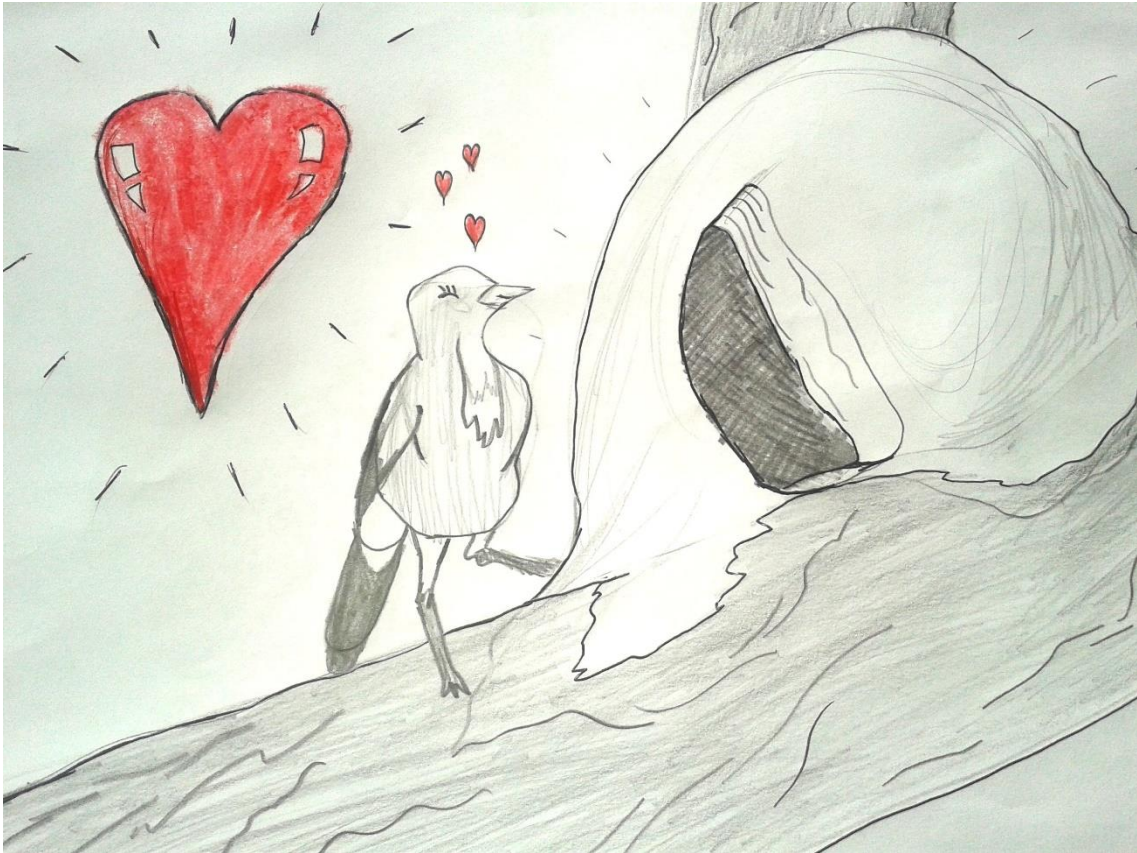


Figura 2. Joana de Barro

Sabemos que no reino animal, cada ser tem sua função, seu talento especial, e usa suas habilidades para sobreviver. Um dos mais belos exemplos disso é o João de Barro, pequeno pássaro que tem como habilidade construir sua própria moradia de maneira excelente! Todo João de Barro, por sua vez, não realiza esta proeza sozinho; ele conta com o auxílio de sua companheira que aqui chamaremos de Joana de Barro. Havia, então, um casalzinho de João de Barro que diante do amor que sentiam um pelo outro e do acordo que fizeram um com outro, tinham o sonho de construir uma bela casa, fortificada e de ótima aparência, onde pudessem criar os filhos com segurança.

Diante desse sonho, eles começaram a trabalhar para isso. Traziam no bico, diariamente, gravetos e pedacinhos de barro para dar a liga na casinha. O trabalho era pesado, mas a passarinha aguentava firme ao lado do companheiro. Por mais esforço que fizessem, havia coisas que não podiam controlar: a chuva! A chuva foi um grande empecilho. Eles construía, construía e construía, mas eram frustrados pela ventania e pelos temporais. Já não havia mais o que fazer, não podia mais se esforçar, isso a deixava

muito triste, pois ela, por muitas vezes, não via o resultado de seu trabalho, o que a desanimava muito. A frustração era tanta que o sonho deles de construir uma bela casa ficava cada vez mais longe.

Foi então que Joana de Barro teve uma ideia brilhante: “por que não construir em um local mais protegido?”. O casal buscou outras possibilidades e conseguiu encontrar um lugarzinho mais seguro, perfeito para a construção da casa e então partiram para uma nova empreita! Talvez outra passarinha já teria desistido, mas ela não, ela acreditava no plano que eles tinham juntos...e assim foi, buscou gravetos em lugares muito distantes, voou e construiu, trabalhando no sol quente por dias e dias.

Como a construção era feita vagorosamente, muitas vezes Joana de Barro se questionava): “será que vale a pena?!” Ela tinha prazer em trabalhar como Joana de Barro, mas às vezes era tão difícil aquela vida. Pensava que se tivesse estudado para ser madame talvez não precisasse encarar aquela realidade, mas ela não pôde, sua vida foi sempre de trabalho e agora o que lhe restava era continuar trabalhando!

Finalmente, depois de meses e meses de trabalho, ela e seu companheiro, com muito esforço da parte dos dois, finalizaram a bela casa. Não havia um pássaro que não notasse a singeleza e elegância da construção. De fato, foi um trabalho muito bem feito! E o casal tinha orgulho do que construíram juntos e eles torciam para que seus planos futuros dessem certo.

No entanto, algo estranho acontecia. Ao passar em frente da casa, todos os vizinhos e visitantes comentavam “Que linda casa, Sr. João de Barro, parabéns pelo trabalho” ou mesmo “Sr. João de Barro fez um ótimo trabalho” e por ali acabava o papo. Seria um comentário ingênuo e até bondoso se Dona Joana de Barro não se sentisse tão esquecida e invisível diante dessa situação. Pensava ela: “E o meu empenho? E as minhas viagens em busca de gravetos e barro? E a ideia de mudar o local? Onde é que eu entro nessa história? Serei sempre uma ajudante? Nunca verei o reconhecimento do meu trabalho?”

Essas coisas passavam pela cabeça dela e a deixavam perplexa diante da reação que as pessoas tinham em simplesmente ignorá-la. Foi quando pediu para um pica-pau escrever no poste de madeira que sustentava sua casa “Residência do Sra. Joana de Barro e do Sr. João de Barro”. E, assim, criaram moda na arquitetura da região.

8.1.3 AUTONOMIA: A GALINHA GIGI



Figura 3. A Galinha Gigi

Em um galinheiro da região havia um belo galo rodeado de galinhas pomposas. Dona Gigi era uma das galinhas desse grande galinheiro e sempre foi conhecida pela sua ousadia e seu “bico empinado”. Ciscava por aí de rabió pra cima, com muito orgulho de ser quem era. Dona Gigi procurava sempre melhores lugares para ciscar e era seguida pelas amigas. Esse seu jeitinho “independente” inspirava as colegas.

Mesmo sentindo-se lisonjeada pelo apoio das colegas, Dona Gigi queria mais! E achava legal mesmo era a vida de Dona Égua Luna, ela sim era um exemplo! Pôde realizar o sonho de sair da propriedade para visitar “o exterior” numa feira de exposição, “também, linda como ela!” – pensava Dona Gigi. Ela tinha seu próprio curral e ração especial, tomava banho com shampoo delicado e podia fazer o que bem entendesse em suas tardes de folga... visitar o rio, cavalgar os campos, pular os obstáculos. Afinal, ela que era a estrela da fazenda. Ela não obedecia ordens, mas sentia que eram os cuidadores que a obedeciam.

Dona Gigi tinha essa égua como modelo para si, porém sentia que suas asas não eram tão grandes como as pernas da égua e que ela nunca podia fazer o que realmente queria! Tinha que chocar ovos e ciscar, chocar e ciscar...e nada mais...ah se pudesse pular como a égua! Ah se pudesse ter essa liberdade! Foi pensando nisso que, certo dia, lembrou-se de suas asas e pensou que se sentiria mais livre se finalmente voasse.

Então, lá foi ela para a tentativa: empoleirou-se, abriu as asas e se lançou ao ar ... até cair. O voo foi curto e o tombo certo. Uns riram e outros aplaudiram a coragem de Dona Gigi. Com a torcida a favor, ela sentiu que podia fazer o que quisesse e isso a aliviou de um grande fardo que era a rotina “ciscar e chocar” que agora podia ser quebrada diante da possibilidade de acrobacias “da impetuosa galinha”.

Depois disso, Dona Gigi passou a dizer por aí que a liberdade é algo muito especial, é grande e libertadora e cabe dentro do coração de uma galinha! E que isso nos torna “gigantes”.

Ouvindo isso, a colega Giselda, sua colega, perguntou:

- Uai, amiga Gigi, afinal de contas...como pode uma galinha ser livre dentro de um galinheiro? Aqui é tudo tão pequeno!

Ouvindo isso, a bicharada caiu na risada.

8.1.4 COMPANHIA: AS ANDORINHAS COMPANHEIRAS



Figura 4. As andorinhas companheiras

As Andorinhas são pássaros migratórios...elas vão e vêm durante as estações do ano. Para nós que ficamos no mesmo lugar e esperamos sua chegada não imaginamos o trabalho que dá ficar junto por tanto tempo, viajando em bando e cuidando umas das outras, mas é justamente isso que fazem delas “os pássaros amigos”, estão sempre em grupo.

Ana é uma andorinha jovem que em pouco tempo se juntaria ao grupo. Antes de participar das viagens podia ver de seu ninho a grande revoada, ela mal podia esperar estar pronta e crescida o suficiente para participar. Às vezes, Ana não se achava pronta para voar tão alto e mesmo sabendo que era uma andorinha por natureza, tinha medo de não conseguir voar como as colegas. Ela achava a vida de pássaro muito solitária, quase não encontrava outras andorinhas por ali.

Por isso, Ana resolveu que naquele verão ela iria acompanhar o bando de andorinhas que passaria por ali no final da semana e com eles iria à praia. O bando enorme de andorinhas era conhecido como “As Andorinhas Companheiras”. Ana estava ansiosíssima, pois seus amigos pássaros: o sabiá, o curió e o pardal diziam que a viagem era para as verdadeiras andorinhas, não era qualquer um que podia realizar tal proeza.

Então Ana comentou com os colegas: “Ora, mas eu sou uma andorinha, não sou? será que não posso ir sozinha então, para a praia? Assim não precisarei enfrentar as dificuldades do grupo e nem ficarão reparando no meu jeito de voar e tal...”. Uma sábia coruja que ouvia a conversa piou chamando a atenção do bando e disse: “Minha querida, uma andorinha só não faz verão! Quando estão juntas, vocês produzem uma força diferente.” Em seguida, a coruja esticou as asas e se foi.

Levando em conta a fala da sábia coruja, Ana, ainda temerosa, resolveu que na manhã seguinte acompanharia o grupo, pois queria sentir essa tal “força” de que falara a Dona Coruja.

Na manhã seguinte, quando a revoada se aproximou, Ana se juntou a ela e seguiu viagem. À medida que voam, elas se alternam: as mais fortes iam na frente “quebrando” o vento e faziam um V para facilitar o voo das outras, assim elas se ajudavam. Nas paradas, elas comiam e partilhavam o que encontravam com quem estivesse lá. Elas conversavam, umas contavam piadas...elas riam juntas. Na viagem, Ana ainda encontrou seus primos distantes e contou a eles sobre como tinha sido sua vida até aquele momento. Os primos também contaram a história deles. Isso foi interessante! Ana sentiu-se

entendida, não se sentia mais sozinha, agora pensava como eles, falava como eles, ela se sentia sim uma “Andorinha Companheira”.

Lembrando-se de toda tristeza e solidão que havia sentido quando estava sozinha em seu ninho, ela estranhou...achou que eles tinham dado a ela uma “poção” quase que mágica que a havia transformado em alguém diferente e, por isso, perguntou à companheira Lúcia:

- Lúcia, as Andorinhas Companheiras são mágicas?
- Como assim, Ana? Por que perguntas isso?
- Ora, por que, então, sinto-me tão bem ao lado de vocês? Quem eu sou com vocês? Há mágica quando as andorinhas estão juntas?

9. DISCUSSÃO

9.1 MOMENTO DE INTERAÇÃO COM REGISTROS

A proposta de construção de sentidos através da interação com o campo seria a posterior relação (ou análise) do que foi produzido durante os encontros. Foi realizada a leitura dos relatos das conversas informais e diário de campo com o objetivo de identificar os discursos que perpassam a construção do sentido sobre Vida de Qualidade.

A criação de sentidos, a seguir, articula o que foi dito nos encontros individuais com a literatura de gênero. O objetivo é esclarecer as especificidades de cada mulher entrevistada, além de localizá-la como autora de sua realidade. Isto é, discutir considerando o pertencimento dessa mulher com as questões sociais e individuais.

9.1.1 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM CÉLIA

Optei por metaforicamente nomear a entrevista com Célia de “o vinho amargo da solidão”, pois apesar dela viver com o esposo e filha na propriedade, durante toda a entrevista ela se queixou pela saída de seu filho mais velho (22 anos) de casa. Disse que por conta disso, sua família se desestruturou e que ela foi quem deixou tudo isto acontecer. Enfim, o rapaz deixou a casa dos pais depois de um conflituoso relacionamento amoroso, como foi descrito anteriormente. O que me chamou a atenção, no entanto, foi a tristeza que Célia parecia estar sentindo.

Em muitos momentos disse que não se sentia como antes, quando a família tinha unidade. Mostrou fotos antigas e chorou muito, parecia não ter alegria em nada, talvez por esta circunstância, focalizou seu discurso sobre o que significava ter uma vida de qualidade, em união familiar. Disse também sobre o vigor para o trabalho, coisa que agora, que passa por uma crise depressiva (segundo o relato da agricultora), não tem mais. Alega não ter força e ânimo para trabalhar.

O que mais chamou a minha atenção na entrevista de Célia é que em sua narrativa, aparece uma mulher que ao se dedicar ao cuidado dos outros (filhos, marido etc) pouco investe em si mesma. Neste momento de vulnerabilidade, Célia descreve-se como alguém que não é vista, e cujo sofrimento não é reconhecido por ninguém, por isso a sensação de solidão. Quando relata que a amiga/prima foi a única que a apoiou em um momento familiar difícil, Célia fica muito emocionada e diz posteriormente que “amigos

verdadeiros” são aqueles que estão com você até mesmo em momentos difíceis. Mais uma vez, a união, e agora não só familiar, mas fraterna aparece como um fator de acolhimento, contribuindo para uma vida com mais qualidade.

Em diferentes falas de Célia percebo a repetição da palavra “juntos”, ela diz “comer juntos”, “assistir à TV juntos”, e outras situações que pressupõem companhia como: conversar, rir, fazer piada, um abraço do pai com o filho etc. Nessas falas novamente a interação, não somente física, está presente como um “fio condutor”, um “grude” humano que fortalece as relações e que a torna mais feliz. O telefonema da amiga, as aulas de bordado na companhia de outras mulheres, o café da manhã compartilhado com os filhos, são todas ocasiões citadas pela agricultora como momentos de felicidade, em que há pessoas e interação.

Desse modo, a falta do filho e o momento de reclusão e desânimo que vivencia no momento a torna menos feliz e “não vista”. Concomitantemente percebemos a dificuldade que a família tem para a venda e escoamento da produção, o que acarreta mais preocupações e dívidas. Como são produtores de uva, utilizei a metáfora “o vinho amargo da solidão”. Célia disse: Estamos sozinhos! Não há compradores para a uva, o filho saiu de casa, os vizinhos (pais da ex-namorada do filho) se afastaram um pouco e ela deixou de sair de casa e frequentar certos lugares onde costumava ir.

Entendo que a tristeza de Célia está em não “ser” mais com outros. O que ela considera fundamental (segundo suas palavras) está sendo modificado, estrutura familiar, trabalho e resultados, ânimo para o trabalho, lazer etc. Célia vive um momento crítico, uma possibilidade de se reinventar e refletir sobre sua condição física, emocional, familiar etc. Momento este previsto por diversos autores que estudam a meia idade e suas reações (D’andrea, 2000) o que não assegura a calma do período.

Sobre sua condição feminina, ela parece assumir um papel de mãe protetora e presente na vida dos filhos, dona de casa e organizadora de finanças. Entretanto, após seu abatimento, essas tarefas foram deixadas de lado. Célia espera recuperar-se de seu abatimento, acreditando que, com a sua melhora, tanto o filho, como a filha, o marido e as finanças melhorarão, o que aponta mais uma vez para a centralidade do papel da mulher no meio rural. Dessa forma, ela espera reaver o que acredita ser fundamental para a sua qualidade de vida, a união familiar.

9.1.2 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM CECÍLIA

Cecília denominou-se “bronca” no fim de nossa entrevista, para justificar seu modo peculiar e “caipira”. Também são impressões construídas por ela ao me receber, quase como a “doutora”, demonstrando estar insegura em relação às respostas e à presença do gravador. O que também marcou nosso encontro foi a maneira como Cecília fala, os maneirismos bem típicos da produtora rural, o que tornaram a conversa ainda mais interessante. Sobre as categorias elencadas em sua fala é possível perceber cinco principais tópicos de conversação: Ser feliz vai além de comer e beber; Ser feliz é ter boa colheita e venda; ter a presença de amigos; realizar sonhos ou metas pessoais; ter a família reunida e ver o bem-estar dos filhos.

Cecília é uma mulher de meia idade, que vive em uma propriedade rural com o filho Igor, de 7 anos, e o esposo Claudemir, a aproximadamente 6km da cidade mais próxima. Suas vizinhas estão a 2km de distância e Cecília passa a maioria dos dias sem encontrar essas mulheres. Ao falar das conversas por telefone ou mesmo pessoalmente com as amigas, Cecília se mostra muito sorridente e descontraída, pois parece valorizar esses momentos ao dizer que “adora” as amigas.

Cecília fala dos problemas em vender os produtos e também destaca as dificuldades do trabalho braçal. Há, sem dúvida, necessidade de escoamento da produção, além de controle das perdas advindas das pragas e veneno que afetaram o plantio. Cecília não deixa de lembrar que seu trabalho na roça é árduo. E vinculando a esse discurso, também emerge o desejo que ela tem de trabalhar “na sombra”, em algo que seja menos cansativo. Relembra, assim, a falta de estudos que se dá em sua vida desde a infância, a necessidade de trabalho (colheita de algodão), entre outros fatores que a impediram de prosseguir em seus estudos, o que hoje lhe faz falta, segundo seu relato.

A questão da autonomia ou a falta dela apareceram algumas vezes durante a entrevista com Cecília. Ela fala do local onde está construída a sua casa e de como gostaria de poder morar em outra casa, ou se sua casa fosse construída em um lugar mais alto. Logo nega que exista essa possibilidade, pois o marido já disse que “não vai mais mexer com construção”, e assim se encerra o assunto. Fala ainda que seu casamento não é o que ela esperava, mas “o que vai fazer uma mulher com uma criança, sozinha?”

Também fala que não poderá mais estudar e que já está velha; em momento algum nas seguintes falas considera-se autônoma. Percebo, assim, uma narrativa que enfatiza

sua dependência em relação ao marido e à vida cotidiana que desenvolveu até o momento, não vislumbrando possibilidades ou caminhos emancipatórios de diferentes realidades além da atual.

9.1.3 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM JOANA

Estar com Joana e não pensar que o sítio é a melhor opção de vida é uma tarefa difícil. Ela passa a ideia de que aquele lugar é ideal, lugar de paz, tranquilidade e liberdade. Liberdade é uma palavra muito valorizada por ela. Quando ela se referia às questões de bem-estar, usava expressões como “viver com liberdade” ou “poder fazer como preferia”. Como se em tudo procurasse demonstrar o quanto estava bem por ter sua autonomia ou como disse, com liberdade.

Joana ressalta, algumas vezes, o quanto gosta de trabalhar “na roça”, dizendo que se pudesse trabalharia ainda mais naquilo que faz hoje. Logo depois enfatiza que o bem-estar dos filhos sintetizaria sua felicidade. Por isso, optei por organizar o que acredito que ela considere como vida de qualidade em três categorias principais: autonomia, trabalho e família.

A autonomia refere-se à possibilidade de gerenciar ações como organização do trabalho, gastos pessoais, rotina da casa, rotina familiar. Quando Joana contou de que forma ela e seu esposo escolheram comprar um sítio e ali viver, ficou bem claro que a iniciativa partiu dela que encorajou o esposo. Nas situações de trabalho que exercia anteriormente (arrendamento de terra e venda de verduras na feira), Joana também pareceu ser muito ativa, carregando a carroça para ir à feira e levando consigo seus filhos pequenos até que o esposo chegasse. Estes recortes demonstram que a possibilidade de gerenciar os processos de trabalho e do cotidiano da casa colaboram para o bem-estar de Joana.

Quando se refere ao bem-estar dos filhos, ela primeiramente conta, emocionada, a história de sua filha que saiu de casa há um mês, levando consigo o esposo e os dois netos de Joana, o que lhe causou grande tristeza. No entanto, ao descrever as circunstâncias que levaram a esta decisão (que também partiu dela), Joana diz como o genro a atrapalhava em seus afazeres diários e que ela não tinha mais “liberdade em sua própria casa”, dizendo até que “se sentia como uma visita em sua própria casa”. Complementa ainda que a saída deles colaborará para o crescimento do casal, de forma

que este venha a desenvolver a sua “autonomia”, ao ter o “canto” deles, segundo as palavras dela.

Por último, percebo quase que um teor bucólico e romantizado quando a entrevistada refere-se ao “ar puro” e ao “silêncio” presentes na realidade do sítio. Essas características materiais exemplificam a proporção de seu apego àquele lugar e podem simbolizar o prazer que sente em viver ali.

9.1.4 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM MARIANA

Mariana foi a mulher mais velha que entrevistei. Recebeu-nos pela manhã em sua casa e estava sozinha. Procurei refletir se esta questão justificaria peculiaridades em sua fala. O que é característico na fala dela é a maneira como “traz o esposo para a conversa”, sempre se reportando a ele. Falou do que ele gosta e não gosta de fazer, falou que ele não sabe dirigir, falou de como ele comprou a terra que moram, falou algumas vezes dele como figura central para justificar posturas pessoais, tais como: não sair, gostar da companhia de pessoas, resolver não mudar do sítio e outras coisas.

Ela vive com o esposo há cinquenta anos e mora na região desde muito criança. Mesmo assim não conhece cidades muito próximas, pois não costuma sair para viagens ou passeios. Essa afirmação apareceu na conversa como algo pelo que eu devesse me impressionar: “Você acredita?” e é seguida da fala que justifica isso pelo fato de o esposo não saber dirigir. Achei significativo, uma vez que isso a incomoda, mas se justifica por uma incapacidade dele e não dela teoricamente.

Sobre o que mais gosta destacou-se: produzir e comer produtos de qualidade; estar com a família; estar com amigos; poder descansar e conversar. A maior parte das categorias elencadas a partir da fala de Mariana pressupõe companhia ou presença de outras pessoas e apenas a categoria “produzir e comer com qualidade” diz respeito à uma atividade realizada onde mora, o que seria afetado caso se mudasse dali. Há um pertencimento àquele lugar. Ela deixa isso bem claro em sua história de vida e quando conta sobre a presença da família como vizinhos e etc. Mas há, sobretudo, um pertencimento emocional e identitário. Ela é alguém dali, planta e colhe ali, o vilarejo todo sabe onde fica sua propriedade e quem é ela. Mariana faz parte daquele lugar e valoriza a presença de outros e, vivendo assim, sente-se bem.

Por último, fala que apesar de ter muito trabalho no sítio gosta de estar ali e da companhia da “turma” (amigos e familiares) e nesses momentos ela faz muitas coisas, sente-se útil, diferente do que havia dito anteriormente sobre si mesma, quando não se sente autônoma, não é mais “uma mala sem alça”, é alguém valorizado. Finalmente, depois de tanto “serviço” diz que gostaria de sentar em uma cadeira de área para descansar e “bater papo” com o marido, justificando esse desejo pelos longos anos de trabalho.

9.1.5 SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DA ANÁLISE DO ENCONTRO COM SÔNIA

Sônia foi a última mulher entrevistada e talvez a que tenha maior engajamento com questões agroecológicas, ela é associada a uma organização de produtores orgânicos da região, diferente da organização de que as outras entrevistadas fazem parte. O estado civil de Sônia também difere em relação às mulheres entrevistadas anteriormente, ela é viúva e mora com as filhas. Os pais moram em uma propriedade próxima e seu pai a auxilia no trabalho. Ela planta e vende morangos orgânicos, além de produzir outros legumes espalhados pela propriedade.

Começou a plantar os próprios alimentos depois que a filha foi infectada por agrotóxicos, ficou seriamente contaminada, foi internada na U.T.I por ter ingerido algum alimento contaminado. A filha mais velha de Sônia tinha quatro anos e seu esposo já havia falecido. Depois da recuperação desta, ela passou a plantar quase tudo que come, o que não pode produzir procura trocar com outros produtores. Filiou-se à associação de produtores orgânicos da região, fez inúmeros cursos de manejo orgânico e hoje é uma produtora de referência. Não usa agrotóxico ou veneno em nada, utiliza recursos aprendidos por ela na associação e Emater. Participa da comunidade protestante Metodista juntamente com os pais e valoriza muito o papel da religião em sua vida.

Para Sônia, ter uma vida de qualidade, basicamente passa pelas seguintes categorias: ser reconhecida pelo trabalho; propiciar boas condições físicas e emocionais para o bem-estar das filhas; produzir alimentos de qualidade; ser independente; ter uma vida calma, tranquila e, finalmente, estar bem com Deus.

De modo geral, Sônia parece estar satisfeita em viver na roça e se orgulha muito em “ser independente”. As questões tais como: evitar o recasamento; saber dirigir; gerir as finanças sozinha; ser produtora reconhecida num campo dominado por homens fortificam sua identidade feminina, caracterizando-a como um diferencial. O fato de

Sônia se constituir como referencial em produção orgânica e ser mulher foi interpretado como algo peculiar, diferente, incomum e lhe rendeu alguns desconfortos na associação à qual participa com toda a “japoneisada” como ela mesma falou.

Utilizei como metáfora para caracterizar Sônia o termo “mulher forte e doce”. O adjetivo forte ao ser apresentado após o substantivo mulher, contraditoriamente, pode afirmar uma ausência culturalmente atribuída ao feminino, sobretudo no cenário rural (apenas é necessário afirmar a força daqueles que são habitualmente vistos como fracos). O doce vem como trunfo na tentativa de criar encontro entre polaridades habitualmente vistas como excludentes, considerando que Sônia planta morangos – um fruto doce e delicado - e tem sido muito bem sucedida em sua empreitada.

9.2 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS E DOMÍNIOS

- **Recorrências**

O discurso científico e o discurso das mulheres são semelhantes quando consideram que ter uma vida de qualidade depende também da relação que se estabelece com as pessoas com quem se convive. Não existiram grandes variações dos temas principais abordados como Domínios e Facetas do WHOQOL-100. O que houve foram variações de temas que foram descritos de forma “genérica” no questionário WHOQOL-100. Por exemplo, podemos comparar o domínio IV - Meio Ambiente, tópico 17 denominado Ambiente no lar com a categoria “harmonia no lar”, advinda da fala das mulheres. Ou ainda, podemos comparar a categoria “bem-estar em tudo” com o domínio II - Psicológico, número 4: sentimentos positivos. E assim por diante.

Apresentarei agora a descrição dos domínios e facetas que foram considerados recorrentes e seus “correspondentes” nas categorias eleitas a partir das entrevistas com as mulheres:

Domínio I - Físico: Não há descrições sobre dor e fadiga ou sono, mas as entrevistadas discutiram algumas vezes a importância de se ter energia, como é previsto no domínio, principalmente para a realização do trabalho.

Domínio II - Psicológico: As facetas sentimentos positivos e autoestima foram citadas, relacionando sempre esses sentimentos ao bem-estar familiar e/ou aos recursos financeiros.

Domínio III - Nível de Independência: teve grande correspondência com a fala das participantes tanto a faceta mobilidade, quanto atividades do cotidiano e capacidade de trabalho. A independência apareceu como um fator positivo para as mulheres, na administração das próprias tarefas, independência financeira, possuir a terra onde mora, realizar sonhos e ter liberdade. Estes últimos fatores correspondem, também, ao desejo de sair da invisibilidade, como previsto na literatura de gênero. Nesse sentido, a autonomia se relaciona com a vontade de ser visto, ser considerada, tornar-se autora de determinadas situações podendo assim modifica-las.

Domínio IV - Relações Sociais: relações pessoais e apoio social também foram facetas recorrentes, com múltiplas variáveis relacionadas, principalmente, à companhia da família e de amigos.

Domínio V - Meio Ambiente: sobre aspectos ambientais, sobressaíram-se o ambiente do lar, recursos financeiros e possibilidade de lazer e recreação.

Domínio VI - Aspectos Espirituais: todas as entrevistas individuais trazem conteúdos de espiritualidade ligados à provisão, felicidade, gratidão e esperança.

- **Especificidades**

Foram consideradas especificidades as falas das entrevistadas que não estavam previstas no WHOQOL-100. Entre elas: o fato de fumar foi considerado por uma delas como um fator de “alívio”; trabalhar na Roça, especificamente, não é uma faceta no WHOQOL-100 e foi considerado um elemento da Vida de Qualidade.

As categorias “ter filhos” e “não vê-los envolvidos com drogas”, também apareceram como fatores específicos. Pode ser que estejam englobados em domínios maiores, mas nunca foram detalhados desta forma.

- **Ausências**

Não foram contempladas pelas mulheres em suas falas as seguintes facetas:

Domínio Psicológico II, faceta 5: pensar, aprender, memorizar. Domínio Nível de independência III, faceta 11: dependência de medicação e tratamentos; Domínio Meio Ambiente V, faceta 16: segurança física e proteção; Domínio Meio Ambiente V, faceta 19: cuidados de saúde e sociais: disponibilidade e qualidade.

O tema Atividade Sexual (Domínio Relações Sociais IV) foi discutido posteriormente no encontro conjunto e o tema Oportunidades de adquirir novas informações e habilidades (Domínio Meio Ambiente V, faceta 21) também foi igualmente discutido no grupo, mas não individualmente.

9.3 RECONSTRUINDO SIGNIFICADOS CONJUNTAMENTE

9.3.1 SIGNIFICADOS SOBRE O LUGAR DA MULHER NA FAMÍLIA

Dentro do tópico família, durante a conversa conjunta, as participantes articularam diferentes significados. A partir da análise da conversa, optei por elencar alguns deles para a discussão.

A narrativa disparadora para a conversa sobre família apresentava uma personagem que se dedicava em tempo integral ao cuidado dos filhos e ao papel de esposa. A problematização do tema veio com a pergunta: “mas o que ela (personagem) é, quando não é mãe e esposa?” O objetivo era problematizar a questão do cuidado com a família e papéis sociais não desempenhados pelas mulheres.

Sem ao menos serem questionadas sobre semelhanças, as mulheres já começaram a falar sobre como sua vida se parecia com a da Onça. De modo geral, sobre o lugar da mulher na família, entendem que esta pensa só na família e nos filhos e não pensa em si mesma, esquecendo que é uma pessoa.

Cecilia: É assim né? Fica pensando na família, nos filhos e não se cuida, né?!

(Todas riem)

Célia: Tudo a ver com a onça!

Carla: Por que tudo a ver com a onça, Célia?

Célia: Ah, porque, eu digo por mim...como mãe, eu toda vida fui assim ...e sou assim até hoje! A gente se preocupa em dar o melhor, em fazer o melhor por eles, né, pelos filhos...e a gente se esquece, né? De que é uma pessoa...a gente não se olha no espelho mais, a gente não se vê mais como uma mulher, se vê sempre como uma mãe. A mãe tem que lavar, a mãe tem que limpar, a mãe tem que tratar, tem que levar, tem que buscar. Mas ela...ela não sabe quem, o que ...na verdade ela representa pra ela mesma. Na verdade, ela não pensa! (p.3)

A fala de Célia sobre o lugar da mulher na família revela um papel maior que o de mulher, o papel “mãe” que parece sobrepor qualquer outra característica identitária da até então mulher. Quase que uma troca, como se a partir do momento em que ela constitui família, sua identidade fosse modificada, agora ela passa a ser reconhecida e a reconhecer-se como mãe.

Del Priori (2014) discute a maneira como o ideário da maternidade foi forjado, principalmente, durante os séculos XVIII e XIX com as contribuições das tradições higienistas que apontavam métodos para se desenvolver a ciência materna. Segundo a autora, as palavras de ordem do século para as mulheres eram as de cuidado e maternagem. Segundo a revista *Vida Doméstica* de junho de 1916, o papel social da mulher era o de ser mãe e os cuidados com sua prole deveriam ser sua prioridade.

Conforme o conteúdo da revista, “a mulher que não for boa mãe deixa, por isso mesmo, de ser mulher”. Assim, caso ela deixasse de realizar sua “obrigação”, deixaria de ser mulher. As mulheres no contexto rural, como discutido anteriormente, a mulher, dona de casa, fica responsável pelas tarefas domésticas e outras. E muitas vezes não reconhecem o valor do próprio trabalho, segundo discutem as autoras Stadler (2008) e Pacheco (2010).

O final da fala de Célia aponta também a dificuldade e em saber sobre si mesma, quando não se está exercendo o papel de mãe. Ela diz que, na verdade, não sabe o que representa para si mesmo. Talvez tenha se empenhado tanto no cuidado dos outros e investido tão pouco em si mesma, que de fato não sabe sobre si. A não ser o fato de que “é” sempre em prol de alguém.

Além disso, tarefas de cuidado com os filhos também são de responsabilidade da mãe, tarefas como lavar, tratar, limpar, levar, buscar etc. Sobre o fator cuidado, tão frisado pelas mulheres, questionei quando é que o tempo de cuidar acaba para que possam, então, considerar a si mesmas como prioridade. A resposta foi que o cuidado é eterno... os filhos nunca crescem e a mãe nunca pensa em si, a mãe sofre e sempre quer cuidar.

Percebe-se que, como o papel da mulher passa a ser mãe, ela jamais sairá dessa posição e, a menos que se problematize tal situação, a mãe e sofredora continuará exercendo seu papel solitário e arcando com tarefas de cuidado sozinha, devido à sua condição de gênero.

A tarefa “mãe” como descrita pelas mulheres pareceu-me um tanto quanto desafiadora e questionei, então, o que se ganha e o que perde com o exercício desse papel. A resposta foi clara: perde-se a juventude e larga-se tudo. A motivação para isso seria o prazer em vê-los crescidos. O fato é que a sensação de que não precisam mais de tutela nunca chega e a vida familiar gira, quase sempre, em torno dos filhos.

Carla: Viu, mas como na história da onça, ela se preocupou com a família, com os filhos...e quando se viu estava emagrecida, né? O que ela ganhou e o que que ela perdeu com isso?

(Pausa)

Mariana: Perdeu? Não perdeu.

Cecilia: Ela só, ela só...não sei...

Carla: Assim, quando falo onça, não no personagem onça, mas sim o que isso tem a ver com a nossa vida...o que uma mãe...

Sônia: Perdeu a juventude né, pra cuidar dos filhos, né?

Cecilia: Ah isso nois perde mesmo! Larga de tudo, né?

Sônia: É!

Célia: Mas o que ela ganhou é ver os filhos crescido, né, essa a gratificação que nós temos de ver que eles agora podem andar sozinho, essa é a motivação de perder a juventude por eles, né?

Cecilia: Mas nois nunca acha, Célia.

Célia: Num acha! Então...né...

Cecilia: Nois nunca acha que os filhos podem andar sozinhos! (p.6)

Diante disso, questionei o que é uma mulher em contexto familiar sem filhos. A resposta das agricultoras demonstra a valorização do status “mãe” para ela, aponta também uma dificuldade em autovalorizar-se para além deste papel de maternagem e de trabalho doméstico. A pergunta que, inicialmente, poderia levantar questões sobre diferentes formas de atuação revela questionamentos sobre a identidade e autoestima.

Carla: “E assim, como a história chama “O papel da onça” se ela tem esse papel de esposa e esse papel de mãe, o que ela é quando ela não é isso?

(Pausa)

Cecilia: É uma árvore seca, né?

Sônia: Uma mulher, uma moça.

Cecilia: Uma árvore seca, porque diz que quem não dá fruto é uma árvore seca!

Carla: Vocês concordam com a Cecilia?

Célia: Eu sim. Eu sinto meio que um vazio, uma pessoa improdutiva...

Cecília: Um vazio, um nada! Não é nada.

Célia (continuando): uma sensação assim...

Carla: Sem os filhos?

Célia: sem os filhos.

Carla: Concorda, Sônia?

Sônia: Eu não vivo sem minhas filhas.

Cecilia: minha maior riqueza que eu tenho nesse mundo é meus filhos. É a coisa melhor que eu tenho nessa vida! (p.6).”

No início da conversa sobre família, questionava-me sobre o que as agricultoras entendiam pelo seu lugar como mulher no âmbito familiar. Até aquele momento, as entrevistadas haviam falado que este lugar é o de cuidadora, que se dedica integralmente ao bem-estar dos filhos, da casa e do esposo. A recompensa por todo esse esforço seria ver os filhos “crescidos”, mas a sensação de que estão prontos e independentes de seu cuidado nunca chega. Dessa forma, a função da mulher seria a de cuidar por tempo prolongado e estender o cuidado aos netos.

Cecilia:” Aí, ó, nois cria nossos fio, depois nois cria os netos e nunca para! Não tem jeito.

Célia: É a segunda geração, né?

Cecilia: E mais, diz a minha mãe que a vó se preocupa ainda mais com os netos!

Mariana: Meu filho fica bravo porque diz que casa de vó é chiqueiro de neto.

Cecilia: É, diz que os avós põem mau costume nos netos. Chegou ali ninguém rela o dedo.

Carla: Então a mãe fica sendo a cuidadora e fica sendo essa vó cuidadora?

Cecilia: A mesma coisa! A segunda vez, né?”(p.7)

Compreendendo que a função da mulher seria o cuidado, questionei sobre quem é a mulher. Saímos então de uma reflexão sobre a “função” para um questionamento “sobre o ser”, “Quem é uma mulher, se esta não tiver filhos e marido?”. A resposta representa um esvaziamento do ser “mulher”. Quando retiro nessa estratégia conversacional, a função da mulher, o que fica é que uma mulher sem filhos e sem família representa um insucesso, uma árvore sem frutos, uma árvore seca. Um vazio, um nada. Ela não é nada!

Como pesquisadora co-criadora de significados deste estudo, penso que este foi um dos momentos que mais me tocou. Questionei-me, ao analisar as descrições, “quem é a mulher para além de seu útero? É um vazio, um nada?” Parece-me que ela só se sentiria alguém em complementação, algo esvaziado, que alcançaria sentido apenas quando está “para o outro”.

Ainda conversando sobre o primeiro tópico, uma das entrevistadas mencionou um fato que demonstra o quanto os anseios dela estão subordinados à vontade do marido.

Mariana: “Meu filho morava em Maringá ... ele tem três meninas. Elas eram pequenininhas e ele falou um dia: “Pai, o senhor e a mãe tá aposentado, vem aí e eu pago um salário pro pai e vocês vem morar comigo na cidade. Aí eu e a Daisi vai trabaiaá e a mãe cuida das meninas”. Eu amo minhas netas. Aí eu quis, mas ele disse “Eu não! Se você quiser ir, você vai”, mas como? Como você vai largar seu marido pra ir lá? Seria tão bom tão gostoso, mas ele não quis ir de jeito nenhum” (p.7).

Mariana apresenta uma situação conflituosa, na qual ela deseja algo e o marido outra coisa. Por fim, desiste de qualquer negociação para alcançar seu desejo, pois o esposo tem outra posição e é dele a palavra final. Moraes (2008) reitera que como reflexo de uma sociedade baseado no patriarcado, o contexto rural ainda legitima a fala do homem, como a “fala final”, que representa a ordem na família. Dessa forma sua voz fica em segundo plano, pois não há meios que possibilitem a mudança dessa situação, a saída encontrada é acomodar-se, ainda que ela esteja sentindo-se contrariada.

9.3.2 SIGNIFICADOS SOBRE O LUGAR DA MULHER COMO TRABALHADORA

Como disparador para a conversa sobre trabalho, utilizamos a narrativa da Joana de Barro, personagem que trabalhou muito para ter sua casa, mas não foi reconhecida por isso.

As principais questões discutidas nesse tópico foram as seguintes: as pessoas enxergam somente o marido (invisibilidade); a mulher se sente invisível.

Essa é a história da Joana de Barro. E a minha pergunta é: “em que a sua vida se parece com a da Joana de Barro?”

Célia: “Por mais que a mulher ajude na propriedade, na agricultura assim....eu não digo o marido...mas lá fora as pessoas veem só o marido. Das pessoas que chegam, dificilmente elas falam: “Nossa você e sua família trabalha bem, né?” não! O pessoal fala: “Nossa o Sr. tá de parabéns!”.

Cecília: Só o homem!

Célia: Sempre assim mesmo. Eles reconhecem só o marido, como o dono proprietário e como quem foi que fez tudo aquilo lá.

Cecilia: você pode trabalhar o dia inteiro.

Célia: É como se a mulher não tivesse ali mesmo” (p.10).

A questão da invisibilidade discutida pelos autores Stadler (2008), Pacheco (2010) Oliveira (2007) aparece na fala de maneira clara. Os autores discutem que a mulher no contexto rural, é muitas vezes desvalorizada, principalmente em relação ao trabalho realizado por ela. Desde a organização do trabalho até a execução do mesmo, desde a lavoura até a cozinha passa a ser sua tarefa por “obrigação”. Tarefas atribuídas fundamentadas em um discurso de gênero que concede a mulher este papel.

Célia diz que é como se a mulher não estivesse ali. Não apenas para as estatísticas que não consideram o trabalho de autoconsumo com o mesmo status que o trabalho assalariado, ela também não se sente considerada ou reconhecida como “proprietária e produtora”. Ou seja, não é reconhecida como dona do fruto de seu trabalho.

Dessa forma, como dito por elas mesmas, a mulher trabalha muito, mas não é reconhecida:

Sônia: Ixe! E se sente eim. Meu pai mesmo...trabalho, trabalho, faço isso, faço aquilo...roço, não sei se alguém aqui já roçou de roçadeira, mas é bem difícil sabe? Daí ele olha pra mim e fala: “Não dava pra roçar mais um pouquinho não?”(p.11)

Mesmo sendo uma produtora de referência da região, Sônia fala de como sente o preconceito contra seu trabalho, pelo fato de ser mulher:

Carla: “Você já sentiu isso Sônia?

Sônia: Já. Eu faço parte de uma associação onde é quase tudo homem né? Tem 36 homens...4 mulheres. Oh,..tem quatro anos que eu tô lá, né? Dois me cumprimentam...dois!

Célia: E é um sentimento muito ruim, né? Que fica com a gente porque...

Sônia: O preconceito é muito grande contra a mulher.

Carla: E o que você acha que eles pensam sobre você Sônia?

Sônia: Ah! Eles não respeitam o meu trabalho. O meu trabalho pra eles não é nada! Não me respeitam...

Carla: De capacidade assim?

Sônia: É! Eles acham assim né...que eles são os “bam bam bam” né? E que o que eu faço com o meu trabalho, o que eu desenvolvo...não dá lucro. Acho que eles veem assim

como um nada. Acho que eles veem o trabalho da mulher como um passa tempo! E não precisa ter retorno financeiro, qualquer coisa tá bão!” É assim que o homem vê o trabalho da mulher! Como um passatempo, só pra sair de dentro de casa, assim pra distrair a cabeça...assim que o homem enxerga o trabalho da mulher. (p.36)

O trabalho realizado pela mulher engloba trabalho doméstico e rural:

Carla: E você trabalha muito também?

Cecilia: Eu vou pra roça e venho só seis horas! Agora tô vindo mais cedo um pouquinho. Mas de primeiro eu vinha quase de noite. Chegava em casa, ele tomava banho e deitava lá no sofá. Nem esperava o arroz secar direito já queria tirar o arroz. Eu falei pra ele que se fosse daquele jeito, eu não ia mais pra roça. Porque...não tem paciência! Eles pensam que a gente é relâmpago! Tá tudo ali, as vassouras tudo suja, daí você tem que lavar pra depois fazer a comida. Mas vai explica isso pra ele...ele diz pra por em outra panela...É desse jeito, mas os irmão dele tudinho é diferente! (fala baixinho)

(risos)

Mariana: Você ganhou na mega sena?

(risos)

Carla: E você acha que o trabalho da mulher é reconhecido como o trabalho do homem no sítio?

Sônia: Não! De jeito nenhum.

Célia: De jeito nenhum.

Cecília: Não.

Mariana: Eu acho que a mulher trabalha mais do que o homem. (p.12)

O que fica evidente na fala das entrevistadas é que o trabalho da mulher não é reconhecido como o do homem. Além disso a mulher na realidade rural é responsável por mais tarefas que o homem. Pois o trabalho não rentável, não é considerado como cansativo, produtivo e por esta razão não é reconhecido. E assim reproduzimos a invisibilidade do trabalho da mulher, também no âmbito feminino (NEAD, 2008)

Mariana: “Eu acho que a mulher trabalha mais do que o homem.

Sônia: Muito mais! A gente...ó...tem que cuidar de galinha, tem que trata de porco, tem que limpar o quintal, tem que cuidar de flor, tem que cuidar da casa, a roupa do sítio é difícilima de lavar, a máquina não lava.

Carla: Então ainda tem a questão do trabalho doméstico, por exemplo.

Célia: tem, tem o trabalho doméstico, que não é reconhecido. Porque às vezes você sai da roça e tem um monte de coisa pra fazer dentro de casa.

Sônia: E se chega alguém, e vê aquilo uma bagunça, ainda acha que a gente é preguiçosa, que a gente não limpa a casa! (p.12, 13)

Cecília: Lá em casa o meu não olha a panela pra mim. Pode queima ... “turrica” lá...aquele fedor de queimado, às vezes eu tô lá dando uma comida pro porco, ou tô aguando a horta, e cheiro de arroz queimado!!! E o bicho não sente aquilo lá, não??? Aí eu grito... (p.13).

A história também focou a participação do “esposo” da personagem principal, de forma coadjuvante, mas foi o suficiente para que criássemos sentidos também sobre a relação conjugal e sexual neste tópico. O que considerei muito significativo já que estávamos falando de trabalho. Isso demonstra também o caráter de obrigatoriedade que se tem em relação ao sexo. Diante de algumas falas apresentadas, parece que majoritariamente, as relações sexuais acontecem pela obrigação feminina e não pelo desejo sexual.

Sônia: “É, e ainda vai dormir...e eles ainda quer aquilo ainda. E a gente que não esteja de bom humor ainda não pra vê!

Cecília: Ah... eu não tô nem aí não, se ele quiser que se dane!

(risos)

Carla: Bom, a Célia falou dessa coisa de esquecer que é mulher, eu pensei isso também...como fica essa questão da sexualidade? Do embelezamento, né? Como você falou...passar um perfume, fazer a unha...ter desejo sexual?

Célia: Não, não tem tempo pra essas coisas.

Sônia: Não, não tem.

Célia: Não, não tem desejo sexual. É por isso que eu falei...

Sônia: Vai acabando!

Célia: Porque às vezes você faz por uma questão de necessidade”. (p.14)

É fato que o não cumprimento da relação sexual pode gerar desconfiança e ciúme, o segundo maior motivo de violência contra a mulher depois do álcool (Ipea, 2013).

Cecília: “Porque eles querem, né? E se você não, se você não deixar...eles falam que você tá arrumando outro fora!

Carla: verdade?

Cecília: sabendo que você tá o dia inteiro com ele lá na roça, só se for com o vento! Com o vento!” (p.15)

Ainda sobre a relação sexual, as mulheres conversaram sobre como o processo de cuidado consigo e embelezamento pode favorecer o desejo pela relação sexual. No entanto, a preocupação de embelezamento é entendida pelos companheiros e outros homens (pai) como algo banal, o que não favorece o desejo sexual das mulheres pelos parceiros.

Célia: “Mas, é menina. Daí você pensa, como que eu vou deitar com o marido se tô com as minhas unhas que parece um toco? As minhas pernas, não vê uma depilação, não sei há quantos meses, não é? O cabelo, você mal sai do banheiro, já amarra de novo...não...é assim ... aí você vai chegar na cama você já não quer mais nada...”

Cecilia: Chega dormindo!

Célia: É.

Sônia: Tem uns homens assim, que nem meu pai que fala pra minha mãe: “Pra que shampoo, se tem sabão”. Ele não fala shampoo né, ele fala esses negócios aí dentro desses vidros aí se tem sabão! Para gastar dinheiro à toa” (p.17)

Diante da situação apresentada às mulheres, disseram sentir frustração. Perguntei-me ao analisar as descrições: “Frustradas em relação a quê? O que elas esperavam que fosse diferente? O que esperavam que não puderam realizar? Do que não puderam gozar? Do corpo? Do sexo? Da juventude?”

É igualmente interessante que elas não falam da aparência do marido. Não é uma preocupação explícita o fato deles estarem apresentáveis no momento da relação sexual. Ou seja, elas não questionaram o fato deles estarem feios ou bonitos, cheirosos ou não, com unhas feitas ou não. A preocupação parece estar em “cumprir o trabalho” de cuidar-se para a prática da relação.

Mas quando pergunto sobre o desejo sexual delas este é rapidamente negado.

Repetindo parcialmente a fala exposta anteriormente:

Célia: Não, não tem tempo pra essas coisas.

Sônia: Não, não tem.

Célia: Não, não tem desejo sexual. É por isso que eu falei...

Sônia: Vai acabando!

Célia: Porque às vezes você faz por uma questão de necessidade”. (p.14)

Será que não há de forma alguma desejo sexual por parte delas? Ou não é algo que pode estar no repertório de uma mulher? Como se pela identidade de trabalhadora, (aquela que passa a ser caracterizada pelas tarefas que cumpre) não pudesse ser alguém desejante (Stadler, 2008). Mas alguém que cumpre mais uma tarefa. A tarefa da relação sexual, como mais uma das obrigações de esposa.

Ao assumir o papel exclusivo de mãe, esposa, cuidadora e trabalhadora, não investindo em outros meios de atuação, as mulheres contribuem para a perpetuação de um determinado modo de vida. Este modo, por sua vez, também produz frustração e sensação de impotência e aprisionamento, em suas palavras “sentem-se aprisionadas”.

Carla: “E como a mulher se sente diante dessa situação?

Sônia: Frustrada!

Célia: Frustração.

Mariana: Não tem sentido, né? É chegar em casa e depois ir pro serviço e...

Sônia: Escrava...a mulher sempre é escrava, não tem jeito de se libertar (p.14).

Carla: Então o que vocês estão me dizendo é que o trabalho da mulher já é para o homem “posto”, ele já considera que você vai trabalhar. Ele não te pergunta quanto você quer pra trabalhar ou se você pode...é isso?

Cecília: Meu marido fala assim ... “É obrigação sua!” “É obrigação do cês mulher!” “É obrigação vocês fazer de tudo!” só fala isso.

Célia: Mas não acha que a obrigação da roça é só deles”. (p.25)

As mulheres submetem-se a essas situações através da família e pelo bem desta. Se por um lado temos que o que faz “a mulher, mulher” é o casamento, como discutido anteriormente (Del Priori, 2014). É também por conta dele que se instala uma situação muitas vezes opressiva para a mulher. Há também uma culpabilização do homem como causador de tal situação.

Carla: A Sônia falou aqui, além de frustrada que vocês falaram...falou escrava, dentro de sua própria casa, não tem como se libertar. Vocês concordam com isso? Em que hora que acontece isso? Como a gente entra nessa situação, nesse jogo?

Sônia: Família.

Cecilia: Os filhos faz isso, né? Você não quer deixar eles.

Célia: Quando você constitui família, você quer cuidar da sua família. Então você casa pra isso, pra cuidar da sua família. Mas a gente não imagina que pra gente cuidar é 24 horas por dia...

Sônia: O homem faz a gente escrava.

Célia: é...o homem, a situação, a falta de...

Sônia: E uns ainda podem se considerar que são bons, né? Mas têm uns piores.

Célia: O meu eu posso considerar que é bom, eu não posso reclamar dele. Porque ele reconhece tudo que eu faço... Então toda essa frustração vem do excesso de dedicação que você dá e financeiramente você não vê isso” (p.14,15).

A dedicação por elas investida, em relação ao amor e ao trabalho, de forma geral, não é retribuída. A retribuição financeira aparece como uma possibilidade, mas que não acontece quando o trabalho é realizado na própria casa, conforme afirma Pacheco (2008). Por não haver autonomia financeira há uma dependência em relação ao companheiro, dizem sentir-se impotentes diante dessa situação, portanto, a independência financeira é vista como um fator de empoderamento, como discute

Sônia: “Você pede dinheiro pra comprar um batom! Um esmalte? Vish!

Cecília: O meu não dá uma tinta pro meu cabelo! Nunca me deu um perfume! Nunca me deu um perfume!!! Só aquele lá do mercado que passa embaixo do suvaco. É... esmalte não dá...quatro, cinco anos pra comprar uma peça de roupa.

Sônia: Ainda fala se precisa mesmo?

Cecília: Precisa não! Quatro a cinco anos batendo a mesma roupa.

Carla: Onde fica o lado feminino nessa situação?

Sônia: Não fica. (p.16)

(...)

Carla: E aí como você se sente?

Cecília: Ah, se sente um trapo mesmo! Porque, se o marido não dá valor quem que vai dar? Né? (p.16)

Cecília: O Carlos não dá o dinheiro de nenhum pra mim! (forte entonação). Meus frangos! Ele fala: “Meus frangos!”. Ele fala que compra o milho com o dinheiro dele, mas o milho não compra com o meu trabalho, que eu trabalho na roça? O dinheiro não é fruto nosso? Óia pra você vê...” (p.17)

O sentimento por todo trabalho investido é a falta de reconhecimento, por isso algumas mulheres disseram sentir-se injustiçadas e exploradas. Stadler (2008) discute que a mulher não reconhece a importância do seu trabalho na realidade rural, mesmo submetendo-se à circunstância de exploração. Por vezes, não há um prazer em fazê-lo, mas relações de poder e dominação enraizadas perpetuam tal comportamento.

Cecília: “Por que, meu marido? Meu marido ficou oito anos sem me dar nenhum tostão. E todo esse tempo eu ajudando ele. Aí veio me dar quinhentos reais. O que você faz com quinhentos reais depois de oito anos sem comprar nada? Fala pra mim?”

(risos)

Cecília: Tem que comprar calcinha, comprar sutiã, comprar uma sandalhinha...eu falei pra ele que eu não tava precisando de esmola não, pode pegar pra ele!

(risos)

Cecília: Aí ele disse: “o ano que vem eu vou dar o dobro pra ela, se ela não receber eu vou dar uma surra nela, nem que seja a última coisa que eu faça! Ela tá querendo descansar!”

Carla: E daí Cecília? Você ficou preocupada?

Cecília: (Ri)” (p.18)

Por vezes, como no relato de Mariana, ela até reconhece a importância de seu trabalho, mas não se sente reconhecida da mesma forma que seu esposo é. Ele é “o produtor” e ela, uma ajudante? Este papel é o que de modo geral é caracterizado pelos estudiosos da área. Como discutido anteriormente apenas 8% das mulheres são as representantes de suas casas em programas governamentais, pois são se autodenominam agricultoras. Mas são assessoras do “agricultor”. O lugar do homem no âmbito familiar é orientar a esposa e os filhos no trabalho e práticas cotidianas (Stropoulosas, 2004).

Mariana: “Eu concordo. Apesar de que lá em casa...sair assim comigo ele não sai, apesar de que nós não tem carro, né? Mas assim, ele pega muita coisa pra fazer, né? E ele fala assim: “Eu sou produtor de frango!” Eu falo: “é nada! O meu serviço é pior que o seu” e ele fala que meu serviço é caro demais e que vai pagar alguém pra fazer o meu serviço. Eu falo que se ele for pagar alguém é trocar seis por meia dúzia e que não compensa! Então às vezes eu falo diminói um pouco. Mas ele fala: “Não, tem que trabalhar!” (p.24)

Dessa forma, acreditam sofrer ingratidão por parte do cônjuge e filhos. E pela falta de investimento financeiro e sentimental acontece a autodesvalorização.

Célia: “E é essa frustração, né. Porque a gente se dedica tanto pra agradar, pra tá junto ali...e quando você precisa de uma coisa tão simples, que eles poderiam fazer com um gesto, né? Eles não fazem... (p.19)

Cecília: Porque ó... lá em casa eu ajudo ele em tudo. Se uma pessoa for lá em casa e pegar dois ou três quilos (de uva) eu tenho que dá o dinheiro pra ele. Ele não dá o dinheiro de nenhum quilo pra gente” (p.22, 23).

Assim, alguma possibilidade de trabalho fora da propriedade soa como uma ameaça contra o cônjuge ou contra a família. Parece uma atitude de revolta ou algo assim, que provoca temor e é logo descartada.

Cecília: Lá em casa não. Quando ele fala que é não é não! Eu não mando em nada. Se eu quero uma coisa e ele fala que não é não, “Vai trabaia! O Busão tá lá em cima!”, o busão que ele chama é o ônibus dos “bóia-fria”.

Sônia: Ele fala isso?

Cecília: Hum! “O Busão tá passando lá em cima!”

Carla: O que vocês acham?

Sônia: Eu acho um absurdo! (risos)

Mariana: Eu ia! Eu ia de busão e tudo”.

Apesar de encorajarem a amiga, em um momento mais tarde, quando a possibilidade parece real, as próprias mulheres aconselham Cecília a “não arrumar encrenca”. Não com o intuito de desanimar a colega, mas como que para alertá-la em relação aos riscos.

Carla: “E o que Cecília tinha falado antes...como você vê isso...pegar o busão é a galinha dar um voo, como que é?”

Cecília: É mas...a liberdade minha filha...se eu for eu não volto...

Sônia: Não volta mais mesmo!

Mariana: Aí caça encrenca, né?

Sônia: Não...não volta mais mesmo...”

(Pausa) (p.22)

O item Família, onde discutimos dedicação familiar soma-se a esse. Naquele momento falamos de como a dedicação exclusiva à maternagem e as tarefas impedem outras frentes de desenvolvimento pessoal para as mulheres. Já neste tópico trabalho, temos que a lógica do trabalho coopera para que as mulheres fiquem restritas ao ambiente doméstico, mais uma vez. Esta situação favorece o controle masculino, sua dominação e consequente redução da autonomia das mulheres.

Elas não sentem desejo sexual, mas estão ligadas à família e ao marido também por um modo de administração do trabalho que permite que ele tenha todo o proveito do trabalho. Sabemos que não é a realidade de todas as entrevistadas, mas caracteriza a maioria.

Dessa forma, não há renda, não há outra possibilidade de trabalho e o que se reproduz é a dependência do marido e a manutenção deste modo de vida. Sempre há, no entanto, tentativas de produção de renda para além do trabalho da lavoura, monitorado pelo marido. São produções independentes, que nem sempre significam grandes quantias mas aparecem como um esboço na tentativa de produzir uma realidade diferente.

O trabalho também aparece como fator de emancipação e promoção de renda, questões discutidas mais amplamente na conversa sobre autonomia. Mesmo diante de uma situação financeira pouco favorável, elas buscam estratégias para a produção de renda prestando serviço em outras propriedades, produzindo doces e artesanatos etc. Com a renda, investem em materiais para o uso cotidiano e doméstico.

Cecilia: “Essa calça aqui ó em Jandaia é uns “centi e pouco real”, eu trabalhei na Célia ajudando eles na uva, eu ganhei 235 reais. Daí eu fui lá Mandaguari com a cunhada dela, comprei quatro calças. O dinheiro não deu pra compra as blusinhas daí eu fui lá no banco catei mais “cinquentão” e comprei tudo nas blusinhas de dez reais. Mas não tá bom?”

Sônia: Lógico!

Cecilia: Se eu não falar que é de dez reais alguém vai saber? Então, fia...

Carla: Então assim, essa possibilidade de investir em você veio do teu trabalho.

Cecília: É.

Sônia: É.” (p.17)

De maneira geral, o trabalho foi descrito pelas mulheres não como algo totalmente positivo, pelo contrário, cheio de dificuldades, desigualdades e frustrações, como preveem diferentes autores. Para Codo (2006) e Furtado (2011) o sofrimento relacionado

ao trabalho se dá quando o sujeito já não se reconhece no processo produtivo. Não vê no resultado do seu trabalho sua implicação. Não entende-se como produtor daquilo em que se empenhou. Sem o sentido daquilo que está fazendo, instala-se o sofrimento. Já para Dejours (2004) os obstáculos produzem sofrimentos diários que possibilitam ao ser humano a criação de alternativas que produziram alívio, prazer e reconhecimento.

O trabalho pareceu ser um meio de emancipação e produção de condições para uma Vida de Qualidade, já que é através do trabalho que elas obtêm renda. Em contrapartida, entendo que há sofrimentos relacionados ao labor. Sofrimento físico, como fadiga e exaustão; sofrimento pela falta de reconhecimento; pela falta de vinculação entre a prática e o resultado da mesma. O trabalho das mulheres agricultoras parece estar esvaziado de potencial criativo, uma vez que tem um caráter rígido, um modelo a seguir.

O modo de trabalho articula-se ao modo de ser mulher, mãe e esposa. Articula-se ainda a falta de reconhecimento e renda, o que alimenta o não investimento das mulheres em si mesmas e sustenta o atual modo de vida.

9.4.3 SENTIDOS SOBRE AUTONOMIA

A discussão foi iniciada pela narrativa da galinha Gigi, que ilustrava uma personagem que, apesar de poucos recursos, criou uma situação em que pode sentir-se livre e independente. Diante da discussão da narrativa, três tópicos principais nortearam a conversa. Sobre autonomia, as mulheres frisaram como formas de “emancipação” independência financeira, reconhecimento e liberdade.

O excesso de trabalho e a falta de reconhecimento por parte do cônjuge, filhos e comunidade foram descritos como os maiores obstáculos na conquista da autonomia.

O excesso de trabalho impede a sensação de liberdade:

Sônia: “Eu sou livre!

Mariana: Eu...eu sou livre se eu quiser, mas não tenho, mas às vezes não tem condições pelo serviço né...

(Começa a chover)

Cecília: Aí não tem jeito mesmo de bater nossa asinha né?” (p.25)

A autonomia relaciona-se com independência financeira, fazer sem depender de ninguém.

Célia: “Talvez né, eu não sei se eu...eu experimentei uma coisa quando a gente tava com a uva...de fazer alguns doces e vender pelo dinheiro, uns doces diferente daquele normal que a gente produz. É uma sensação de liberdade, de autonomia, é uma coisa que você está fazendo...sem depender de ninguém.

Carla: A questão de produzir os doces te dá autonomia?

Célia: É! Porque daí...eu que escolho o doce que eu vou fazer, eu que vou escolher a embalagem que eu vou pôr, o preço que eu vou colocar” (p.21)

A possibilidade de escolha de organização do próprio trabalho representa para essas mulheres um alto nível de autonomia, esse mesmo aspecto foi abordado em uma das entrevistas individuais. O fato de trabalhar em sua própria propriedade e administrar o ritmo de trabalho, bem como conhecer as técnicas de cultivo trazem satisfação para a agricultora.

Mas a gente precisa ter uma posição assim, mais conhecida, ser uma agricultora mesmo produtiva...uma mulher que produz de verdade ali com o marido, ser uma agricultora de verdade! Ou então...que nem às vezes vai gente lá e pergunta: “Ah você é a dona de casa?” e não dona da casa! Porque já teve essa situação de uma pessoa chegar lá atrás dele e ele não tá e a pessoa não querer conversar comigo. (p.35)

A autonomia em relação aos conhecimentos e processos de trabalho, além de contribuir para que essas mulheres sintam-se “agricultoras de verdade”, também favorece a possibilidade de aquisição de artigos como roupas ou outros itens com o dinheiro de seu próprio trabalho. A capacidade de produzir algo transforma a independência financeira em realidade, o que corresponde, em certo ponto, à sensação de liberdade.

A liberdade, por sua vez, foi descrita por algumas mulheres como uma “libertação”. E assim, sair para trabalhar fora, ganhar independência financeira e não precisar mais estar casada também apresentou-se como um recurso para alcançar a autonomia. Há, no entanto, um certo temor em relação à liberdade. E entende-se como “encrenca” o fato de não estar mais casada.

Cecília: “Eu...eu...só que eu...eu tenho vontade de ir trabalhar pra mim, eu arrumar uma casa e eu ir morar sozinha. Porque...

Sônia: É ué!

Cecília: porque eu não vou trabalhar na roça pra mim, chegar em casa cuidar dele e fazer tudo pra ele? Aqui pra ele!

(risos)

Célia: Aí não faz sentido dentro de uma família, né? Viver nessa situação. (p.20)

Carla: E o que Cecília tinha falado antes...como você vê isso...pegar o busão é a galinha dar um voo, como que é?

Cecília: É mas...a liberdade minha filha...se eu for eu não volto...

Sônia: Não volta mais mesmo!

Mariana: Aí caça encrenca né?

Sônia: Não...não volta mais mesmo...” (p.22, 23).

Cordeiro (2012) articulando ideias de Foucault sobre o controle dos corpos, traz que a mulher no contexto rural também sofre com um conjunto de normas e condutas “prescritivas” de gênero, sobre como deve se comportar, ou ainda, onde deve ir ou não. Sair de casa, ou divorciar-se e levar consigo uma criança pequena, não é uma atitude esperada deste “repertório”.

Depender financeiramente do marido não é uma opção que agrada as entrevistadas. Já que não há pagamento pelo trabalho, a bonificação fica baseada em questões de “merecimento”, passam a não ser reconhecidas como trabalhadoras, mas como alguém que ajuda por obrigatoriedade. E por isso não precisa receber nada em troca, afinal elas são mulheres e esse é o papel das mulheres:

Cecília: Meu marido fala assim... “É obrigação sua!” “É obrigação do cês mulher!” “É obrigação vocês fazer de tudo!” só fala isso.

Cecília: Que nem lá em casa, às vezes eu fico com raiva e falo que não vou trabalhar mais! E aí ele me fala “Mas como é que você vai comer?”

Mariana: Ah não, isso não...

Cecília: “Como que você vai comer?” hum! Se é eu que lavo os “mulambo” dele, se é eu que remendo, se é eu que tudo! Aí eu vou fazer isso pra ele de graça? Só pelo prato de arroz e feijão? Porque uma doméstica...ela...ganho o salário dela todo mês e ganha comida. Não ganha?

Célia e Sônia: Uhum!

Cecília: E por que que eu não mereço ganhar? Ele fala pra mim se eu não for pra roça quem vai tratar de mim? Por que ele não vai tratar?

Diante disso, as mulheres entendem que precisam ser reconhecidas. Reconhecimento financeiro e verbal. O interessante é que mesmo diante dessa reivindicação, os direitos exigidos parecem muito simplórios, como um gesto de agradecimento, um sorvete pela ajuda de um ano todo, um lanche etc... E então parece que a fala de Pacheco (2010) sobre o não reconhecimento da mulher sobre seu próprio trabalho faz ainda mais sentido.

Célia: porque hoje em dia as coisas mudaram no sítio, na agricultura. As mulheres gostam...que nem eu...eu nasci na cidade, não nasci e fui criada no sítio. Eu gosto e tenho prazer em trabalhar e a maioria das mulheres hoje tem esse querer de ajudar, de trabalhar...mas precisa ser reconhecida! Precisa ser reconhecida! E os homens precisam dar esse valor e saber a importância que a mulher tem tanto de maneira financeira quanto de maneira verbal... (p.23)

Célia: Elogiar!

Sônia: Perguntar: “Ah, você quer comprar alguma coisa?” ou alguma coisa aqui pra dentro de casa? Né?

Célia: “Você trabalhou tanto aqui comigo esse ano, você gostaria de ter alguma coisa que está ao meu alcance?”

Sônia: Vamos fazer um passeio...

Célia: Vamos dar uma volta...

Sônia: Tomar um sorvete, comer uma pizza, sei lá eu...comer um cachorro quente na beira da praça. (p.24)

Célia: É...mas um simples gesto né... (p.31)

De modo geral, os sentidos construídos conjuntamente sobre autonomia versaram sobre possibilidade de gerenciamento do próprio trabalho, identidade, competência, reconhecimento e independência financeira. Podemos notar que a dependência financeira e o desejo de reconhecimento afetivo dos maridos também estão presentes neste tópico. Esses aspectos estão interligados com a prática cotidiana de produção das mulheres e refletem questões da realidade social e familiar.

9.3.5 SIGNIFICADOS SOBRE COMPANHEIRISMO PARA AS MULHERES

Para a discussão sobre companhia contei a narrativa das “Andorinhas Companheiras”. A história é sobre uma andorinha que se sentia sozinha e despreparada, mas que depois de juntar-se ao grupo de outras andorinhas sentiu-se encorajada.

A pergunta de comparação foi: “Quem são andorinhas na sua vida?” seguida de “De que forma elas te ajudam?”.

As mulheres falaram que a família e os amigos, de modo geral, ocupam o papel das andorinhas. A família pela presença e confiança e os amigos por terem histórias parecidas.

Cecília: Desabafa! Mas tem que ser uma amizade sadia, um amigo de verdade que você tem que confiar. Se for amigo traiçoeiro...não

Carla: Você tem amigo, amigo mesmo? Vocês têm?

Cecília: A minha vizinha! Eu amo ela

Célia: Nós temos as histórias muito parecida

Cecília: Apesar de que eu passo ano sem ir lá... (p.27)

As conversas, e o desfrutar da companhia de amigos foram apresentados como situações que aproximam e aliviam. Muitas vezes, as mulheres não se sentem compreendidas pelo cônjuge ou mesmo por outras pessoas que se propõem a ajudar. Esses ouvintes acabam pensando que estão apenas queixando-se sem considerar a real dor daquela que está “desabafando”.

Célia: E muitas pessoas não entendem...a fala da gente.

Cécília: É! Fala assim ... “fulano tá falando mal”...

Mariana: Falando mal...é!

Cecília: Nós tá desabafando!

Célia: Mas tem gente que fala assim “Ah! Mas essa pessoa só reclama!”. Não entende aquela dor que a gente tá sentindo ou aquela mágoa daquele momento né? Você precisa por pra fora e às vezes você não tem uma pessoa pra conversar com você que gosta de você e que te entende...ela já...rapidamente que você tá sendo ingrata ou que você...tá reclamando de barriga cheia...Então é mais ou menos assim....o que falta é o companheirismo às vezes...nesse sentido de apoio! Porque a andorinha ela teve apoio ela foi longe porque ela teve apoio. (p.28)

Para elas, o processo de conversa é potencialmente curador e ajuda na diminuição da ansiedade.

Carla: Por que será que isso fortalece a gente? Por que que ela se sentiu mais encorajada?

Célia: É que no momento frágil a gente escuta palavras...de incentivo né?

Mariana: troca ideia e tudo né?

Célia: É...essa troca de de

Sônia: Tipo uma sessão do descarrego!

Célia: É! (risos)

Cecília: É memo! Tem hora que...parece que tu vai morrer! Aí tu conversar com uma pessoa...e aí vai...vai..né?

Sônia: Alivia né?

Cecília: Aí cê fala, desabafa de mágoa que a gente tá tendo assim ó aí alivia, né?

Célia: Já cheguei muitas vezes lá na Cecília e a Cecília tava desanimada da vida...

Cecília: Ai minha fia...

Célia: E aí a gente conversa um pouquinho...e ela põe pra fora tudo que tava engasgado e a gente mostra que a vida vale a pena e que as coisas ainda têm jeito e uma hora vai melhorar... (p.27,28).

Mas a distância, a falta de intimidade ou a falta de amigas dificultam esse processo. Segundo elas, as pessoas têm dificuldade em escutar. Além disso, não há uma identidade unificadora entre as agricultoras da região, ou seja, nem todas são amigas. Esta falta de unidade não favorece processos de fortalecimento ou criação de sociedades com o objetivo de buscar recursos ou lutar por direitos, por exemplo.

Mariana: As pessoas nunca têm tempo de escutar e quando alguém vai escutar o bão é desabafar né? (p.28)

Célia: (...) Porque...a andorinha ela teve apoio, ela foi longe porque ela teve apoio.

Cecília: E nós se sente sem.

Célia: (continuando) e ela não se sente sem apoio na verdade, né? Nós não temos força pra brigar pelos direitos que nós gostaríamos de conquistar...e...valores reconhecidos muitas vezes porque a gente não tem força pra falar sozinha...brigar sozinha.

Carla: Falta isso que você chamou de apoio de...a unidade entre as andorinhas, né?

Cecília: É!

Célia: Nós aqui temos umas histórias bem parecidas, né? Uma com a outra...mas as que moram mais perto aqui é eu e a Cecília. Assim mesmo não é uma coisa que pode toda semana ou todo dia tá junto, né Cecília? É uma...é momentos que a gente pode tá junto né? A Dona Mariana, a gente mora mais afastado, ela (Sônia) a gente tá conhecendo agora...então é isso que falta na agricultura pra gente. (p.29)

Nem sempre as companhias agradam, elas podem ser companhias que não contribuem na valorização pessoal. Palavras de desencorajamento são comuns no cotidiano das mulheres a ponto de tornarem-se banalizadas pelas mulheres.

Carla: A senhora já passou por isso, Dona Mariana? (Preconceito)

Mariana: Ah...assim problema assim ...acho que...

Carla: Talvez quando teve que lavar o uniforme, pouco te reconheceram né?

Mariana: É...isso ninguém reconheceu né? Nem o meu próprio véio reconheceu né? Já faz mais de quarenta anos né...mas... (p.36)

Por trabalharem com agricultura familiar em base orgânica, as famílias deveriam seguir o modelo de sustentabilidade. Em um modelo assim, toda a família contribui na produção dos recursos e há condições iguais para ambos os sexos (Nead, 2008). Mas não é o que acontece, existe ainda uma desvinculação entre a teoria e a prática.

Cecília: Às vezes chega gente lá...” Ah eu quero falar com o Carlos” e eu “Ah ele não tá aqui, outro dia ele tá aqui, você vem outro dia!” - Já que eu não sirvo, Tô descartada!

Carla: Fazendo isso talvez você reforça esse lugar né... “Ah pode ir embora” não se coloca como alguém que pode resolver a situação, né.

Cecília: Mas eu não posso...talvez se é uma coisa que eu não sei.

Mariana: se for um pouquinho diferente aí...

Cecília: Aí vem tudo em cima de mim. (p.35)

Célia: Mas a gente já teve situação do João precisar sair e ele deixar eu pra negociar a uva...aí aconteceu do rapaz ligar e eu expliquei pra ele que o João precisou viajar, e eu que ia negociar a uva né. Ele negociava comigo, mas voltava atrás, porque ele não queria negociar comigo, queria negociar com o dono da uva. (p.35)

Sônia: Já. Eu faço parte de uma associação onde é quase tudo homem, né? Tem 36 homens...4 mulheres. Oh,..tem quatro anos que eu tô lá né? Dois me cumprimentam...dois!

Célia: E é um sentimento muito ruim, né? Que fica com a gente porque...

Sônia: O preconceito é muito grande contra a mulher (p.36)

A possibilidade de reivindicar direitos pode acarretar em “castigos” ou condições não favoráveis como, por exemplo, a não participação em futuros encontros de mulheres. Por isso, segundo elas, “melhor deixar como está”.

Célia: Eles ia achar que era uma crítica...que era, falar mal deles. É, nesse sentido, então ia gerar mais brigas...

Carla: Então uma coisa que pode ser produtiva, poderia causar mais conflito?

Sônia: E não vai deixar nem mais participar das reuniões

Célia: Talvez não ia ser produtivo. Então as reuniões nossa, tem que ser nós e longe deles.

Carla: Ok. Vamos pensar nos próximos frutos... (p.35, 36)

Nessas falas, percebo um discurso vívido por parte das mulheres, desejoso de força. Mas é, ao mesmo tempo, um discurso de impotência e insegurança. A “essencialidade” da impotência feminina estaciona muitas possibilidades de mudança e lança para os maridos a responsabilidade pelo movimento ou mudança. “Seria bom que eles ouvissem”.

Cecília: Tinha que catar eles...pra eles também ó!

Carla: Vocês acham que os homens também precisavam repensar essas coisas que a gente conversou aqui?

Cecília: Ah precisa ser repensado ó ... porque...hum!

Célia: Pra mim tá sendo um momento muito gostoso. Estar trocando o conhecimento uma da outra e ao mesmo tempo é tudo igual! Às vezes muda umas coisinhas...(p.32)

Além disso, o questionamento de questões sobre o papel feminino na estrutura familiar, questões de trabalho, violência e outras, ainda não podem ser tratadas perto dos maridos, a liberdade de expressão é diminuída quando os maridos estão próximos.

Conversas paralelas inaudíveis...

Carla: Ahn?

Mariana: Não tô brincando...

Sônia: Fazer uma reunião com eles juntos! Há! (risos)

(Risos)

Cecília: Eles dão uma pisa em cada um de nós! Não dá “memo”?

(Risos)

Célia: Não. Tem que pegar uma outra psicóloga pra fazer um grupo com eles...

Carla: Um dia quem sabe a gente..

Célia: Porque se juntar eles acabam...acaba a nossa liberdade de expressão!

Sônia: Eita é mesmo!

Cecília: Acaba mesmo Oxente!

Carla: Por quê?

Mariana: Eu acho que não!

Célia: Porque eles não iam entender um desacato desse, na maneira que a gente tá falando...

Sônia: Não... (concordando)... é... (p.35,36)

Circulam ainda alguns discursos que caracterizam a mulher como um “ser” amaldiçoado ou perigoso. Ou mesmo incapaz de trabalhar ou produzir algo. Mesmo que elas não concordem com isso, o fruto de tais comentários é uma sensação de injustiça, preconceito e impotência.

Carla: Então...o que eu ia te perguntar...pois é ... a gente ainda pode refletir muito sobre isso. Mas o que eu ia te perguntar é ... você disse o que ele pensa sobre mulher...e o que você pensa sobre mulher?

Cecília: (Ri baixo) (pausa) Não sei...

Carla: Você pensa que mulher dá azar?

Cecília: Ele fala, né? E eu falo...quem dá azar é vocês que fica morcegando a gente!

Sônia: (Ri)(p.31)

Cecília: Igual lá em casa...a menina tava falando aí...lá em casa o meu...ele não aceita opinião de mulher! Disse que mulher só sabe falar a coisa errada.

Sônia: Dá azar, né? Mulher dá azar.

Carla: Já ouviu isso Sônia?

Sônia: (Acena com a cabeça que sim)

Cecília: (continuando) Se for pela cabeça de mulher tá f!*

Sônia: Nossa!

Cecília: Tá f! (p.32)*

Cecília: Ela fala que é a língua da gente...fala que a língua da gente é tão grande que quando morre a terra não vai comer!

Célia: E o coração dele então é pequeno!

(todas falam agitadas ao mesmo tempo)

Cecília: É! Ele fala que nossa língua pega fogo! E nós só fala o que não deve! Eu falo e “ocês?” a língua de vocês é pra ferir, porque tudo que você fala é pra derrubar a gente!

Célia: A autoestima, né?

Cecília: Não é? (p.31)

Como consequência, segundo as mulheres há uma sensação de falta de reconhecimento, solidão, baixa autoestima e sofrimento psíquico. Algumas disseram sentir-se presas dentro da própria casa.

Carla: Cecília, como esse encontro hoje aqui te fortalece? De que maneira essas andorinhas que estão aqui hoje te acompanhando ajudam vocês a pensar nas suas vidas, nas suas coisas?

Cecília: Ah...aqui tá gostoso, aqui né? Mas chega em casa voltar tudo! Porque aqui...aqui a gente tá livre né? Chega lá, a gente se sente tudo presa de novo...

Mariana: uma andorinha presa...

Carla: Uma andorinha na gaiola...(p.35)

A companhia das participantes no encontro que se realizava naquele momento pareceu um alívio ou um lugar de pertencimento. Disseram que gostariam de realizar o encontro novamente, com o objetivo de fortalecimento mútuo.

Carla: É...são questões que não são novas...são questões que vem sendo carregadas, mas nunca é tarde pra gente pensar, né e tentar novos caminhos. Eu...vocês têm mais alguma coisa pra falar?

Cecília: Não...(risos)

Célia: Só que...eu não gostaria que acabasse nossa reunião.

Carla: Legal.

Célia: a gente podia se reunir mais vezes.

Mariana: Mais vezes e mais gente! (p.37)

Sônia: E tem que lutar, né..não pode desistir, né? (p.37)

A questão do fortalecimento intrigou-me, porque sugere uma luta, um combate que está enfraquecido nelas. A representação das questões de gênero discutidas ali ficou ainda mais parecida com um combate, depois que Cecília me disse que eu era para ela “um anjo da guarda”.

Do que eu a estou protegendo? Infelizmente, não fiz essa pergunta a ela. Mas sei que a conversa criou novas realidades e que aquele momento de criação conjunta trouxe consciência de sua representação coletiva e política (Rasera, 2007). Talvez eu não estivesse naquele momento “livrando-a” de continuar em uma situação de “não questionamento”, possibilitando um curto período de identificação e empoderamento mútuo.

Assim, os significados sobre companhia parecem revelar situações contraditórias. A família e os amigos são fatores promotores de bem-estar e vida de qualidade, mas é também nas relações que se encontram situações de preconceito e violência. Estereótipos e falta de recursos técnicos, educacionais e financeiros favorecem a manutenção de tais condições.

De modo geral, as agricultoras sofrem com a invisibilidade e diferentes tipos de violência. Muitas delas reconhecem algumas situações de exploração, mas poucas têm recursos de mobilização para mudanças de tais condições, já que a violência contra a mulher está calcada em preconceitos sociais e históricos.

Diante disso, fica a pergunta: “O que garantiria a essas mulheres melhores condições de vida?” Seria mesmo as condições materiais, como moradia, escolaridade e renda? Como prevê Minayo (2000) há condições subjetivas implicadas na avaliação das condições de vida de alguém. E o que de subjetivo está implicado na avaliação que as agricultoras fazem de sua vida?

Penso que o lugar que ocupam como mulher, o que as relações de gênero produzem como cotidiano e ideologia, isto sim sustenta as práticas e a realidade das agricultoras. Pois é impossível pensar QV sem considerar o pano de fundo das relações, principalmente, as relações de gênero.

Em contrapartida, mesmo que existam condições que sustentem realidades de certo modo, opressoras, não devemos desconsiderar aquilo que foi descrito como bom, em viver no campo. Todas as mulheres entrevistadas falaram também do que gostam em

sua vida campesina. Valorizando questões como família, trabalho com a terra, companhia de amigos, alimentação saudável, ambiente tranquilo e outros.

Desta forma, podemos dizer que existem alternativas criadas por elas mesmas com o objetivo de valorizar o que sentido com benefício em sua vida cotidiana. Como a valorização das relações humanas, ou mesmo dos alimentos que cultivam, fortalecendo assim sua identidade como mulheres produtoras.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como embasamento teórico-metodológico o Construcionismo Social, metateoria que enfatiza a criação de sentidos através da conversação e reflexão conjunta. Ele propõe que juntos podemos realizar a revolução de pensamento e da prática (Gergen, 2010). Com base nisso, orientamos o trabalho buscando problematizar o tradicional modelo de aferição de Qualidade de Vida (WHOQOL-100 e WHOQOL-bref) com o objetivo de compreender o que agricultoras familiares compreendem por Vida de Qualidade.

A iniciativa desta pesquisa baseou-se na problematização da metodologia e questionamento dos resultados obtidos em uma pesquisa anterior (citada na introdução deste trabalho). Os resultados apontavam que não havia diferença significativa entre os níveis de Qualidade de Vida de mulheres que participavam de associações e que eram assistidas por programas governamentais e outras que não eram, apesar das primeiras apresentarem melhor renda, condições de moradia, maior escolaridade.

Isso foi uma surpresa. Para além dos dados do questionário, havia inúmeras queixas das mulheres em relação à sua vida, mas não havia como mensurar tais questões no instrumento. A partir disso, questionamos a metodologia para análise de QV e também as condições de vida das mulheres entrevistadas. E assim, buscou-se um novo projeto, como foi descrito anteriormente.

Como a linguagem é a própria ação e constrói realidades através das interações, (Spink, 2010) meu objetivo com este estudo não foi apenas compreender o que elas entendiam por Vida de Qualidade, mas problematizar conjuntamente condições materiais e psicológicas que fundamentavam seu cotidiano.

O objetivo para a realização do presente trabalho, é também um objetivo político pois questiona o modo tradicional de medir a qualidade de vida e introduz a variável da desigualdade de gênero. A proposta de inversão do termo Qualidade de Vida por Vida de qualidade leva-nos a olhar além daquilo que os questionários tradicionais preveem.

Convida-nos a considerar a desigualdade e sofrimento que continua a existir sob a aparência de uma vida boa. É o que faz as respostas tornarem-se peculiares, distintas, humanas ou mesmo confusas. Ou seja, considerar o que uma população compreende por

Vida de Qualidade é englobar as características subjetivas assumidamente como constituinte do processo.

Para isso, conversei individualmente com cinco mulheres que estavam vinculadas a Associações de Agricultores orgânicos ligadas ao NADS. Dessas, apenas quatro participaram da conversa em grupo em que falamos da análise das entrevistas individuais.

Os sentidos construídos pelas agricultoras sobre Vida de Qualidade foram múltiplos e não podem, obviamente, serem sintetizados ou universalizados, pois continuarão ecoando na medida em que se relacionam. No entanto, por entender que a criação de sentido se dá através de nossas práticas colaborativas (Gergen, 2010) foram criadas conjuntamente alguns novos sentidos sobre Vida de Qualidade.

A saber, sobre o tópico família: relações de cuidado baseiam o papel feminino nesta instituição. O bem estar está relacionado à sensação de dever cumprido e desenvolvimento dos filhos. Em contrapartida, prevalecem sensações de ingratidão por parte dos filhos e cônjuges, abdicação da juventude e vivências de sofrimento como preço pelo sucesso da família.

Para as mulheres entrevistadas, o fator trabalho contribui para uma Vida de Qualidade por ser um caminho para a produção de renda e, conseqüentemente, da possibilidade de consumo independente. Além disso, o trabalho garantiria o prazer em ver os frutos de sua aplicação e a identidade de agricultora e trabalhadora (Codo, 2006). Diferentemente, nas relações de trabalho foram encontrados fatores de “infelicidade”, como a falta de reconhecimento, a desigualdade de remuneração entre homens e mulheres, invisibilidade do trabalho feminino e preconceitos de gênero.

Os sentidos construídos pelas mulheres sobre autonomia relacionam-se, principalmente, ao trabalho e ao reconhecimento deste. A independência financeira, o lazer e a possibilidade de gerir o processo de trabalho foram destaques do que se produziu conjuntamente na conversa. Fatores que impedem isso são a alta carga de trabalho, o não reconhecimento pelo trabalho doméstico realizado e a não realização de programas recreativos e de lazer.

Sobre companhia tivemos que a família e os amigos são fatores que possibilitam uma Vida de Qualidade. As conversas com amigas, a confiança e o apoio dos pares são o que tornam isso possível. Em contrapartida, novamente a falta de reconhecimento, palavras de intimidação e violência prejudicam os relacionamentos e alteram a autoestima feminina. Além disso, a falta de unidade entre as mulheres prejudica a organização por

busca de direitos iguais. Foram descritos sentimentos de solidão e acomodação diante de situações-problema como as citadas.

Todos os tópicos descritos brevemente relacionam-se aos Domínios do questionário WHOOQOL-100, mas não guardam semelhanças significativas. Os Domínios são referências genéricas universalizadas através do processo de validação do instrumento. Como ressalva, os autores Pio e Fleck (2005) e Minayo (2000) destacam que a dimensão QV é também subjetiva e, por isso, deve-se considerar questões subjetivas que envolvem a população pesquisada.

Por entender que a produção da pesquisa é uma prática colaborativa e conjunta, deve-se questionar “qual subjetividade está sendo criada para caracterizar os participantes da pesquisa?” A linguagem científica desconsiderou, historicamente, práticas de linguagem não correspondentes à sua tradição, o que colaborou para a desconsideração de questões que perpassam a realidade camponesa no Brasil. Como por exemplo, desigualdades sociais e de gênero. Estas apareceram nas conversas informais e no “Encontro Conjunto” realizado neste estudo.

As principais dificuldades enfrentadas pelas agricultoras participantes deste estudo foram: difíceis condições de trabalho, falta de reconhecimento, dificuldades na relação conjugal, não remuneração pelo trabalho, múltiplas tarefas domésticas, falta de recursos para empreendimentos de capacitação pessoal, não sentir-se feminina, sofrer violência verbal e velada. Esses são obstáculos para a emancipação das mulheres, bem como a busca por condições mais favoráveis de vida e trabalho.

A mulher rural também não se vê potencializada diante das circunstâncias sociais e ideológicas e contribui, com práticas reprodutoras de desigualdade de gênero, situações de violência através da banalização e desconsideração de tal situação.

De forma geral, aquilo que definimos conjuntamente como os quatro principais tópicos que representam Vida de Qualidade para as mulheres. Não são apenas produtores de situações de bem-estar e felicidade, estes também carregam consigo práticas discursivas que podem ser opressoras e causadoras de sofrimento. Deste modo, ao relacionar-se com aquilo que “mais lhe dá alegria” as mulheres submetem-se a situações de desvalorização e violência já banalizada.

No tópico família temos que a unidade familiar representa a felicidade da mulher, como mãe e esposa. Em contrapartida ao investir unicamente nesse papel, a mulher nega outras possibilidades de existência. Isto é, desenvolve sua vida no investimento do bem-estar familiar negligenciando o investimento pessoal. Desta forma, sonhos, estudos,

viagens, cursos e outros empregos ficam à margem, pois não fazem parte do modelo convencional do que “se espera de uma mãe”.

Desinvestida de relações fora do âmbito familiar, sem estudos, ou aprimoramento profissional a capacidade de trabalho remunerado, fora do contexto familiar, fica comprometido. Essa situação alimenta o sistema patriarcal que sugere que a agricultora realize trabalhos domésticos e na lavoura, sem necessariamente receber por este. Desta maneira, a dependência do ambiente doméstico relacionada à felicidade, contribui para um aprisionamento da mulher dentro dessas condições.

A falta de renda particular, não permite mais uma vez, que esta mulher invista em sua carreira profissional ou qualquer tipo de aprimoramento. A possibilidade de consumo, como a compra de roupas, materiais de higiene pessoal, e outros fica comprometido ou não existe. Pois, majoritariamente, a renda produzida através do trabalho da mulher na propriedade familiar é em sua totalidade direcionada para outros fins, que não o pagamento pelo seu trabalho.

Assim, não há autonomia nem do gerenciamento das condições de trabalho e nem autonomia proporcionada pelo poder consumo desta trabalhadora. Podemos dizer, ainda que não há autonomia em relação ao próprio corpo feminino (Cordeiro, 2012). Este dentro de uma visão patriarcal, é compreendido como posse do marido e deve a ele “gradidão” por sua orientação e cuidado (Stropoulos, 2004). Diante disso, a mulher não é autônoma em relação ao seu ir e vir, antes depende do aval do esposo, família e comunidade.

A mesma comunidade e família que compõem o último item que caracteriza Vida de Qualidade. A companhia apareceu como tópico mais motivador. Sensações como acolhimento, identificação, fortalecimento e alívio estão relacionados ao bem-estar produzido por ela.

Entendo portanto, que há condições históricas e sociais envolvidas na manutenção da realidade dessas mulheres. Elas compreendem por Vida de Qualidade algo que simultaneamente produz sofrimento e mantém condições por vezes opressoras, baseadas na desigualdade de gênero. Libertar-se de condições opressoras, ou ruins só torna-se possível quando compreendemos tais condições como negativas. Além disso, a criação de novas realidades depende do questionamento das velhas e da produção social de novos sentidos.

Com isso, quero dizer que o que as mulheres compreendem por Vida de Qualidade, assim como as condições negativas relacionadas a isso, são realidades sustentadas por práticas sócias e discursivas que vem sendo veiculadas há muito tempo.

E que podem no entanto, serem questionadas na tentativa de produzir uma “felicidade menos opressora”.

Vida de Qualidade para essas mulheres é existir, ser vista, ser reconhecida como sujeito ativo, “estar fora da gaiola”, “ser uma agricultora de verdade”. Isto é, ter o papel de trabalhadora reconhecido, ter possibilidade de investir em sua carreira profissional, ter tarefas familiares igualmente divididas, receber pelo trabalho realizado, ser ouvida, sentir-se feminina, sentir-se livre, estar próxima da família e amigos, ter apoio e unidade com os pares.

Quando, como pesquisadores nos propomos a analisar o bem-estar ou Qualidade de Vida de alguém é importante considerar o potencial criador do indivíduo e quais histórias este sujeito tem usado para contar sua vida. Ou seja, há práticas discursivas que já fazem a vida dele e que sustentam determinada realidade; há um motivo para serem úteis.

As agricultoras participantes deste estudo são co-construtoras de suas condições sociais, o que possibilita mudanças no processo de construção de sua própria realidade. Por isso, esperamos que a realização deste estudo possa ter contribuído para a multiplicação de possibilidades de ações diante da realidade que se apresenta. E que possa soar como um convite ao leitor para que seja também um sujeito ativo na produção de alternativas para a compreensão da realidade rural de uma forma plural e ampliada.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, F. J. B. (2002). Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (1), pp.1-6.
- Andrioli, L. (2014) *As mulheres na filosofia*. Recuperado de http://www.espacoacademico.com.br/058/58andrioli_liria.htm em 29 de novembro de 2014
- Ash, R. Highton, B. (1994). *Fábulas de Esopo*. Companhia das Letrinhas, São Paulo.
- Balsan, R. (2006). Impactos decorrentes da modernização na Agricultura Brasileira. *Revista de Geografia Agrária*, 1 (2), pp. 123-151.
- Bartoloto, H. (2012). Mulheres cuidadoras e homens descuidados? Concepções de Gênero nas políticas Públicas de Saúde. Trabalho de conclusão de curso. Uniararas. Araras, São Paulo.
- Bazotti, A. Cintra, A. P. (2012). População Rural e Agricultura Familiar e Transmissão do saber na Região Sul. *Caderno Ipardes*, 2 (1), pp. 80-94, jan-jun. Curitiba, Paraná.
- Borges, C.C; Mishima. S & Mcnamee (2008) Da autonomia à responsabilidade Relacional: Explorando Novas inteligibilidades para as práticas de saúde. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 1 (1), 8-19, jun.
- Bíblia. (1978). A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil.
- Borges, C. C. (2007) O Construcionismo Social no contexto da Estratégia Saúde da Família: articulando saberes e práticas. *Escola de Saúde e Enfermagem*. USP, Ribeirão Preto.
- Burr, V. (2003) *Construcionismo Social: Uma definição sobre Construcionismo Social* London; New York: Routledge.
- Brumer, M. (2006) *Gênero e agricultura a situação da mulher no Rio grande do Sul*. Recuperado em 18 de Dezembro de 2014, de <http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>
- Carvalho, D. J. (2011) *A conquista da Cidadania Feminina*. Revista Multidisciplinar da Uniesp- Uniesp, pp. 143-147.
- Castilho, E.W.V. *O que é gênero*. Recuperado em 22 de Junho de 2014, de <http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/informacao-comunicacao/eventos/mulher/diadamulher/verbet>.
- Conselho Regional De Psicologia. Disponível em <<http://www.crprr.org.br>>. Acesso em 16/06/2013.
- Cordeiro, R. de L.M. (2004). *Além das Secas e das Chuvas: o uso da nomeação mulher trabalhadora rural no sertão central de Pernambuco*. Tese de doutorado apresentada a Pontífice Universidade Católica de São Paulo. PUC, São Paulo.

Cordeiro, R. de L.M. (2012). Gênero em contextos rurais: a liberdade de ir e vir o controle da sexualidade das mulheres do sertão de Pernambuco. In: *Diálogos em Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social.

Del Priori M. (2014) *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta.

Furtado, O. (2011). *Construindo o compromisso Social da Psicologia: Trabalho e Solidariedade*. São Paulo: Cortez.

Gergen, K. J.; Gergen M. (2010) *Construcionismo Social: um convite ao diálogo*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.

Gergen, K. J. (1997). *Realities and relationships*. Cambridge: Harvard University Press.

González R. F. L. (2005) *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Cengage Learning.

Hammouti, N. D. E. (2002) O contexto histórico das correntes da análise institucional: as intervenções institucionais a partir da Segunda Guerra Mundial. In: MARTINS, J. B. (org). *Temas em Análise Institucional e em Construcionismo Social*. São Carlos: Rima.

Ibañez, T. (2001) *Municiones para dissidentes: Realidad-Verdad-Política*. Barcelona: Editorial Gedisa.

Ïniguez, L. (2002) Construcionismo Social e Psicologia Social. In: *Temas em análise institucional e Construcionismo Social*. São Carlos: Rima.

Lago, M. C. S; Beiras, A.; Müller, R; Toneli, M.J. F; Vavassori, M. (2008) *Gênero e Pesquisa em Psicologia Social*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Menezes, J. A. & Costa, M. R. (2010) Desafios para a pesquisa: o campo-tema movimento hip-hop. In: *Psicologia & Sociedade*, 22 (3), (pp. 457 – 465).

Michellon, E. *Êxodo rural assombra Paraná*. Retomado em 12 de Agosto de 2006. O diário do Norte do Paraná, Maringá.

Minayo, M. C; Araújo, Z. M. H; Buss, P. M. (2000) Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciência e saúde Coletiva*, V.5 n°1, pp. 7-18.

Ministério do Desenvolvimento Agrário (2005). *Cirandas do PRONAF para mulheres*. Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural – NEAD.

Monteiro, C.F. B. (2011) Avaliação do impacto de um projeto de extensão rural, através da análise de qualidade de vida e bem estar subjetivo de mulheres da agricultura familiar. In: *Anais do 10º Fórum de extensão da Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, PR, Brasil*.

Moscheta, M. S. (2011) Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Tese de Doutorado em

Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Nogueira, E. E. S. (2000). Identidade organizacional – um estudo de caso do sistema aduaneiro brasileiro. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Oliveira, P.R.C. (2007) Agricultura familiar e as relações de Gênero: um estudo da trajetória da mulher na agricultura familiar. *Anais da Semana acadêmica da Faculdade de Viçosa de Minas Gerais*. Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

Rasera, E. F.; Japur, M. (2007). *Grupo como construção social: aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo*. São Paulo: Vetor.

Sales, C. M.V. (2007) Mulheres rurais tecendo novas relações. *Revista de Estudos Feministas*, n. 2, v. 15, jun. UFSC, Santa Catarina, Brasil.

Santos, J. F dos. (2000) *O que é pós-moderno*. Editora Brasiliense. Primeiros passos. São Paulo.

Santos, R. A (2010) participação política das mulheres agricultoras nas Organizações populares e sindicais no sudoeste do paraná. In: *Geo UERJ - Ano 12, n . 21, v. 2, 2  semestre de 2010*. Disponível em: www.geouerj.uerj.br/ojs.

Sena, J.O.A. de. (2014) *Histórias de Semear e Colher*. Eduem. 1  ed. Maringá.

Silva, M.S da. Nas políticas públicas (2006) In: *Coletânea sobre estudos rurais e gênero*. CFP. Brasília.

Souza F. M de. (2010) *Avalia o do Impacto do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) na Qualidade de Vida e Bem-Estar Subjetivo de Mulheres no Estado da Paraíba*. Disserta o de mestrado apresentada à Universidade Federal da Paraíba.

Spink, M. J. P. (2010) *Linguagem e produ o de sentidos no cotidiano*. Biblioteca Virtual de Ciências Humanas do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Disponível em: <http://www.bvce.org>. Acesso em 13/06/2013.

Stadler, H. (2008) *Rela es Sociais de Gênero e Violência no Campo e na Agricultura Familiar*. Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Stropasolas. V. (2004) O valor (do) casamento na agricultura familiar. *Revista de estudos feministas*. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Tomanik, E.A. (2004) *O olhar no espelho: “conversas” sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. Maringá, Paraná: Eduem.

Vicentino, C. (1997) *História Geral*. Scipione. 4. ed. São Paulo.

Woortmann, K. (1990) *Anuário Antropológico*. Distrito Federal, Brasília: Editora Universidade de Brasília Tempo Brasileiro.